



Guilherme Teixeira

gap year - o sonho tornado realidade



Lista S vence AE

Num universo de 458 votantes, a lista liderada por Duarte Augusto recebeu 335 votos contra 120 a favor da oponente Lista S.

escola viva, 10

Escritores na escola

João Pinto Coelho, Bruno Vieira Amaral, Pedro Macedo, Ricardo Batista e António Mota foram os escritores que partilharam com os alunos as suas obras, e ideias.

suplemento 11-26

Pedro Rego

A paixão pela fotografia e pelos animais levou Pedro Rego ao Ártico e a viagem encerrou com a publicação de um vídeo e de um livro.

espaço ciência 4-5

Saúde Escolar

Alimentação saudável, postura corporal, malefícios do tabaco, agricultura biológica e o projeto "liga-te" motivaram diversas atividades que preencheram as escolas do Agrupamento.

escola viva, 10

Loucos anos 20

A década de 20 foi recriada pelos alunos do 9º ano que dançaram, pintaram, fizeram manifestações, simularam personagens, publicitaram produtos. Tudo numa curta manhã.

artes&companhia 30

Alunos aprendem a correta postura corporal



Joana Gonçalves: o lugar da tradição no presente



Editorial

Luísa Diz Lopes

Se há área que pode ser considerada estruturante numa sociedade, essa é a educação. Os modelos educativos implementados definem o ideal de sociedade que se pretende construir, num processo que é longo e no qual podem interferir variáveis nem sempre previstas.

Por este motivo, é incompreensível que os sucessivos responsáveis por esta área não procurem um consenso alargado sobre o tipo de cidadão que deve existir no futuro e não definam em conjunto, num grupo de trabalho onde figurem todos os partidos que integram ou podem integrar um governo, o modelo educativo mais adequado à formação desse cidadão. Um modelo educativo em avaliação constante a permeável aos necessários reajustamentos, sem que a sua coluna estruturante se desviasse.

Deste modo, a educação ficaria menos suscetível a gostos pessoais ou de uma equipa ministerial ou a atitudes umbiguistas que desejam desesperadamente deixar uma marca durante o seu período de governação, esquecendo-se de que o seu nome será lembrado durante alguns anos, mas os efeitos dos seus atos serão bem mais duradouros.

Vem isto a propósito do recente anúncio de mudanças curriculares com diferente distribuição na carga horária das disciplinas, entre outras alterações que evidenciam que o paradigma educativo deste governo é bem diferente do do anterior. Tudo estaria bem se não fosse o exemplo do que tem acontecido nos últimos anos, em que as alterações se sucedem sem avaliação do que foi feito anteriormente, apenas porque subjacentes a elas estão ideologias completamnete opostas.

Repare-se em algumas das mudanças ocorridas nos últimos anos, no ensino secundário:

- em 2001, a reorganização curricular elenca competências transversais e cria áreas curriculares não disciplinares, sem que exista qualquer formação sobre o modo de lecionar Área de Projeto, Formação Cívica ou Estudo Acompanhado, que começaram a ser espaços para complementar falhas noutras disciplinas;

- em 2006, a reforma do ensino secundário, enquadrada pelo decreto-Lei 24/2006 integrou no seu desenho curricular dos Cursos Científico-humanísticos a disciplina de Área de Projeto, que se centrava na realização de projetos concretos por parte dos alunos, com uma visão integradora do saber e a sua aproximação ao mercado

de trabalho. Infelizmente, a disciplina foi lançada sem que fosse realizado um trabalho preparatório prévio com os docentes que a iriam lecionar, o que foi um erro dado o carácter prático da mesma a a diferente abordagem que exigia. A formação veio depois, mas houve muito que se perdeu nos primeiros anos e vícios que se instalaram rapidamente. De qualquer modo, a introdução desta disciplina era uma evidência de um perfil que se pretendia que o aluno possuísse ao terminar o ensino secundário e do facto de nesse perfil constarem muitas das “soft skills” consideradas fundamentais;

- em 2009, entraram em vigor os programas de Português, reforma que implicou, previamente, uma ampla formação de docentes, que perdurou durante os primeiros anos de implementação. Longe de ser perfeita, é certo, mas teve a qualidade de ter sido a primeira vez em que uma reforma não foi iniciada pelo “telhado” e em que se revelou consciência de que os que a vão implementar têm de se sentir preparados para tal, o que foi possível quer através da formação quer dos materiais que os responsáveis pela mesma produziram e disponibilizaram a todos. Era um programa cujos pressupostos valorizavam o desenvolvimento em espiral de competências, a aquisição integrada de conteúdos e a definição de perfis de final de ciclo através da medição de descritores de desempenho.

- a revisão da estrutura curricular em 2011 extingue a Área de Projeto com o intuito de reduzir a dispersão e reforçar as áreas essenciais, apesar do parecer contrário do Conselho Nacional de Educação e de estudos científicos que comprovavam a importância da disciplina. Simultaneamente, é criada a disciplina de Formação Cívica no 10º ano;

- 2012 é o ano da criação das metas curriculares que realçam a primazia dos conteúdos e objetivos e repudiam o termo “competência”. No caso do Português, o programa é sobrecarregado com a Educação Literária, que o asfixia e faz, por exemplo, a oralidade regressar ao lugar de “parente pobre” que durante tantos anos ocupou.

Alguns exemplos que ilustram a deriva educativa que tem caracterizado Portugal, pois cada alteração assenta em paradigmas bem distintos. Pode esperar-se que exista um empenho forte e dedicado em algo que, tendo em conta experiências passadas, se adivinha breve?

Clube de Jornalismo ou os fantásticos jovens que tornam este projeto possível



Nascido na Capital, criado no interior, uma pessoa divergente e complexa, tao liberal quanto conservador, indeciso entre humanidades e ciencias e odeia fazer escolhas, enfim, um paradoxo em pessoa! É assim que se descreve, a si mesmo Aníbal Fernandes.

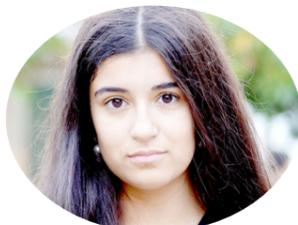
Bruno Filipe Gonçalves Gomes, cosmopolita brigantino de dezassete anos, é aluno da turma B do 12º ano de Ciências e Tecnologias na Escola Secundária Abade de Baçal durante toda a manhã. À tarde tenta ser amante de basquetebol, jornalista, jogador de xadrez e ator de teatro. Gosta muito da sua família e dos seus amigos e agrada-lhe, ainda, um bom prato de carne e uma tarde bem passada na natureza, a sentir o tempo passar.



Amante da ciência, o Guilherme tenta equilibrar o pragmatismo científico com a reflexão de questões físicas e metafísicas. Desde sempre que se evade da realidade através de livros, séries, filmes do género policial e ficção científica. Aspira alcançar a perspicácia de Poirot e, quem sabe, a fórmula universal para desvendar qualquer mistério. Vive da procura de conhecimento tal como de oxigénio e sobrevive, dia após dia, ao último ano do secundário.



Matilde Barros, 16 anos, aluna do 11º do curso de línguas e humanidades. Com um toque de “drama queen”, considera-se sentimentalista exigente ainda que de boa índole. Não sabe se prefere a calma ou a confusão, um bom filme ou uma boa música. Observadora e inicialmente tímida, interessa-se pelo mundo em redor e pela estética. Espera vir a ter um futuro ligado à comunicação ou ao direito.



Olá! Sou o Gil, e dos meus 20 longos anos, há algumas coisas que deveriam saber. Frequento o 12º ano de Economia, gosto bastante de escrever (com a minha stora de português, só em tpc's, já editei dois romances), ler, ouvir musica, respirar e essas coisas que os humanos fazem. Sou socialista em full time e benfiquista nas horas vagas. Apesar da minha carteira não colaborar com os meus gostos, adoro viajar e conhecer cidades, culturas e modos de vida diferentes. Acho que a sociedade tem que conjugar mais o verbo ser do que o ter, pois a maior pobreza do Homem é a de espírito.



Chamo-me Maria Manuel, mas cresci habituada a ouvir toda a gente tratar-me por Mané, talvez porque fica no ouvido e é mais curto. Tenho 17 anos e estou no 12º ano na área de ciências e tecnologias. Considero-me uma adolescente feliz e divertida, e foi o meu gosto pela escrita que me levou a entrar para o clube de jornalismo, apesar de querer ingressar na área das engenharias.



Mariana Magalhães, 16 anos, 11º ano, curso científico-humanístico de línguas e humanidades e, se tudo correr bem, futura estudante de Direito em Lisboa. Uma cidadã do mundo, sempre pronta para uma nova viagem, um novo país, uma nova cultura. Um pouco impaciente, mas sempre pronta a ajudar o próximo.



Pedro Venâncio, 17 anos, estudante do Curso Científico-Humanístico de Ciências e Tecnologias na turma 12ºB, Delegado de turma e Representante dos alunos no Conselho Geral, com um gosto imensurável pela língua portuguesa, calmo, mas também consegue ser extrovertido. Prestável por natureza e com um particular fascínio por edição de vídeo e fotografia, sociável e amigo. Lema: Carpe Diem.



Ficha Técnica

Edição e propriedade do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal - Bragança
Tel. - 273322163/273322462;
email - outrapresenca@gmail.com;
edição digital-www.outrapresenca.com;

Coordenação - Luísa Diz Lopes - Redacção
- Clube de Jornalismo_Autor do Logótipo
- Rui Garcia .Grafismo e Fotografia - Clube de Jornalismo, Cursos Profissionais de Multimédia- Edição e paginação - Clube de

jornalismo, Luísa Diz Lopes . Revisão - Clube de Jornalismo
Projectos em Interação - Biblioteca/CRE; Desporto Escolar; Grupo de Saúde Escolar.
Colaboradores: alunos e professores do

agrupamento, ex-alunos (identificados nos textos)
Agradecimento especial pela colboração dos professores Sónia Rodrigues, Elisa Ramos, António Palma Fewrreira, Fernanda

Brás Alves, Esmeralda Gonçalves, Rui Gonçalves, Ana Almeida, Albino Falcão, Paula Minhoto, Paula Rodrigues.

Impressão - Diário do Minho
Tiragem - 1000 exemplares

Os loucos anos 20



Já imaginaste chegar à escola e encontrares na tua sala o Alves dos Reis a tentar burlar-te? Ou estares concentrado numa aula e seres interrompido por uma manifestação de sufragistas a passar nos corredores da escola? Ou então, queres tomar o teu lanche da manhã, e encontrares um cabaré onde se dança o charleston? Estranho, não é?

Matilde Gomes - 9ºB

Tudo isto aconteceu no dia 9 de fevereiro na escola Abade Baçal, quando os alunos das turmas B e E do 9.º ano apresentaram a atividade “Loucos anos 20”. Esta atividade foi o

culminar de um trabalho de projeto levado a cabo pelos alunos na disciplina de História, em articulação com as disciplinas de Educação Visual, Educação Tecnológica e Inglês, através do qual trataram os conteúdos relativos à temática “Sociedade e cultura nas primeiras décadas do século XX”.

Ao longo deste dia, foi tempo de mostrar o resultado da pesquisa e trabalhos realizados: os alunos de ambas as turmas vestiram-se à moda dos Anos 20, dançaram a dança da moda, o Charleston, numa zona da escola que foi transformada num cabaré dos anos 20, distribuíram panfletos aos alunos e

colocaram pela escola cartazes com publicidade, invenções e desportos da década de 20. À entrada da biblioteca, estavam cópias de capas de livros publicados naquela década. As alunas participaram numa manifestação sufragista que tinham como objetivo apelar aos direitos das mulheres, como o direito ao voto. Também foram reencarnados personagens daquela época como Artur Virgílio Alves dos Reis, um burlão português, e Rodolfo Valentino, o primeiro galã do cinema, que percorreram as salas e os corredores da escola.

Durante este dia, foi ainda possível visitar uma exposição que quadros

pintados pelos alunos que pretendiam retratar as principais correntes artísticas vanguardistas das primeiras décadas do século XX. No auditório, os alunos puderam assistir, após uma breve explicação sobre a importância e a história do cinema, feita por um aluno do 9.º ano, a um filme de 1925 (lançado em Portugal em 1927), o “The Gold Rush”, realizado e protagonizado por Charlie Chaplin.

Esta atividade fez com que a escola se tornasse diferente por um dia e deu a conhecer a todos os alunos, funcionários e professores um pouco sobre os Anos 20.



Equação do amor

$$\begin{aligned} x(bc + mo) &= mo(abc + x) - bcte \Leftrightarrow \\ \Leftrightarrow xbc + xmo &= moabc + mox - bcte \Leftrightarrow \\ \Leftrightarrow xbc + xmo - mox &= moabc - bcte \Leftrightarrow \\ \Leftrightarrow xbc + xmo - xmo &= bc(moa - te) \Leftrightarrow \\ \Leftrightarrow xbc &= bc(moa - te) \Leftrightarrow x = \frac{bc(moa - te)}{bc} \Leftrightarrow \\ \Leftrightarrow x &= moa - te \Leftrightarrow x = amo - te \end{aligned}$$

Matemática lúdica

Fim do primeiro período, chegou o tempo de comemorar o dia da Matemática.

Paula Rodrigues

No dia 14 de dezembro, o departamento de matemática proporcionou aos alunos de 5º e 6º ano uma manhã diferente na Escola Augusto Moreno. O mesmo aconteceu na Escola de Izeda.

Na Escola Abade Baçal a mesma atividade decorreu dia 15 de dezembro. Foram

colocados na biblioteca, jogos didáticos relacionados com os conteúdos de matemática, para que os alunos de forma lúdica pudessem por em prática os seus conhecimentos. Foi sem dúvida uma manhã muito bem passada. O departamento felicita os seus alunos pelo empenho nos vários jogos de tabuleiro. Até para o ano.



Programa Erasmus+ “Greener future”

O Erasmus+ é o programa da Comissão Europeia, no domínio da Educação, Formação, Juventude e Desporto que decorre entre 2014 e 2020. Este programa tem vários projetos entre eles o KA2 -Cooperation for Innovation and the Exchange of Good Practices Strategic Partnerships for school education.

Paula Minhoto

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal em conjunto com o Lycée technique provincial Jean Boets da Bélgica, o Educational centre Kohila da Estónia, o IES Salvador Rueda de Málaga-Espanha e o Elisabeth-Selbert-Gesamtschule da Alemanha elaborou um projecto conjunto que foi candidatado e aprovado para os anos letivos 2016/2017 e 2017/2018.

O projeto denomina-se “Environment in our everyday life: preserving biodiversity for a greener future” O ambiente no nosso dia a dia: preservar a biodiversidade para um future mais verde.

O objetivo deste projeto é a criação de uma parceria entre os países participantes, para aproveitar todos os projetos e políticas de proteção ambiental, introduzi-los e testá-los nos países parceiros, embora com alguns ajustes e mudanças relacionados com restrições locais. A particularidade e a parte inovadora do projeto reside no facto de os alunos poderem descobrir, observar, estudar, analisar e comparar a natureza nos diferentes países e compará-los não a partir de uma sala de aula, de um livro ou da Internet, mas diretamente nos locais. Isto irá torná-los muito mais ativos na sua

própria aprendizagem, aumentando assim a motivação e o interesse no que fazem, o primeiro passo para evitar os riscos de abandono escolar precoce. Não só vão aprender coisas sobre o seu próprio ambiente, mas também sobre ambientes e culturas de outras regiões europeias.

Em cada escola serão desenvolvidas atividades relacionadas com pequenos gestos do dia a dia mas que possam fazer a diferença em termos de proteção do ambiente, entre eles: instalação de uma pequena horta, compostagem de resíduos e reciclagem de materiais, visitas a áreas protegidas e estações de tratamento. As atividades envolverão a comunidade escolar no sentido de promover a mudança de atitude e de práticas. Os resultados serão partilhados com os países parceiros dos projetos através de várias plataformas. As atividades do projetos podem ser acompanhadas por toda a comunidade escolar através da página do agrupamento e de uma página do Facebook deno minada “Greener future”.

O projeto inclui ainda a mobilidade de alunos entre as escolas



dos vários parceiros do projeto. As mobilidades decorrem durante uma semana em cada uma das escolas envolvidas e consistem na deslocação de 4 alunos e um professor de cada um dos países para a escola onde decorre a mobilidade. Os alunos estrangeiros ficam alojados em casa de alunos do agrupamento que os recebem, o que lhes permite conhecer de perto os hábitos e cultura do país.

Os alunos do nosso agrupamento (dois do 12 ano e dois do 11 ano) estiveram, durante o mês de Novembro,

em Málaga. Nesta mobilidade, além de muitas outras atividades, decorreu a votação do logotipo que representa o projeto tendo sido eleita a proposta portuguesa.

De 20 a 25 de Março será a vez do nosso Agrupamento receber os alunos dos restantes países, serão ao todo 16 alunos e cinco professores. Durante essa semana, decorrerão várias atividades no espaço da escola e no exterior com visitas à cidade e a áreas protegidas do distrito como sejam o Parque Natural de Montesinho

e o Parque do Douro internacional. Será uma oportunidade excelente para toda a comunidade escolar contactar de perto com pessoas outros países, partilha de conhecimentos e enriquecimento mútuo.

Os nossos alunos, quatro de cada vez, acompanhados de professores deslocar-se-ão à Alemanha em outubro de 2017, à Bélgica em março de 2018 e em maio de 2018 à Estónia.



Na penúltima semana de novembro participei no projeto Erasmus+. Ainda me estou a lembrar das agradáveis experiências que vivi em Málaga, que é uma cidade muito diferente da nossa, no entanto, é muito bonita, jovem e emocionante. Esta viagem marcou a minha vida, pois vivi experiências inesquecíveis.

Visitei várias localidades muito interessantes como Almeria, Antequera, entre outras. Gostei dos momentos que passei lá sobretudo da convivência entre todas as pessoas participantes neste projeto. Gostei muito da família que me acolheu, da escola e dos companheiros dos outros países. Com esta experiência, pude treinar outras línguas, como o inglês e o espanhol.

O dia de que mais gostei foi aquele em que fomos à localidade de Almeria, que é conhecida internacionalmente pelos seus desertos e clima, tendo lá sido produzidos filmes de cowboys americanos.

Vou-me recordar sempre desta experiência, vou guardar cada momento que vivi e cada pessoa com quem convivi na minha memória e não esquecerei a belíssima cidade que me acolheu.

Diana Rodrigues -11ºB

Abade de Baçal no Parlamento Europeu

Alunos da Escola visitam Bruxelas

Os alunos da Escola Secundária Abade de Baçal visitaram, no passado mês de setembro, a cidade de Bruxelas, depois de vencerem o concurso “Escola na Europa”, promovido pelo eurodeputado José Manuel Fernandes do PSD (Partido Social-Democrata) e PPE (Partido Popular Europeu).

Anibal Fernandes - 11ºA1

A saída da Escola aconteceu por volta das 5 da manhã, do dia 29, para poder apanhar o avião no aeroporto Sá Carneiro e chegar por volta das 12 horas à cidade de Bruxelas (hora local), onde um autocarro transportou a comitiva até ao hotel. Uma vez instalado, o grupo saiu para ir almoçar e visitar a cidade, “capital” da Europa.

Depois de almoço, alunos e professores aproveitaram o tempo livre para fazer compras, visitar alguns museus e monumentos e

do Muro de Berlim, ali exposto. Após terem entrado no Parlamento, e tendo respeitado os protocolos de segurança, foram direcionados para uma sala onde ouviram uma palestra

na Flandres. Chegados a Bruges, os brigantinos aproveitaram o tempo livre para almoçar e a tarde para apreciar o centro histórico da cidade, fazer compras, apreciar

“Esta viagem a Bruxelas foi bastante gratificante, uma vez que tivemos a oportunidade de conhecer a cidade, o Parlamento Europeu e a encantadora cidade de Bruges. Foi também uma viagem bastante educativa, já que pudemos aprofundar os nossos conhecimentos acerca da história da União Europeia. (Anibal, Diane, Maria Manuel e Eduarda - 11ºA1)

provaram o típico chocolate belga. À hora de jantar, dirigiram-se ao restaurante Chez Leon, onde puderam degustar um típico jantar belga. O menu teve por entrada bagueete acompanhada de petiscos belgas, sendo o prato principal mexilhões com as típicas batatas fritas. No fim da refeição, puderam apreciar ainda uma sobremesa belga. Todo o jantar fora cortesia do eurodeputado.

No segundo dia de viagem, o grupo dirigiu-se ao motivo principal da viagem: O Parlamento Europeu. Começou por contemplar a fachada e apreciar a sua arquitetura e, ainda, tirar umas fotografias ao lado de um pedaço

dada pelo eurodeputado sobre o funcionamento e atividade do Parlamento Europeu. O eurodeputado durante a sua palestra referiu exemplos recentes do trabalho que realizava, como o caso das sanções a Portugal ou dos refugiados.

Uma vez terminada a palestra, dirigiram-se ao hemiciclo onde foi explicado o funcionamento do mesmo. Depois, o grupo teve o seu tempo de tirar as fotografias e apreciar o Parlamento. Seguiu-se uma visita guiada em português ao museu oficial do Parlamento Europeu: Parliamentarium. Finda a visita, houve um tempo de lanche antes da viagem até Bruges

os chocolates, que alguns aproveitaram para trazer para casa.

Tiveram a noite livre, onde aproveitaram para sair e jantar na cidade de Bruxelas.

No terceiro e último dia, visitaram debaixo de chuva a mini-europa, onde puderam aprender sobre cada país da união europeia. Terminaram o programa com uma visita relâmpago ao Atomium, onde aproveitaram para contemplar a paisagem belga.

Finda a visita, realizaram uma viagem até Lille, onde apanharam o avião para regressar à pátria.



pela nossa terra
JOSE MANUEL FERNANDES

Eleições para Associação de Estudantes da ESAB Lista S define o rumo da nova AE

Os alunos elegeram no dia vinte e um de outubro, para o ano letivo de 2016/2017, a nova Associação de Estudantes do Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, composta pelos elementos da proponente Lista S. Num universo de 458 votantes, a lista liderada por Duarte Augusto recebeu 335 votos contra 120 a favor da oponente Lista W.

Bruno Gomes e Pedro Venâncio - 12ºB

Neste ambiente, como é costume em cada eleição anual, as listas candidatas deram o seu melhor na preparação de uma campanha, a qual teve lugar no dia 19 de outubro. Aderiram não só os alunos da escola sede do agrupamento, mas também outros oriundos das restantes escolas da cidade que

Fuse e contribuir na criação de um dia que se destacou pela positiva. Segundo o aluno Guilherme Moreira (12ºB) a lista S foi superior, sendo que “teve melhores momentos de animação, o que, consequentemente, transmite um melhor ambiente.”. Contrariamente, a lista W “teve algumas falhas técnicas que afetaram a transmissão da mensagem”. Além disso, vários alunos, através do seu testemunho para o Jornal Outra Presença, fizeram transparecer o seu agrado pelo momento que viviam, destacando mais as atividades e presenças que marcavam o dia do que as ideias programáticas de cada lista, como o Tiago Fernandes: “Está a ser uma boa campanha, estou a gostar. Tive oportunidade de ouvir bons “Rapper’s.”

De forma a apresentar as propostas de execução de

número de estudantes possível. Na mesa, moderada pelo professor Rui Gonçalves, os representantes da lista S -, João Gil, Duarte Augusto e Inês Marrão - apresentaram-se bem preparados para o debate, reforçando os “três pilares” nos quais assentou o programa da lista S: o primeiro, respeitante “à forma de estar enquanto Associação de Estudantes”, definiu o pluralismo, a coesão e a abrangência como elementos orientadores; o seguinte destacou “um acompanhamento constante das necessidades dos alunos” mantendo políticas de “contacto e proximidade”; finalmente, o terceiro, regeu-se pelas “medidas executivas” concretas que afirmaram o compromisso da lista S. Do outro lado, Tiago Veiga, Jorge Tiago e João Pedro defendiam a W, “uma lista de todos e para todos”, que propunha “ser o apoio dos alunos” e estar disposta e apta “na resolução de todos os problemas”. Na abordagem do programa da lista e na conceção de escola ficou evidente a superior preparação da Lista S, que revelou um claro domínio durante os quarenta minutos do debate. A organização de atividades desportivas, lanches-convívio no espaço do bar antigo, festas

temáticas, a legalização da AE e a mudança de algumas regras existentes na escola, entre as quais a entrada dos alunos pela entrada principal foram os principais temas abordados pela lista S. Já a lista W, pela voz de Tiago Veiga fez sentir a necessidade de ter “uma rádio mais presente”, de adquirir cacifos, e de promover sessões esporádicas de cinema na escola.

Este ano, todo o processo de eleição da Associação de Estudantes foi bem acolhido por toda a comunidade escolar e, apesar das inevitáveis divergências que provocaram uma ou outra discussão mais acesa entre membros e apoiantes das listas, é crucial destacar o companheirismo, a amizade, o espírito de entreatajuda, a honestidade, a lealdade e a maturidade revelados pela sua

Os alunos não são apenas números. São a base de uma escola. Sem alunos não havia associação. A associação deve representar os alunos em todos os momentos: nos fracassos e nas vitórias. (Tiago Veiga para o OP no dia da Campanha)

Além de trabalho, apresentamos ambição, espírito de união e sentimo-nos contentes. (Duarte Augusto para o OP no dia da campanha)

não quiseram perder a oportunidade de ver os artistas Mantorras, DJ Kimono, Ghost, Ninja Kore, DJ Rui Martins e

ambas as listas para a futura AE, realizou-se o debate que teve lugar no exterior, com a finalidade de abarcar o maior

Assistiu-se, ainda, ao tradicional desfile, protagonizado pelos melhores modelos da escola, que teve o apoio de lojas locais.

É de notar que as listas começaram muito atempadamente a preparar esta eleição e a proporcionar o convívio entre os jovens estudantes. Surgem, com particular relevo, a recepção ao caloiro e as inúmeras festas e torneios organizados por ambas as listas e que foram, também, um dos pilares deste sufrágio.

importância no bom ambiente que se mostrou entre as listas.

João Gil, Duarte Augusto e Inês Marrão apresentaram-se bem preparados para o debate, reforçando no programa da lista S o pluralismo, a coesão e a abrangência como elementos orientadores; “um acompanhamento constante das necessidades dos alunos” mantendo políticas de “contacto e proximidade”; “medidas executivas” concretas que afirmaram o compromisso da lista S.



Duarte Augusto: Dar voz aos alunos

Aluno do 12º C da Escola Secundária Abade de Baçal, Duarte António da Cunha Augusto foi eleito presidente da Associação de Estudantes e em entrevista ao Jornal Outra Presença abordou o percurso que levou à vitória da lista S, bem como o conjunto de projetos que tencionam concretizar.

Quais foram os critérios de escolha dos membros da vossa lista?

Na minha opinião uma lista é sempre criada por um grupo de amigos que querem fazer algo de diferente e deixar a sua marca, retribuindo à escola tudo o que ela lhes deu desde o sétimo ano. [Foi nisso, portanto, que se baseou a constituição da presidência da lista. Chegámos a ter problemas no decorrer das eleições, nomeadamente no que toca ao cargo de secretário da lista, o qual foi resolvido através de uma votação dentro do próprio seio da lista.] Por outro lado, aquando da entrega de cargos para as outras comissões escolhemos as pessoas mais competentes para cada cargo, com a noção de que a popularidade, o conhecimento e a facilidade de comunicação com os alunos para os cativar a votar na nossa lista era importante. Tentamos abranger o máximo de pessoas possível, falando com as minorias e integrando-as nas nossas várias comissões. [A lista foi criada da forma mais justa possível e tendo em conta todos os pontos de vista.] Até agora as escolhas revelaram-se boas. Todos estão a desempenhar o seu papel, apesar de haver sempre aquelas pessoas que ficam com a euforia das listas que desvanece um bocado quando essas listas se tornam associações, mas até agora temos sido uma Associação de Estudantes (AE) que luta pelos interesses dos alunos, tanto que já conseguimos fazer algumas coisas que não são habituais na escola como o magusto, termos conseguido pressionar a direção para que os alunos pudessem entrar pela porta principal e não pelos confinados da escola (já que a escola é também para os alunos) a partir de janeiro - o que já é uma medida que conseguimos concretizar. A associação até hoje tem tentado ao máximo fazer tudo o que pode para mudar a escola para melhor, para que as coisas corram bem, para que haja mais dinâmica na escola e mais inte-

ratividade entre os alunos.

Qual é o papel de uma AE na escola e qual o papel do presidente nessa Associação?

O papel da AE é, em primeiro lugar, representar os alunos. Os alunos precisam de ter uma voz. Essa voz está na AE e, mais propriamente, no presidente que tem de representar esses alunos da melhor forma possível e lutar pelos seus interesses. Em segundo lugar, a AE tem o dever de procurar ver onde é que a escola pode melhorar e lutar por essa mudança.

O que é que vocês tencionam melhorar na escola? Quais foram os problemas que vocês identificaram que acham que precisam de melhorias?

O primeiro problema que tentámos mudar na escola - que foi a nossa medida principal enquanto lista candidata - foi a questão dos acessos. Pretendemos que os alunos entrem pela porta principal, já que considerámos que não fazia sentido de forma alguma entrarmos pela porta lateral. Em cooperação com a Direção da Escola e com muito esforço da AE, já conseguimos implementar esta medida.

Achámos também importante a existência de cacifos. Estamos a elaborar um plano de execução que nos mostrou o quão difícil seria levar a cabo a medida, pelo que baixámos as expectativas e limitámos os alunos abrangidos ao 3º ciclo por terem mais aulas e disciplinas, e por terem menor estatura. [Uma alternativa a esta medida seria a criação das "salas de turma", isto é, a atribuição de uma sala a cada turma, onde os alunos se sentiriam à vontade para deixar os seus pertences. Isto ajudaria também à rentabilização do espaço no bar (que achamos ser pouco para o número de alunos que a escola tem), já que não estaria ocupado com as mochilas dos alunos.]

Tentamos, ainda, legalizar a AE, com o intuito de concorrer

a fundos europeus que ajudariam a associação a cumprir com as restantes medidas.

Quais são as principais atividades que a AE vai desenvolver este ano letivo (à parte das que já foram referidas)?

As principais atividades que a AE deve desenvolver devem estar ligadas à criação de uma maior dinâmica, interação e atividade entre os alunos. Apesar de todas as dificuldades que nos têm sido apresentadas, queremos que haja torneios desportivos mensais, onde os alunos possam passar uma tarde diferente e divertida, acalmando a ansia do estudo e dos testes. Queremos criar para os alunos mais velhos algumas noites em que possam encontrar-se e passar um bom bocado num determinado sítio, ajudando também a desanuviar da ansiedade dos testes. Gostávamos também de não deixar os dias comemorativos (halloween, dia dos namorados, dia do trabalho, dia da liberdade, etc) passar despercebidos na escola, nomeadamente através de decorações, para relembrar a importância de algumas destas efemérides.

A AE sente-se apoiada por outras entidades para concretizar esse tipo de ideias?

Até ao momento não temos tido grande razão de queixa, apesar de ser complicado para nós pôr em prática algumas ideias, como por exemplo nos torneios desportivos, já que não há tardes livres no pavilhão (apesar de nos aborrecer um pouco o facto de às sextas-feiras haver apenas uma aula de 45m, já que impede que utilizemos o pavilhão a tarde toda) e, querendo proporcionar um bom ambiente aos alunos, não os vamos realizar no exterior, até porque estaríamos sujeitos ao próprio clima. De resto, restamos esperar por uma atitude positiva da parte da Direção em prol da ação da AE. Existe um plano de atividades dentro da AE que será inserido no plano

de atividades do próprio agrupamento, que está disponível no site online, onde todos poderão ver, pelo menos, a semana para a qual estão programadas as atividades da AE. São atividades que abrangem toda a comunidade escolar. Por exemplo, quando "transformamos" a escola, num dia festivo, toda a gente pode ver, e isso torna a escola diferente por um dia. Quanto aos torneios, festas e outras atividades, nós tentamos sempre abranger o máximo de pessoas possível, mas é claro que não podemos obrigar, de forma alguma, as pessoas a participar, mas a verdade é que nós divulgamos tudo o que fazemos, tal como pudemos comprovar com o Magusto escolar que, apesar do esforço conjunto da escola e da AE, não teve uma grande adesão devido à pouca valorização da atividade por parte dos alunos, pois preferem estar num café ou em casa a ver televisão do que vir para a escola, interagir com os colegas e passar uma tarde diferente. No que toca





a outro tipo de atividades, a escola não nos deixa desenvolver muito mais, até porque achamos que a escola já tem bastantes ofertas, como o clube de jornalismo, de teatro, etc... Desde que os alunos queiram, podem fazer parte dessas atividades. Com o tempo a própria AE vai fazer coisas diferentes.

Comparado com o ano anterior, no que toca à eleição, que alterações a nível de estratégia é que achas que ditaram a vossa vitória?

Eu não quero estar a entrar em comparações com outras listas deste ou outros anos letivos. Nós aprendemos com outras listas, procurámos informar-nos previamente do que teríamos de fazer para ganhar, mas acima de tudo a nossa vitória foi fruto de trabalho, esforço, dedicação e da ambição de nos tornarmos AE para podermos retribuir à escola tudo o que ela nos deu.

Destacas alguma atividade que tenha determinado a vossa vitória?

Não foi uma atividade em particular que determinou a nossa vitória, mas sim a atitude dos membros da lista diariamente. Todos tentávamos ao máximo falar com toda a gente, interessarmo-nos pelas pessoas e interagir ao máximo com os alunos para cativar o interesse deles. As votações viriam a mostrar que fomos uma lista que trabalhou mais, que deu mais e que fez mais para ganhar. Acho que foi uma vitória completa-

mente merecida. Nós conseguimos mobilizar os alunos através de uma ambição e vontade, suportada por trabalho, que inevitavelmente passa para todos os alunos. Daqui a uns anos vamos estar a entrar no mercado de trabalho, e se tivermos um chefe que nos dá motivação, que nos mostra que fazemos as coisas bem, que temos que querer mais e fazer melhor, essa atitude contagiar-nos-á. Era isso que nós queríamos que todos os alunos e membros da lista S pensassem, pois era verdade: Todos eram importantes, todos tinham, por mais pequeno que fosse, um papel na lista, e todos contribuíram para que ganhássemos, para que tudo corresse bem e para que fizéssemos várias atividades. Numa frase: Foi um obrigado à escola, foi retribuir tudo aquilo que a escola nos deu, foi a nossa vontade de tornar a escola melhor, visto que é o último ano dos membros da direção, e quisemos deixar a nossa marca na escola, proporcionando um ano espetacular aos alunos.

Como é que vocês analisam a votação nas outras escolas do agrupamento e como é que vão garantir a atuação nessas escolas?

Acho que não é do conhecimento de todos mas não houve votação na escola Augusto Moreno, devido a um problema de comunicação entre as direções das escolas, pelo que houve 18 votantes (todos os que a escola tinha) que não votaram. Feliz-

mente, este lapso acabou por não fazer diferença, já que a diferença de votos foi superior a 18. Em Izeda, se não estou em erro, havia 28 votantes, dos quais 24 votaram a favor da S, 3 a favor da W e houve, ainda, 1 voto nulo. Nós temos que agradecer a essas escolas pelo contributo que deram, sendo que a verdade é que nos consideramos a lista que melhor representou essas escolas. Tivemos uma primeira atividade em Izeda quando fomos conhecer os alunos e apresentar-lhes a lista e as suas medidas, e tentámos realizar lá um torneio um pouco antes das eleições, o qual foi cancelado devido às condições atmosféricas. Quanto à Augusto Moreno, nós temos alguns alunos de lá que fazem parte da AE que nos representam e informam do que é preciso fazer e mudar. Desde que somos AE ainda não foi feito nada nestas escolas, mas estamos sempre ocorrentes do que se passa lá e tentamos manter o contacto para saber se tudo está a correr bem e se é preciso que a AE interaja de alguma forma para melhorar o ambiente escolar das referidas escolas. Como ainda não nos foi comunicada a necessidade de algo, ainda não intervimos. Temos que ver que é um ambiente escolar diferente. Por exemplo, os alunos do 1º ciclo não têm salas diferentes e portanto não precisam de cacifos, os alunos de 2º ciclo - pelo menos os de Izeda - igual, e depois esses alunos não têm uma liberdade tão grande para participar em atividades

realizadas por nós, para não falar dos horários que se estendem até mais tarde e das atividades que cada aluno tem fora da escola. Ainda assim, procuramos saber se falta alguma coisa, se há algo em que a AE possa ajudar e essas escolas sabem que a AE estará lá para os ajudar sempre que precisarem.

Que aprendizagens salientas neste processo?

As pessoas que criam uma lista que posteriormente se torna AE, são pessoas com ambição, que gostam de tornar as coisas diferentes, que têm outro tipo de dedicação. Eu, como presidente dessa lista, consegui perceber o quão difícil é mobilizar um número bastante grande de pessoas para levar a cabo certas ideias e atividades. Todos aprendemos que é difícil gerir orçamentos, atividades, ideias, etc..., pois é preciso refletir bem e pensar com pés e cabeça, e isso torna-nos mais maduros, traz-nos conhecimento e aumenta a nossa curiosidade por este tipo de atividades. Até agora tenho gostado bastante desta experiência que me desafia a fazer sempre melhor e a trazer sempre mais à escola.

Qual é o balanço que fazem, enquanto AE, deste 1º período?

Nós tivemos uma atitude de AE desde o primeiro dia de escola. É verdade que no início fomos apenas uma lista candidata, mas tivemos uma atitude fundamental nos primeiros

dois meses de escola, com todas as atividades que fizemos nessa altura, em que era mais fácil executar as nossas ideias (tínhamos o ginásio disponível às quartas-feiras, por exemplo). Depois das eleições, conseguimos reativar a rádio, levando a um melhor ambiente no bar, e continuámos constantemente a lutar pelos interesses dos alunos, até porque, como já referi, conseguimos, depois de tanta persistência junto à direção, que os alunos entrassem pela entrada principal a partir de Janeiro. Não nos sentimos totalmente realizados porque, como seres racionais, ambicionamos sempre mais e queremos sempre algo melhor, dentro daquilo que nos é possível.

Dada a experiência que já têm, qual era o conselho que deixariam a uma futura lista candidata à AE?

Nós aconselhar-lhes-íamos a encarar sempre o projeto como AE e não como lista. O que acontece na maioria das eleições é um tudo-por-tudo enquanto lista candidata às eleições para AE, e depois não a representam da melhor forma. É preciso ter consciência que a AE é um membro bastante importante da escola e deve ser representado da melhor forma. Obviamente, é preciso trabalhar o máximo, mostrar empenho, dedicação, ambição e acho que a chave está na interação com os alunos e na realização de atividades com eles.

Compromisso com a vida

No mês de fevereiro, a Diretora do Agrupamento da Escola, Teresa Sá Pires, e o Diretor do Departamento de Educação para a Saúde, elemento que representou a Liga Portuguesa contra o cancro (Núcleo Regional do Norte), estabeleceram um protocolo de cooperação, entre as referidas instituições.

Sónia Rodrigues- coordenadora da Saúde Escolar

Pretende-se o estabelecimento de uma parceria orientada para o trabalho em conjunto no âmbito da educação para a saúde, procurando junto da comunidade educativa a promoção de estilos de vida saudáveis através de uma dinâmica conjunta em áreas de saúde consideradas prioritárias, nomeadamente: promoção de uma alimentação saudável, educação do consumidor, promoção de cuidados de higiene, promoção da saúde oral e valorização da diferença e reflexão sobre o corpo e a aparência; promoção do bem-estar, do lazer, da prática do desporto e da atividade física; prevenção de consumos de substâncias aditivas (lícitas e ilícitas) e escolha de estilos de vida alternativos; educação da sexualidade, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, promoção de saúde sexual e reprodutiva; promoção de saúde,

prevenção da doença e de riscos: vacinação, doenças infecciosas, doenças crónicas; promoção da comunicação e participação na família, pares, escola, comunidade e promoção de saúde mental positiva e relações interpessoais. O referido projeto, designado Projeto Liga-te é anual, e decorre de Setembro a Junho, recorrendo a uma metodologia centrada no desenvolvimento de atividades que pretendem sensibilizar os alunos e a comunidade escolar para a escolha de estilos de vida saudáveis, visando assim a prevenção de cancro e a promoção de saúde, conferindo à escola autonomia suficiente para que as atividades sejam (re) inventadas de acordo com os interesses e valores idiossincráticos de cada comunidade escolar. O trabalho será desenvolvido por uma equipa multidisciplinar, constituída por técnicos da Liga em articulação com os professores dinamizadores das escola

No presente ano letivo, o projeto tem como mote “Prevenção é IN(clusão)”. A Prevenção é apresentada como uma atitude desejável e na moda, o que se traduz num maior acesso e compreensão da INformação (mote de 2015/2016), potencializando e aumentando a INclusão de novos grupos-alvo e estratégias metodológicas de aprendizagem (mote de 2016/2017), tendo por

ob-

je-
ti-
vo
al-
ç a r
INova-
ção ne-
cessária
para o
êxito dos
programas
de educação e

promoção de saúde da Liga Portuguesa Contra o Cancro (mote 2017/2018), promovendo sempre os valores da Liga Portuguesa Contra o Cancro: a solidariedade e o voluntariado.

Assim, a primeira atividade desenvolvida pela escola, foi a Comemoração do dia Mundial Contra o Cancro, no 4 Fevereiro, uma data que alerta para o facto de que a redução da incidência de cancro é uma tarefa ao alcance de todos: indivíduos, organizações e comunidades.

Reconhecendo o poder do desporto em transformar vidas, sociedades e até o mundo, em 2017, a organização do Dia Mundial do Cancro apelou ao

Projeto **ligate**



da comunidade para ajudar a combater o cancro, aumentando a consciência entre os professores e alunos. Ser ativo e escolher um estilo de vida saudável foram as mensagens chave promovidas pelo Dia Mundial do Cancro que confiou na escola para a partilha das mesmas.

Desta forma, a atividade “O desporto apoia a causa”, contou com o apoio da área disciplinar de Educação Física, que envolveu a maioria das turmas, partilhando, nas redes sociais, fotografias com diversas mensagens “NÓS PODEMOS, EU POSSO”, escritas nas bolas (que diariamente utilizam na sua prática desportiva). As frases foram disponibil-

izadas pela Liga que pretendeu usar o desporto para lutar contra o cancro. Foram, ainda, afixados cartazes, na escola sede, na escola Augusto Moreno e na escola de Izeda. Esta atividade permitiu a prevenção do cancro a custo zero e a escola associou-se a milhares de entidades de todo o mundo pois “Juntos, nós podemos lutar contra o cancro!” E fá-lo-á ao longo do ano, através da dinamização das atividades que a Liga Portuguesa contra o Cancro nos sugerir e que a escola, através do protocolo estabelecido, se comprometeu a colaborar.

Antibióticos e Bactérias Multirresistentes

No âmbito da disciplina de Ciências Naturais, em paralelo com o estudo da “Importância da Saúde Individual e Comunitária”, foi realizada, pelos alunos do 9ºA, uma sessão de esclarecimento acerca do “Uso indevido de Antibióticos e a sua relação com as Bactérias Multirresistentes”, às turmas do segundo ciclo da escola de Izeda.

Artur Castro - 9ºA

O crescente número de casos de Bactérias Multirresistentes, e a perceção do perigo que estas representam na saúde pública, motivou-nos a esclarecer os alunos sobre esta temática.

Os antibióticos são substâncias

químicas, naturais ou sintéticas, que têm a capacidade de impedir a multiplicação de bactérias (atividade bacteriostática) ou de as destruir (atividade bactericida), sem causarem efeitos tóxicos para o ser humano. Os antibióticos são fármacos que se utilizam para tratar as infeções bacterianas. O primeiro antibiótico, a penicilina, foi descoberto por Alexander Fleming.

As bactérias podem adquirir a capacidade de resistência aos efeitos de um antibiótico. Este processo caracteriza-se por resistência antibiótica. Estas estão em menor número no organismo, porém multiplicam-se e espalham-se pelo corpo do hospedeiro. São cada vez mais

as bactérias que desenvolvem resistência contra os antibióticos conhecidos. Esta resistência forma-se, em parte, dado o uso excessivo dos mesmos antibióticos. Como consequência, estão constantemente a desenvolver-se novos antibióticos para combater bactérias cada vez mais resistentes.

Existem formas de evitar a propagação de Bactérias Multirresistentes, tais como:

- Uso racional de antibióticos, seguindo sempre a indicação médica.
- Reconhecer que os antibióticos só curam doenças bacterianas, e não virais, como gripes e constipações.
- Ter uma higienização das mãos

adequada, com utilização de água e sabão ou gel alcoólico.

- Nunca tomar restos de antibióticos que se encontrem em casa.

- Uso de luvas quando há qualquer tipo de risco de contato com fluidos corporais.

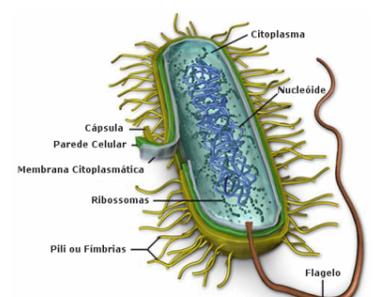
- Quando se estiver a tomar um antibiótico, deve-se seguir as instruções do médico e concluir o tratamento, que normalmente corresponde a toma da embalagem inteira.

- Não tomar antibióticos prescritos a outra pessoa por ter os mesmos sintomas que esta.

- Optar por alimentos aos quais não foram adicionados antibióticos (antibióticos agropecuários).

Por vezes, um antibiótico é prescrito para prevenir infeções causadas por bactérias (por exemplo, antes de uma cirurgia).

Pela nossa saúde, convém não esquecer – os antibióticos só devem ser tomados quando for diagnosticada uma infeção causada por bactérias (infeção bacteriana) e o antibiótico for prescrito pelo médico.



Dia Mundial do Não Fumador

O tabaco mata

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, através da equipa de Saúde Escolar, assinalou, no dia 17 de novembro, o Dia Mundial do Não Fumador. Esta data comemorativa visou sensibilizar os alunos para os fatores de risco associados ao consumo de tabaco, na adolescência.

Sónia Rodrigues e Patrícia Vieira (enfermeira) - equipa de saúde escolar

Foram realizadas sessões de esclarecimento sobre “Dizer Não ao Tabaco” nas turmas do PIEF da Escola EB3/Sec Abade de Baçal e nas turmas de 2º e 3º ciclos da Escola EB123 de Izeda. Pretendeu-se que este fosse um dia de reflexão mas também de ação, podendo ser o dia ideal para se decidir deixar de fumar. Questionados sobre a ação os alunos reconhecem a importância de deixar de fumar, mas referem que sendo jovens esses efeitos surgiram a longo prazo e que nessa altura, com outra maturidade, ou por questões de saúde, talvez o façam. Assim, a equipa de saúde,

procurará, através, da dinamização de mais atividades, ao longo do ano, continuar a sensibilizar os alunos para procurarem ajuda e deixarem de fumar.

Para além da ação de sensibilização, os alunos das turmas PIEF, sob a orientação do professor Vítor Alves, construíram, durante as suas aulas, uma maquete que representa claramente, o efeito que o tabaco pode ter na nossa vida, cuja mensagem “O tabaco mata”, também, circula entre os consumidores de tabaco, em muitos maços de tabaco que adquirem. A maquete encontrou-se exposta, desde o dia 17 de novembro até final do mesmo mês, na entrada principal da escola, sendo intensão da equipa de saúde escolar que a mesma fique permanentemente exposta, para sensibilizar a comunidade educativa para esta problemática. O tabaco está ligado às principais causas de morte conhecidas, é uma das causas do cancro do pulmão, da doença pulmonar obstrutiva crónica e da doença cerebrovascular.



Sessão na Escola de Izeda, construção da maquete pelos alunos das turmas PIEF e trabalho final, exposto no recin to da escola.



Prémios de mérito



No passado dia de setembro teve lugar, como é hábito, no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal, a cerimónia de entrega de diplomas relativos ao Quadro de Excelência e ao Quadro Valor.

Maria Manuel - 7ºB

A referida cerimónia contou com a presença de alu-

nos do 1.º, 2.º, 3.º Ciclos e Secundário que viram o seu trabalho reconhecido não só ao nível académico (Quadro de Excelência) mas também ao nível pessoal pelos seus feitos na comunidade (Quadro Valor). Houve também a entrega de diplomas aos alunos que terminaram o 12.º ano de escolaridade e que rumam para outros portos.

Foi um misto de emoção e nervosismo.

Para nós, que ainda somos sementes à procura de solo para crescer, a escola é a nossa segunda casa. Esperamos tornar-nos plantas fortes para enfrentar o mundo e que nos transformemos em árvores robustas que certamente darão fruto.



Educação postural

Diz-me como te posicionas, dir-te-ei que problemas terás

A equipa de Saúde Escolar encontra-se a desenvolver o projeto “Educação Postural e exercícios de relaxamento, em colaboração com os diretores de turma das turmas de 2º e 3º ciclo. Neste sentido, uma das atividades dinamizadas decorreu nos dias 20, 24 e 31 do mês de janeiro, na escola Sede, na escola Augusto Moreno e na escola de Izeda, respetivamente, e foi dirigida aos alunos de 5º e 7º anos, tendo consistido numa formação sobre Educação Postural, dinamizada pelos fisioterapeutas, Ana Rodrigues e Eduardo Barata.

Sónia Rodrigues (Coordenadora da Saúde Escolar); Ana Rodrigues (Coordenadora dos Serviços de Medicina Física e Reabilitação)

Esta atividade surge no seguimento da Norma n.º 15/2015,

se de uma forma genérica a constituição do corpo humano dando ênfase à coluna vertebral, posturas corretas e o transporte e manuseamento de cargas (nomeadamente as mochilas, por ser a sua principal carga). Neste sentido, o trabalho para e com a comunidade, dirigido a grupos específicos desenvolvido em setores e locais considerados chave como são reconhecidas as escolas, pode e deve complementar a prestação de cuidados personalizados.

Ao intervir simultaneamente sobre o indivíduo, o grupo e o ambiente, contribuiu-se para a redução do risco e alteração dos padrões de promoção de posturas incorretas. Desta forma, as mochilas cada vez mais pesadas, o maior número de horas em sala de aula, um nível elevado de



No dia 24 de janeiro, as turmas de 5.º ano assistiram a uma sessão sobre “Postura Corporal”, dinamizada por dois fisioterapeutas, que mostraram posturas corretas e incorretas e suas consequências.

João Fernandes e Tiago Simões (5ºD) e Diogo Costa e Inês Henriques (5ºC)

A sessão consistiu em ensinar os alunos a ter uma boa postura corporal ao longo do dia. Primeiramente, os alunos responderam a

um questionário, anonimamente, para avaliar os seus conhecimentos sobre o tema.

Logo de seguida mostraram, recorrendo a uma apresentação de diapositivos, os ossos da coluna e respetivos nomes e localizaram alguns com a ajuda de uma colega de quinto ano. Depois alertaram para as consequências das más posturas e do modo como devem ser evitadas. Seguidamente, indicaram como dormir numa posição correta e também ensinaram a organizar a mochila de forma a ter menos

dores e a prevenir doenças da coluna, realçando que as operações à coluna, não resolvem o problema por completo. Apresentaram, ainda, alguns exercícios que ajudam a manter uma boa postura e a coluna saudável, como quando se utiliza o telemóvel ou se trabalha no computador ou ao espreguiçar, entre outros.

No final, os alunos responderam novamente ao questionário, avaliando os conhecimentos obtidos ao longo da sessão.

“Acho que foi muito produtiva e ajudou-nos a corrigir muitos erros que cometemos, tais como a má postura sentados, no computador, a andar e a organização dos materiais na mochila. O assunto que eu mais gostei nesta formação foi a atitude a termos com as mochilas, que tipo de mochila devemos usar e como colocá-la no nosso corpo. Concluímos também que temos muito peso na mochila. Na minha opinião, para corrigir este tipo de problemas, a escola devia adquirir cacos, termos mais aulas de 90 minutos e os manuais serem compostos por várias partes. Assim evitávamos levar demasiados livros para a escola. Esta formação foi tão produtiva, que hoje já corrijo más posturas que cometia no passado. (Tomás Preto, 7ºB)

de 12/08/2015 – Programa Nacional de Saúde Escolar, determinada pela Direção Geral de Saúde, que estabelece a integração da educação postural no Eixo Estratégico 1, associado à Capacitação dos alunos em Literacia em Saúde.

Neste sentido, os Fisioterapeutas dos Serviços de Medicina Física e Reabilitação (SMFR) da ULSNE desenvolveram, neste ano, em parceria com as equipas de saúde escolar, um projeto de orientação postural, através de sessões de sensibilização à comunidade escolar, do 5º e 7º anos.

A promoção da saúde e a prevenção da doença, cada vez mais, assumem um papel de destaque nas políticas, planos e programas de saúde nas quais se contempla a saúde infantil/juvenil. As ações dirigidas nestas faixas etárias centram-se numa intervenção personalizada em termos de promoção, prevenção e educação para a saúde.

A formação constou de uma apresentação em PowerPoint com exemplificação prática. Abordou-

sedentarismo, e a sobreutilização das novas tecnologias, são causas comuns de alterações posturais, que através destas ações se pretendem corrigir.

Segundo a Coordenadora dos Serviços de Medicina Física e Reabilitação, Ana Rodrigues, “as apresentações, embora, alusivas às várias posturas corretas em qualquer posição, salientam a postura – sentado – uma vez que as crianças/adolescentes estão muito tempo nesta posição, em sala de aula e a arrumação do interior e transporte da mochila”. Salientou, ainda, “no ato da compra da mochila, a criança/aluno deve estar presente para experimentar e escolher a que melhor se adapta e ajusta à sua condição antropométrica.”

No final da formação, com todas as pessoas presentes, foram realizados alguns exercícios, tendo sido incentivadas à sua prática no dia-a-dia e foi, ainda, entregue um panfleto alusivo ao tema.

“Na minha opinião, é muito importante implementar “regras” de postura, aos jovens em desenvolvimento. Esta atividade ajudou-nos a corrigir comportamentos que estávamos a fazer mal, nomeadamente a má postura. Há vários fatores que nos causam dores e problemas que foram abordados nesta sessão: a má postura ao computador; a curvatura provocada pelos smartphones; o excessivo peso nas mochilas; A que mais me chamou à atenção foi o peso das mochilas, que deve corresponder a 8% do peso do nosso corpo. Apesar do

mal provocado pelo excesso de peso, diariamente, os alunos continuam a levar elevadas quantidades de livros nas suas mochilas, por isso os professores podiam impor medidas quanto a este problema, nomeadamente, o uso de menos livros em cada disciplina. Para além disso, a nossa escola podia ter cacos, para durante o dia a dia, os alunos não terem tanta carga. A ação dinamizada pelos fisioterapeutas permitiu que a temática da educação postural fosse debatida na escola, e considero que esta sessão foi muito importante e espero que sejam feitas mais atividades semelhantes (Rodrigo Faria, 7ºB)

“Esta ação alertou-nos sobre a postura que devemos ter no nosso dia a dia, nomeadamente, ao utilizar as mochilas e os aparelhos eletrónicos. Quanto à mochila, ficamos a saber que, normalmente, carregamos um peso superior ao recomendado e que a organização dos materiais na mesma pode contribuir para problemas nas costas. Na maioria das vezes colocamos os materiais desorganizados na mochila, o que provoca mais peso, dor nas costas e movimentos de desequilíbrio. Relativamente à postura quando utilizamos o computador existem uma série de recomendações que não respeitávamos, porque, também, não sabíamos, por isso consideramos que esta formação foi muito importante e positiva e que nos ajudou a mudar algumas posturas incorretas. (Carolina Nogueiro e Daniela Monteiro, 7º B)



16 de outubro - Comemoração Dia Mundial da Alimentação

Alimentação saudável sempre

No âmbito da comemoração do dia da Alimentação, nas escolas do nosso Agrupamento, foram dinamizadas diversas atividades entre os dias 12 e 17 de outubro, promovidas pela equipa de Saúde Escolar, com a extraordinária colaboração de docentes de diversas áreas e pessoal não docente.

Lara Silva, Maria Coelho, 8º B,
Pedro Venâncio, 12º B

Na Escola Augusto Moreno, no dia 12, os alunos tiveram oportunidade de assistir a um “Showcooking” contemplando o processo de realização de um doce denominado “Doce de Castanha”, criado pelo Chef Eurico Castro, convidado especial, sendo o referido doce atualmente considerado o ex-libris da doçaria de Bragança. Além disso envolve, também, um produto da terra, com exportação mundial.

No dia catorze de outubro, na escola sede do Agrupamento decorreu uma “Feira de Produtos da Terra” que contou com a colaboração dos alunos das turmas 7º C, 8º B e 12º A e B, professores e assistentes operacionais que foram um pilar na aquisição dos produtos biológicos a serem vendidos, bem como na comer-

cialização simbólica desses bens.

Com a dinamização desta atividade pretendeu-se por um lado incentivar o consumo de produtos biológicos, nomeadamente legumes e frutos e por outro lado permitir a obtenção de fundos monetários para serem doados sob a forma de bens alimentares (arroz, massas, bolachas, atum, leite) a famílias carenciadas do nosso agrupamento e à Obra Kolping (muitas papas, cereais, para tornar, ainda mais, delicioso e enriquecedor o pequeno almoço de muitas crianças).

No dia 17 de outubro, a turma E de 9º ano e C de 8º ano, estiveram envolvidos na preparação da sobremesa - pratos decorativos de fruta – para todos os alunos que diariamente almoçam na cantina da escola Augusto Moreno, pretendendo mais uma vez reforçar a importância da inclusão de fruta nas nossas refeições diárias. Os alunos foram comendo a fruta durante a refeição, o que pode ser uma estratégia favorável ao seu consumo, pois muitas vezes, as crianças, recusam a fruta no fim da refeição, alegando que já não conseguem comer mais. A maioria dos alunos comeu bem a fruta, mas, apesar da diversidade



da mesma (ananás, kiwi, tangerina, banana, uva) alguns comiam apenas uma variedade, referindo gostar de um número muito reduzido de frutas. Os alunos de 8º e 9º anos, ajudaram as crianças a comer, mas tiveram alguma dificuldade em conseguir que todos comessem a sopa e outros a refeição principal. As senhoras que diariamente lhes preparam as refeições num pequeno desabafo, manifestaram grande preocupação, referindo que muitos alunos são muito seletivos nos seus

alimentos e os pratos ficam, muitas vezes, com bastante comida, nomeadamente, peixe, legumes, batatas e certas frutas. Assim, torna-se fundamental, procurar estratégias e dinamizar atividades no sentido de procurar mudar alguns hábitos alimentares contribuindo para a saúde alimentar de toda a comunidade escolar.

As comemorações do dia mundial da alimentação não se ficaram por essa semana, pois no dia 6 de janeiro, decorreu a atividade os “Reis Magos do Agru-

pamento de Escolas Abade de Baçal, a saber, os alunos de 12º ano, turmas A e B, que se deslocaram à obra Kolping, para a entrega formal dos bens alimentares conseguidos, bem como de roupas e alguns brinquedos.

Com estas atividades promoveram-se hábitos alimentares saudáveis, divulgaram-se alguns produtos oriundos de terras brigantinas e foi demonstrada a solidariedade de jovens desta escola.

Espírito do Natal

No dia 16 de dezembro de 2016, a turma B do 9º ano disponibilizou-se a fazer a recolha e entrega de prendas para crianças e jovens da Obra Kolping.

Anaísa Moreira, Emma Rodrigues, Inês Lopes - 9ºB

A ideia partiu dos alunos que, com a ajuda da Profª Esmeralda e do Prof. Hélder, obtiveram infor-

mações sobre as crianças e jovens para que as prendas se adequassem ao perfil de cada um.

Procedeu-se, depois, à entrega dos presentes na própria instituição e os alunos puderam conhecer alguns dos meninos e, inclusive, tiraram algumas fotografias. Com o objetivo de preservar a identidade das crianças, as caras deles aparecem tapadas.



Feira biológica na escola de Izeda

Na escola de Izeda, a feira de produtos da terra decorreu no dia 17 de outubro, e foi dinamizada pelos alunos do 9º A, que levaram a cabo toda a organização com a supervisão da equipa da saúde escolar.

Ana Ferreira

Os encarregados de educação tiveram um papel muito inter-

ventivo, comparecendo na escola com produtos provenientes da agricultura tradicional e participando ativamente na atividade.

Em simultâneo com a feira, decorreu uma exposição onde predominaram os temas alusivos à importância da dieta mediterrânea, aos perigos dos aditivos alimentares e à importância do consumo de produtos biológicos. Esta exposição permaneceu na

biblioteca da escola durante toda a semana e foi visitada por todos os alunos da escola, inclusive os do 1º ciclo.

A feira e a exposição tiveram especial relevância pois trouxe algum dinamismo à escola que neste momento apresenta poucos alunos e permitiu uma cooperação nítida entre todos os elementos da comunidade educativa.

Vantagens dos produtos biológicos

Estarão os hábitos alimentares dos portugueses a mudar? Tem vindo a assistir-se, com alguma frequência, a notícias na comunicação social sobre um aumento da procura de alimentos biológicos, nomeadamente frutos e legumes. E a nossa comunidade escolar que opções faz?

Lara Silva, Maria Coelho, 8º B,
Pedro Venâncio, 12º B

A agricultura biológica o cultivo de frutos e legumes é feito sem a adição de fertilizantes químicos, normalmente utilizados para acelerar o seu crescimento, e também não contém pesticidas (inseticidas, fungicidas, herbicidas) utilizados para combater pragas que podem destruir os produtos agrícolas. Este último facto, torna a agricultura biológica uma prática sustentável, mais amiga do ambiente, uma vez que não contribui para a contaminação dos solos, das águas, da

atmosfera, assegurando a preservação dos recursos do nosso planeta, para as gerações futuras.

Relativamente à qualidade dos produtos sabe-se, por exemplo, que contêm uma maior percentagem de polpa e menor de casca. O azoto utilizado como fertilizante, no modo comum de cultivo faz com que a casca se torne mais espessa e a percentagem de sumo diminua. A quantidade de vitamina C também é superior, quando não se utilizam químicos. Feitas algumas pesquisas, encontramos referências de que quanto ao seu conteúdo nutricional “não está demonstrado qualquer benefício, contudo se uma pessoa tiver possibilidade de escolher, estes produtos poderão apresentar um sabor diferente por não levarem adição de químicos. Além disso os alimentos convencionais crescem com demasiada rapidez, à custa do azoto nas águas da cultura. Como consequência direta, têm, na sua matéria, muito mais

líquido e, por isso, a quantidade que se ingere é maior para atingir o mesmo nível de saciedade. Os produtos biológicos são mais concentrados, estimulando os recetores do paladar e fazendo com que se coma menos volume de determinado alimento”. O nosso corpo pode por isso beneficiar pois poderá permitir uma redução no peso das pessoas. Existem, também, estudos que comprovam que os produtos biológicos apresentam níveis superiores de vitaminas, ácidos gordos omega3, e mais minerais como o cálcio, o magnésio e o ferro, têm um maior teor em fibras, hidratos de carbono, aminoácidos e antioxidantes. “Comer biológico será sempre melhor, porque, à partida, tem 0% de substâncias tóxicas. Nos últimos 50 anos, apareceram milhares de agrotóxicos, químicos e corantes com os quais o nosso organismo não sabe lidar, acabando por arrumá-los, sobretudo, nas células gordas e o efeito que estas substâncias

podem ter é imprevisível”, afirmou a especialista em Medicina Funcional Integrativa, à margem do 3.º Congresso Nacional de Agricultura Biológica (revista Visão).

Por isso, conscientes de que os produtos com aditivos químicos podem estar relacionados com o aparecimento de doenças, nós, transmontanos, somos agraciados pelos produtos que os nossos familiares ou amigos cultivam nas suas terras, e que lamentavelmente, na faixa etária dos mais jovens, por vezes, é desvalorizado.

A equipa de saúde escolar relembra que uma alimentação que inclui frutos e legumes contribui para uma vida saudável e indica três razões importantes para o seu consumo:

- são ricas em vitaminas e minerais, apesar do nosso organismo precisar de proteínas, lípidos e hidratos de carbono como fonte de energia e elementos essenciais ao funcionamento das células, o mesmo depende das vitaminas e

sais minerais, embora em menor quantidade, para coordenar o funcionamento das células.

- aumentam a saciedade, reduzem o apetite, pois são ricos em fibras. O corpo humano não tem a capacidade de quebrá-las e digerí-las, no entanto servem para dar mais volume às fezes, auxiliar no trato intestinal e oferecer mais saciedade, não havendo necessidade de ingerir grande quantidade de alimentos, controlando assim o peso.

- são hipocalóricas, ou seja, são pouco calóricas, podem comer-se até à saciedade, auxiliando na manutenção do peso ou perda do mesmo de maneira natural e benéfica à saúde.

A redução no consumo de frutas e hortaliças, está relacionada com o atraso no desenvolvimento de adolescentes, com a diminuição da capacidade de aprendizagem, baixa resistência e maior suscetibilidade a infeções e doenças.

Quando a cozinha vai à escola

Com o objetivo de dar cumprimento ao plano anual de atividades do departamento do 1º CEB e no âmbito das comemorações do dia mundial da alimentação, realizaram-se atividades diversificadas, entre as quais se destacam o show cooking da responsabilidade do chefe Eurico que amavelmente aceitou ao convite formulado pela escola.

Esta arte de cozinhar ao vivo teve lugar no convívio da escola Augusto Moreno no dia 14 de Outubro e contou com a presen-

ça de alunos do jardim de infância da Estação e das oito turmas da Augusto Moreno e respetivos professores titulares, professores de apoio, assistentes operacionais e encarregados de educação. Todos os intervenientes tiveram oportunidade de degustar a pasta de castanha e os ouriços confeccionados. Foi tão bom que soube a pouco.

No dia 17 tivemos o prazer de assistir à confeção do pão, da responsabilidade da dona Cesarina, assistente operacional do agrupamento. Pãozinho acabado

de sair do forno, barrado com compotas caseiras foram a delícia de miúdos e graúdos. Todas as atividades e estratégias organizadas perseguiram o objetivo geral inicialmente definido de promover e evidenciar uma alimentação saudável; de desenvolver a consciência crítica no que concerne hábitos alimentares e opções corretas; de divulgar produtos regionais e preservar e aprimorar competências culinárias e ementas transmontanas.

O departamento do primeiro CEB



Os mistérios de Pedro Macedo

Pedro Macedo, escritor e professor de violino, no conservatório de Bragança, aceitou ao convite feito pela equipa da Biblioteca da escola e, no dia 24 de outubro, compareceu na escola para uma sessão de apresentação da sua mais recente obra, “O caso Michael Cross”, e para uma conversa com alunos e docentes, que tiveram, assim, oportunidade de esclarecer as suas dúvidas e satisfazer a sua curiosidade relativamente ao escritor e ao processo de escrita.

Diane Oliveira e Maria Ribeiro - 11^ºA1

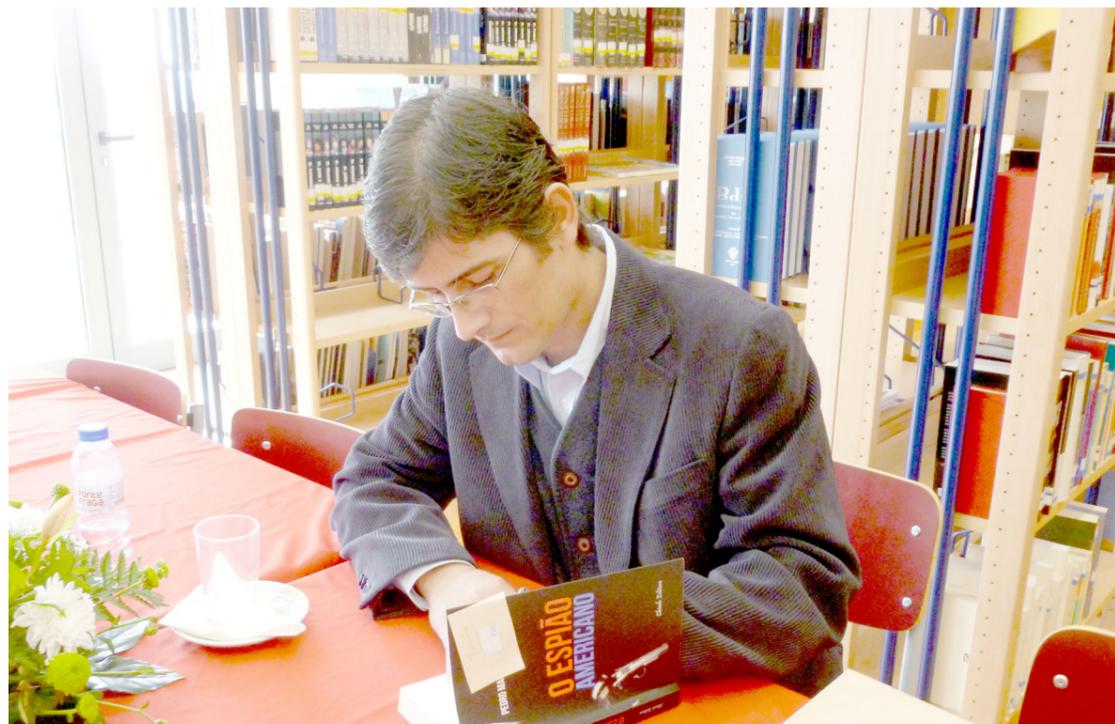
O escritor mirandense conta já com três obras, “O Espião Americano”, “Crime na Universidade” e “O caso Michael Cross”, respetivamente. Uma vez que é um grande apreciador de livros e séries policiais, todas as suas obras se enquadram neste género. Afirma que o seu gosto pela escrita começou quando ainda era bastante jovem, mas que, com o passar do tempo, foi aumentando até que decidiu começar a escrever o seu primeiro livro.

A sua estreia no mundo da escrita, deu-se com o policial “Crime na Universidade”, publicado em abril de 2013, pela Chido Editora, que retrata a história de Edward White e da sua equipa do FBI, que são chamados à universidade - local do crime - para resolver um homicídio, contando com a ajuda de uma jornalista. A agitada Nova Iorque é o palco da ação, uma vez que o autor tem grande preferência pelo local, embora nunca lá tenha estado.

O regresso do agente Edward White dá-se, não muito tempo depois, no seu segundo livro, publicado em dezembro de 2013. Este interliga-se com o seu antecessor – “Crime na Universidade” -, visto que algumas das personagens são as mesmas.

“O caso Michael Cross” é a sua mais recente aventura no mundo da escrita, e o seu preferido, tendo sido publicado em dezembro de 2015. Mais uma vez, contamos com a presença de Edward White, que é novamente chamado para resolver o homicídio de dois agentes.

Terminada a apresentação dos livros, iniciou-se a sessão de perguntas e respostas, onde nos forneceu várias informações acerca



dos seus hábitos de escrita, assim como a influência que a música tem na sua escrita, uma vez que é com a música que o seu trabalho se relaciona. Referiu, ainda, que dada a dificuldade de viver apenas da escrita em Portugal, frequentemente, esta é preterida por outros projetos de trabalho, não se dedicando à escrita o tempo que ela exige. Por fim, deu conselhos a quem quisesse

iniciar-se na escrita, ou simplesmente melhorá-la, dizendo que o segredo está na prática diária.

Salientou a importância da leitura na vida do ser humano, reforçando o seu contributo na superação de dificuldades a todos os níveis, pessoal, escolar e profissional.

A vinda de autores à escola é sempre uma oportunidade única de aprendizagem, visto

que os alunos podem expandir os seus conhecimentos literários e conhecer novos autores nacionais. Portanto, a vinda deste autor foi importante e esperamos por um quarto livro num futuro próximo.

Concurso Nacional de Leitura

Dia 18 de janeiro de 2017 teve lugar, na Biblioteca da Escola Secundária Abade de Baçal, prestação de provas para a 11^a edição do Concurso Nacional de Leitura.

António Palma Ferreira

Nesta primeira fase, participaram dezassete alunos do Ensino Básico e 20 alu-

nos do Ensino Secundário. As obras a concurso foram: “O Conto da Ilha Desconhecida” de José Saramago e “O Fantasma de Canterville” de Oscar Wilde, para o Terceiro Ciclo e, para o Ensino secundário, “As Primeiras Coisas” de Bruno Vieira Amaral e “O Retrato de Dorian Gray”, também, de Oscar Wilde. Ficaram apurados, para a

fase seguinte, as alunas: Anaís Moreira, Carolina Ferreira e Constança Cabral, do Terceiro Ciclo e, do Ensino secundário, Ana Carvalho, Inês Gerales e Joana Aguiar.

Com provas dadas, em anos anteriores, na fase distrital e mesmo na fase nacional, os alunos da Escola Secundária Abade de Baçal pretendem dar seguimento às boas prestações na próxima fase do referido concurso.

Resta acrescentar que, pela primeira vez, os questionários foram respondidos em formato digital.



Encontro com livros

Integrado no Mês Internacional das Bibliotecas Escolares, teve lugar, no dia 18 de outubro, pelas dezassete horas, na Biblioteca da Escola Secundária Abade de Baçal, o convívio “Encontro com Livros”. Este encontro, cujo convite se estendeu a professores, funcionários e encarregados de educação, pretendeu ser um momento de partilha de leituras. Não

se pode afirmar que o referido encontro tenha sido um êxito quanto ao número de participantes, mas foi-o no que à partilha diz respeito. Durante o encontro, foram partilhadas leituras que marcaram, últimas leituras realizadas ou leituras a decorrer. Do momento de convívio, há que relevar a vontade dos presentes em fazer suas as leituras, pelos outros, partilhadas.



“As primeiras coisas” de Bruno Vieira Amaral

No dia 27 de outubro, a biblioteca do Agrupamento Abade de Baçal promoveu a deslocação do escritor Bruno Vieira Amaral à Escola, com o intuito de que este apresentasse o seu romance de estreia, “As Primeiras Coisas”, a toda a comunidade escolar..

Ana Isabel Gonçalves e Joana Aguiar - 12ºA

Com efeito, esta sessão comprovou-se dinâmica, uma vez que evoluiu tendo em conta as interrogações e constatações quer da comunidade escolar quer do autor, gerando-se uma interação tão viva quanto enriquecedora. Nesse sentido, o autor do blogue

“Circo da Lama” esclareceu e amainou a curiosidade sobre a sua biobibliografia de forma surpreendentemente culta e, simultaneamente, acessível e entusiasmante. Deste modo, a partir do diálogo constante entre auditório e escritor, ficaram salientadas idiosincrasias do famoso Bairro Amélia, local onde toda a ação do romance se desenrola, que permite estabelecer uma analogia com as hierarquias que formatam a nossa sociedade. Assim, políticos, pedintes, desempregados e poetas são só alguns dos protagonistas desta interessante obra, com especificidades muito particulares, quer pelo conteúdo quer pela forma inovadora. Em conclusão, o autor de “As Primeiras Coisas”, neste mo-

mento interativo promovido pela escola, conseguiu suscitar nos alunos o interesse pelas suas obras e contribuir para que o gosto pela escrita e pela leitura crescesse dentro de cada um dos presentes, contagiando-nos com a paixão que sente pelo mundo dos livros, já que, nas suas próprias palavras, “um grande escritor é, antes de tudo, um grande leitor.



Bruno Eugénio, estremeado pela realidade do desemprego e por um divórcio eminente, vê-se obrigado a retornar ao bairro onde nasceu, Amélia, e a viver com a mãe, dando o mote para a criação da ação.

Nesse sentido, o protagonista encontra-se tão desfasado desta realidade que, através do seu exímio sentido do detalhe, caracteriza cada um dos habitantes que (re)encontra, fruto não só das suas reminiscências, como também das suas vivências atuais, enquadrando-se no bairro e na sua sinfonia própria.

Paralelamente, também a estrutura externa revela peculiaridades, uma vez que cada capítulo é ordenado alfabeticamente, constituindo cada um a apresentação de um habitante/personagem alegórica – desde a criança mais inocente, ao mais cruel assassino, passando pelas histórias de amor e outras tantas de caricatura.

Além disso, também as notas de rodapé assumem um relevo notório, pois esclarecem o leitor sobre detalhes históricos e pessoais, fictícios ou não,

que, por vezes, se fundem, protagonizando, em diversos momentos, uma narrativa alheia.

Em suma, o romance de estreia de Bruno Vieira Amaral é uma homenagem “ao bairro onde tudo parecia construído para exacerbar a nostalgia pelos paraísos perdidos” – que, desde já, é um excerto que contém toda a denotatividade da obra: a imaginação, a dor melindrada e a luta pela vida.

Deste modo, considero este livro um espelho de uma sociedade reprimida e atual, ficando patente a genialidade e beleza da obra que, pela intensidade descritiva, pertence mais aos leitores do que ao seu autor, tornando-se única e comovente.



Fotografia: alunos do Curso Profissional de Multimédia



A visita de João Pinto Coelho para nos apresentar o seu livro *Perguntem a Sarah Gross* – que tomou lugar na biblioteca da Escola Secundária Abade de Baçal, no passado dia 8 -, contribuiu sobretudo para a consciencialização dos ouvintes, relativamente aos abusos cometidos por alemães durante a II Guerra Mundial.

Anibal Fernandes, Bruna Gama e Mara Vaz- 11ºA1 e C

Deste modo, o escritor apresentou a origem da sua ideia e o contexto histórico da ação da obra, sendo este que foi destacado ao longo da sua comunicação, ficando claro que o holocausto é um tema perturbador, que suscita dúvidas relativamente ao ser humano, para as quais não existem porém, quaisquer respostas. Por isso, apesar de o título ser *Perguntem a Sarah Gross*, o conteúdo deste, tal como o autor constata, não dá quaisquer respostas ao leitor, suscitando apenas mais dúvidas e fazendo o leitor indagar-se acerca do silêncio e da hipocrisia perante as atrocidades cometidas contra a humanidade pelo próprio homem.

Assim, o escritor contou que este livro nasceu na escola onde dava aulas, sendo que a sua inspiração para escrever este teve por base um projeto sobre o holocausto, que envolveu alunos da escola de Valpaços e de uma escola polaca. Este projeto, tal como o livro, tinha como tema

a Polónia entre 1939 e 1945, mais precisamente, o campo de Auschwitz.

Para além disto, o autor falou, ainda, da pesquisa que fez, e das condições desumanas como eram tratadas as pessoas – mais concretamente judeus – nos campos de concentração e extermínio nazis, sendo estes designados de “fábricas de morte, onde a matéria-prima eram as vidas humanas, vidas humanas inocentes”. O autor sintetizou de forma bastante incisiva todo o processo desta “fábrica” desde o recrutamento, às condições desumanas da viagem, às mentiras, ao processo de seleção, até às câmaras de gás e fornos crematórios. E como tudo estava marcado pela mentira, desespero e crueldade. E concluiu que “O que fez Auschwitz foi a indiferença”, num claro apelo para a mobilização de todos numa participação cívica mais ativa e crítica.

Posto isto, o seu romance – *Perguntem a Sarah Gross* – dá-nos a conhecer a cidade que albergou o mais famoso campo de extermínio da História, demonstrando as atrocidades aí cometidas e retratando a história de uma sobrevivente.

O que é que o levou a ser escritor?

A minha relação com a literatura tem praticamente a minha idade, maioritariamente enquanto leitor, nunca escrevi uma linha de ficção até ter pegado na história que deu este livro. Só parti para esta experiência porque a dada altura achei que tinha uma história verdadeiramente boa para ser contada. A minha linguagem criativa sempre foi o desenho, mas, para contar aquela história o suporte teria que ser outro, e a escrita foi a única alternativa que me ocorreu.

O que é que o inspirou para escrever este livro?

Há uns anos recebi um e-mail de um senhor, judeu romeno, um homem que sobreviveu a Auschwitz e a Buchenwald. Nessa mensagem, entre outras coisas, ele escreveu: “aquele que ouve uma testemunha, torna-se uma testemunha por sua vez”. Por isso, escrevi com o objetivo de contar a história que me ocorreu a dada altura, mas sempre soube que colocar a ação nessa arena de perversidade que foi Auschwitz seria inevitavelmente um prolongamento das vozes que vinha encontrando ao longo dos últimos anos, as vozes dos que testemunharam com os próprios olhos.

Quando tempo levou para escrever este livro?

Demorei três anos a escrever este livro, começava a escrever, depois parava por uns tempos, voltava a escrever, voltava a parar, até acabar.

Os personagens do seu livro são reais?

Algumas são reais, outras fictícias, e outras existiram mesmo, simplesmente lhes mudei o nome.

Já tem um novo projeto em mente?

Sim, já tenho um novo livro em andamento, ainda não está acabado, mas pretendo terminá-lo ainda este ano.

(Entrevista realizada pelos alunos do Curso Profissional de Multimédia: Filipe e Maria Ferreira)



Guilherme Arabolaza Teixeira

Repetia a viagem inteira



Durante o ensino secundário, estudou Ciências Socioeconómicas no Agrupamento de Escolas Abade de Baçal. Após ter terminado o 12º ano, iniciou a licenciatura em Economia na Faculdade de Economia do Porto. Terminada a licenciatura, considerou que era cedo para iniciar o Mestrado e viveu a experiência de um Gap Year, que foi registando numa página do Facebook: “Circle of Life”. Hoje, estuda “Master in International Management” (Mestrado em Gestão Internacional) na Universidade Bocconi, em Milão (Itália).

Nesta entrevista, contou ao Outra Presença como a ideia de parar, viajar e fazer voluntariado surgiu, que preparativos exigiu, que contratemplos surgiram, que aprendizagens realizou e como isto tudo o transformou.

Entrevista - Clube de jornalismo - Fotografias cedidas pelo entrevistado

O aluno

Outra Presença - Como te defines enquanto aluno?

Guilherme Teixeira - Durante o ensino básico e secundário, fui sempre um aluno muito dinâmico, participativo, esforçado e com um extenso pensamento crítico. Apesar de tirar boas notas, devo admitir que também gostava muito de falar durante as aulas. Com o passar do tempo, o meu comportamento foi-se tornando mais sério, não deixando de manter uma atitude trabalhadora e, principalmente, ambiciosa.

“Circle of Life”

Como surgiu a ideia de largar tudo, sair da tua “zona de conforto” e partir à aventura durante cinco meses?

Sempre me considerei uma pessoa aventureira e com vontade de fazer coisas diferentes. Viajar não deve ser considerado algo diferente. Contudo, em geral, nós, portugueses, apesar de um dia termos sido os grandes “descobridores” do Mundo, não somos conhecidos por facilmente pegar na mochila e partir para a aventura. Dada, então, esta minha maneira de ser, aliada talvez ao facto de sempre ter vivido num ambiente internacional (visto ter pai português e mãe espanhola), viajar e conhecer outras cul-

turas esteve sempre no topo das minhas prioridades. Posto isto, após ter terminado a minha licenciatura, como me considerava demasiado novo para entrar no mercado de trabalho (tinha 21 anos), achei por bem fazer algo que talvez, mais tarde, se tornasse mais difícil, e que sempre quis fazer: viajar, para longe, sem grandes planos e sozinho.

Que expectativas tinhas?

Hoje em dia, as nossas expectativas são facilmente moldadas pelo que a Internet nos oferece. Com a quantidade de histórias, filmes, blogues, livros, entre outras coisas que há acerca de viajar, é muito fácil criar expectativas sobre o que vamos encontrar, e que estas estejam corretas.

Quais eram os teus objetivos?

Inicialmente o meu objectivo era conhecer o maior número de países possível, fazendo ao mesmo tempo voluntariado em alguns deles. Entretanto esse objectivo foi mudando, passando a dar mais valor à forma como conhecia os países e não ao número. Quero com isto dizer que preferi passar mais tempo em certos países, conhecendo melhor a cultura deles, do que estar sempre de um lado para o outro.

Que preparativos foram necessários para realizar esta viagem?

O maior e mais importante preparativo é a determinação. A determinação é o ingrediente mais importante para uma viagem assim se concretizar. Saber o que se quer e fazer de tudo para o conseguir. O segundo mais importante diria eu que é a pesquisa: ler livros (os do Gonçalo Cadilhe são muito bons e inspiradores) e sites, blogues e fóruns que se vão encontrando pela Internet (a associação Gap Year Portugal é também uma grande ajuda). Contudo, devo salientar que não nos devemos exceder nos preparativos que envolvam o plano da viagem. Quanto mais planos se criam, mais presos ficamos e acabamos por ficar mais preocupados em cumprir o plano do que em aproveitar a viagem. Na minha opinião, deve-se deixar que as coisas aconteçam naturalmente, pois outros planos que muitas vezes se revelam melhores podem surgir pelo meio. Para terminar, entram aqueles preparativos finais, logo antes do início da viagem, que envolvem a mochila, o que levar, documentos necessários, vistos, entre outras burocracias. Uma vez mais, nesse aspecto, a associação Gap Year Portugal pode ajudar muito, tal como o livro “O Mundo é fácil” do Gonçalo Cadilhe.

Acreditamos que não foi fácil para os pais lidarem com toda esta situação. Como reagiram à

tua intenção? Como os convenceste? Como lidaram com a distância?

A primeira reação foi má, sobretudo porque quando lhes apresentei a minha intenção, estava prestes a começar um mestrado na mesma faculdade onde tirei a licenciatura, e a minha decisão de viajar implicava uma rotura completa com a realização do dito mestrado. Lembro-me que as primeiras perguntas foram: “Para onde? Com que dinheiro?”. Os meus pais, no primeiro momento, podem não ter achado piada ou não ter concordado. No entanto, como habitualmente, ou porque me conhecem como uma pessoa determinada a fazer o que quer, ou porque confiam em mim, ou porque lhes apresento um plano com pés e cabeça, acabam por mudar de opinião e apoiar-me incondicionalmente. Neste caso, como ainda por cima usaria as poupanças que, desde bem pequenino, fui juntado numa conta no banco, ainda menos razões tinham para dizer que não.

Há diferenças entre o Guilherme pré e pós gap year?

Sem dúvida que sim. Contudo, essas diferenças vão sendo menores, com o passar do tempo, pois o meu estilo de vida lá não é compatível com a minha vida em Portugal, ou em Itália (agora). É por isso que gosto de dizer que

neste momento há dois Guilhermes: um “Guilherme de lá” e um “Guilherme de cá”. Houve, sem dúvida, muitas coisas que o “Guilherme de lá” ensinou ao “Guilherme de cá”. Apercebi-me mais disso quando voltei para Portugal, claro. Eu achava que ia continuar a viver com a mesma calma, com o mesmo tipo de pensamentos e o mesmo estilo de vida de lá. Mas rapidamente uma pessoa se dá conta de que não é fácil. Os primeiros dias em Portugal não foram fáceis. Os meus amigos diziam-me que estava diferente: mais apático, mais demorado a dar respostas, diziam que parecia estar noutra mundo. Eu também me sentia diferente: olhava para tudo de forma diferente e receava que fosse assim para sempre. Passados uns dias neste ambiente, senti que tinha voltado ao Guilherme de antes, mas com bastantes diferenças. Boas, claro. Quanto a aprendizagens em concreto foram muitas. Mas creio que a principal foi uma que já estava cá dentro, mas muito enfraquecida pelo que aprendemos, ou desaprendemos ao longo da vida. Refiro-me ao altruísmo. Eu estudei Economia no Porto e estudo agora Gestão em Itália; cursos de que gostei e de que gosto muito e que não me arrependo de ter escolhido. No entanto, uma vez lá fora, concluí ainda mais que tudo ou quase tudo o que aprendemos neste

tipo de ambiente está totalmente influenciado por correntes que, sem muitas vezes darmos conta, nos tornam pessoas egoístas, que só pensam no seu futuro, no seu bem-estar e em querer sempre mais, sem muitas vezes pensarmos em quem nos rodeia. Aliado a esta, vem outra coisa muito importante que aprendi: a verdadeira importância das coisas. Como dizia, queremos sempre mais, mas nem sempre o que queremos é o que nos faz realmente felizes.

Realizaste o gap year após terminar o curso. Pensaste alguma vez fazer isso antes?

Na verdade, não o pus como hipótese logo após o ensino secundário. Conhecia o conceito, pois é habitual noutros países, mas não o pus em cima da mesa na altura. Tinha tão assumido o que queria estudar e que queria ir para a faculdade, que nem se sequer me ocorreu a ideia. No entanto, uma vez mais, sabia que mais tarde ou mais cedo iria fazer uma viagem destas.

Qual a experiência mais engraçada?

Repito aqui o que contei à Visão. Histórias engraçadas não faltaram. A que escolhi contar-vos não é apenas engraçada: é daquelas que eu nunca ouvi ninguém a contar. Camboja e Laos foram os países nos quais viajei mais à boleia. Parado no meio da estrada, dedo no ar e cartaz a dizer o meu destino. Esta história passou-se no norte de Laos, em Vang Vieng. Levantei-me cedo de manhã, pois quanto mais cedo começasse a pedir

boleia melhor. Afastei-me um pouco da cidade a pé e comecei a acenar aos carros que passavam. Passados vinte minutos, parou um senhor numa espécie de carrinha de caixa aberta. Ia sozinho e dirigia-se à mesma cidade que eu, Luang Prabang. Entrei na carrinha dele e lá fomos os dois felizes da vida. Ele não falava inglês, mas isso pouco importava, pois uns gestos, uns sons com a boca e uns sorrisos eram o suficiente para comunicarmos. Passados vinte minutos, o senhor, em lausiano e com alguns gestos para que eu o compreendesse, perguntou-me se sabia conduzir. Como normalmente são curiosos e fazem perguntas assim, respondi e disse que sim. Nisto, ele diz-me em linguagem gestual: “Se sabes conduzir, anda para aqui, que eu quero dormir.” Bem, eu fiquei sem jeito. Ora bem, era de manhã, o senhor não parecia cansado, o carro não era meu, já não conduzia há imenso tempo, mas o senhor queria dormir. Parou o carro, trocámos de lugar e lá fui eu... conduzi o trajeto todo! Não me perguntem se eu sabia o caminho ou não. Só havia uma estrada.

E a mais marcante?

Experiências marcantes também não faltaram. A que me veio agora à cabeça foi uma das mais significantes. Eu e um amigo que fiz durante a viagem decidimos fazer um “trekking” (um passeio longo pelas montanhas) numa zona de Myanmar, por nossa conta. Quando digo por nossa conta, refiro-me ao facto de, em vez de termos pago um guia para nos acompanhar (o mais



normal neste tipo de situações), desenhámos um mapa num papel com a ajuda de um “local” e fomos “à maluca” e sem saber onde iríamos dormir. Como sabíamos que quem faz trekkings com guias normalmente fica a dormir em mosteiros, fomos em direção até um na expectativa de nos deixarem lá ficar a dormir. No entanto, o trekking foi mais complicado do que pensávamos. A área era realmente despovoada, e as poucas aldeias que havia não tinham nem casas de hóspedes ou pequenos hosteis, nem sequer bares ou restaurantes. Foi como recuar no tempo. As aldeias não tinham acesso a eletricidade, a água chegava através de um grande tanque comum a toda a aldeia (as pessoas iam lá buscar água sempre que precisavam e tomavam lá banho), e, obviamente, também não havia rede de esgotos. Contudo, numa destas aldeias, havia o tal mosteiro que nós procurávamos para dormir. Esfomeados e cheios de sede, pois não tínhamos levado comida e a nossa água potável já tinha terminado, fomos pedir ajuda. Deram-nos uma garrafa de água, mas não nos deixaram ficar a dormir. Faltava pouco para começar a anoitecer e nós estávamos bastante longe da única localidade com hosteis e afins nas proximidades. Conclusão, não tínhamos tempo de chegar lá antes de ser noite, e sem luz, não teríamos como nos guiar pelas montanhas. Demos um passeio pela pequena aldeia, enquanto pensávamos numa solução e, de repente, como se tratasse de uma sagrada aparição, surgiu um habitante da aldeia que (tomem atenção) falava minimamente inglês! Explicámos a nossa situação e o senhor pediu-nos que o seguissemos, sem nos explicar para onde nos levava. Nisto, chegámos à casa de um simpático senhor que, apesar de não falar inglês e de viver na maior das simplicidades do mundo (a que

chamamos pobreza, no nosso mundo), abriu-nos a porta da casa dele, fez-nos de jantar, preparou-nos uns cobertores para dormirmos no chão, e salvou-nos a vida. Na manhã seguinte, lembro-me de acordar com o cheirinho do pequeno-almoço. Sim, pequeno almoço incluído! Perante tamanha bondade, agradecemos-lhe imenso, dissemos-lhe (em gestos) que aquele momento ficaria sempre no nosso coração e demos-lhe uma doação. Não quis aceitar, mas nós forçámos.

Que experiência gostarias de repetir?

Repetir? Pedir não custa. Repetia a viagem inteira.

O que farias tudo para evitar?

Não são muitas as experiências que evitaria. Talvez escolhesse não repetir esta: tudo aconteceu em Pakse, no sul de Laos. O dia estava a correr bem: tinha conseguido uma boleia desde a fronteira com o Camboja até à cidade onde estava e não tinha feito muito mais durante o dia. No entanto, ao fim do dia, comecei a sentir-me exausto e com aquela dor de corpo que uma pessoa não consegue identificar de onde vem. Pareciam ser os sintomas de uma gripe. Lembro-me que, nessa mesma manhã, tinha comentado o bem que estavam a funcionar os meus intestinos. Talvez devesse ter estado calado, pois a todos estes sintomas juntou-se também uma grande diarreia. Era de noite e ainda não tinha sítio para dormir. Dirigi-me a uma casa de hóspedes onde estavam alguns israelitas que tinha conhecido e perguntei por uma cama. Os dormitórios estavam cheios e tudo indicava que teria que pagar o dobro do normal por um quarto duplo. Enquanto a viajar com um orçamento apertado, a notícia não caiu bem. Dirigi-me à entrada, onde estavam outros hóspedes e co-

mentei a minha situação. Não foi preciso mais. Como sempre, acabei por constatar que as pessoas que viajam de mochila às costas, sozinhas ou acompanhadas, funcionam sempre como uma equipa. Um simpático francês levantou-se e disse-me: “Se quiseres, podes ficar comigo, que estou sozinho num quarto duplo, e dividimos os custos.” Eu não o conhecia, tal como ele não fazia ideia quem eu era, mas era suficiente para, nessa noite, dividirmos um quarto. E, na verdade, quem não dividiria um quarto duplo com outra pessoa, podendo pagar menos? Acontece que não era bem um quarto duplo, era um quarto de casal. E aqui, uma vez mais se vê que, quando se viaja, não há preconceitos. Aquela noite eu não tinha onde dormir, ele não tinha com quem dividir os custos do seu quarto, e nós íamos dormir na mesma cama de casal. Nenhum problema! Mas, até aqui, onde está a dificuldade? Não houve qualquer tentativa de assédio, nada esteve relacionado com ele.

Aconteceu que, apesar de ter tomado um ben-u-ron no momento em que me senti mal, durante a noite, todos os sintomas pioraram: uma febre altíssima, dores por todo o corpo e quase uma noite inteira na casa de banho. O sol levantou-se e eu precisava urgentemente de tomar alguma coisa. Mas como? Não tinha comida no estômago, estava desidratado. As zonas por onde tinha andado nos dias anteriores tinham um risco elevado de transmissão de malária e dengue, e os sintomas que sentia podiam ser devidos a ambas as doenças. Peguei no telemóvel, fui ao Google Maps e vi onde era o hospital mais próximo. Visto que toda a gente dormia, nem pensei em pedir ajuda. Levantei-me e fui direto ao hospital público de Pakse. Não havia muita gente, a que havia não parecia falar inglês e todas as indicações estavam em



lausiano. Dirigi-me à primeira pessoa que parecia trabalhar no hospital e, em gestos, expliquei-lhe que me sentia mal. Levou-me a outra secção e, aí, como se viesse do céu, surgiu uma senhora que falava um pouco de inglês. Não perderam mais tempo, as médicas e enfermeiras do hospital desviaram todas as atenções para mim e começaram-me a fazer todos os testes indicados. Deitaram-me numa sala e aí esperei pelo resultado. Estava numa pilha de nervos. Nesse momento, só pensava no porquê de não ter tido todos os cuidados e mais alguns com os mosquitos, pois a minha viagem podia estragar-se já ali. Depois de uma breve espera, a médica apareceu e disse-me que teria que ficar internado, mas não tinha malária! Bem, quando ela me disse isso, comecei a rir e sentia que o que tinha já não era nada. Um saco de soro, alguma medicação, uma boa injeção de ben-u-ron e descanso. Passadas uma horas, acordei ainda durante a manhã e já me sentia outro. A médica chegou com o seu sorriso encantador e disse: "Pareces bem melhor! Talvez te dê já alta." Deixou-me então ir para "casa", paguei e agradei. Enfim, que posso dizer agora? As condições eram super simples. Aos olhos de muitos, aqui na Europa, seriam péssimas. Mas as pessoas... Ai as pessoas! Eu acho que a amabilidade

daquelas doutoras, que me viram ali sozinho e me trataram como um filho, foi o que me curou tão rápido. Fui para o hotel, peguei na mochila, aluguei uma mota e fui viajar pelos arredores. Dificilmente me esquecerei deste momento.

Como procedias sempre que ias mudar de local, o que fazias quando lá chegavas?

Depende. Se envolvesse mudar de país ou fazer um trajeto menos comum, pesquisava na internet por sugestões. Era impressionante! Bastava escrever o que me inquietava no Google e, com 99,9% de probabilidade, aparecia algum link direto para o Trip Advisor ou Lonely Planet, com um fórum onde já se tinha discutido essa dúvida. Estas dúvidas podiam ser sobre como obter certos vistos, se era possível cruzar certas fronteiras, se era possível chegar a um certo sítio por um determinado trajeto, etc. Mas quando essa mudança de local não implicava grandes coisas, o mais certo era tentar arranjar uma boleia: escrever o destino num cartão e levantar o braço (não levantava o dedo, como habitual, porque tinha significados menos próprios em certos países).

Que objetos são fundamentais neste tipo de odisseia?

Uma coisa que nunca pensei,

mas deu-me imenso jeito, foi um lençol de saco-cama. Basicamente é um saco cama, com a grossura de um lençol. Por que razão foi útil? Porque muitas vezes tinha que dormir em chão menos limpo em camas com lençóis que não eram trocados há meses, ou porque servia de proteção contra todo o tipo de rastejantes (baratas incluídas) e mosquitos, principalmente. Depois, outros objetos bastante importantes foram o cadeado para fechar a mochila e a corrente para prender a mochila a certos sítios, quando fazia longas viagens e queria dormir, sem ter de pensar que alguém me poderia levar a mochila. Depois, apesar de não obrigatório (pois, antigamente não existia, e as pessoas viajavam na mesma), um smartphone. O meu telemóvel foi a minha câmara fotográfica para toda a viagem, o meu GPS quando estava perdido, o meu tradutor, o meu guia turístico (pois levava os guias da Lonely Planet em formato ebook), o meu meio de contacto em situações de emergência ou quando queria matar as saudades da família e dos amigos, a minha música, o meu livro (pois também levava livros em formato ebook), e acho que me estou a esquecer de alguma outra coisa. Tudo depende de como usamos as coisas. Uma coisa é certa, raramente pegava no telemóvel quando me aborrecia ou quando



tempo livre, como acontece agora que estou de volta.

relação ao que estava habituado, decidi-me pelo sudeste asiático.

Porquê a Ásia?

Ou era a Ásia ou a América do Sul. Preferi o sudeste asiático pois era o mais desconhecido por mim. Dos países da América do Sul, só estive no Brasil. No entanto, quer queiramos ou não, ou pela língua ser a mesma (no meu caso, porque falo português e espanhol), ou porque a religião é a mesma, ou porque importamos alguns programas de televisão de lá, a América do Sul parece estar mais próxima. Depois, as probabilidades de visitar a Argentina, por exemplo, numas férias quaisquer, é muito mais elevada do que visitar um país como Laos, por exemplo. Posto isto, e dada todas as extremas diferenças dos países que visitei na Ásia em

Esta tua pausa incluiu ações de voluntariado. Que tipo de ações realizavas? Estavam todas previstas?

Achas que esta aventura te vai ajudar a nível profissional?
Sem dúvida. Num mundo tão globalizado, as empresas valorizam cada vez mais a nossa exposição internacional. Depois, há que realçar, também, toda a bagagem pessoal que se pode trazer de uma experiência em países tão diferentes, como esta. No fim, tudo conta. E ter mais histórias, que se possam revelar como uma vantagem na hora de trabalhar profissionalmente, para contar é claramente melhor.

Alunos constroem instrumentos musicais

As turmas Pief constroem instrumentos de percussão na disciplina de formação vocacional- música.

Carmo Oliveira e Paulo Preto

As condições logísticas que a nossa escola oferece - oficina de carpintaria, oficinas de serralharia e oficinas de artes, (existentes já do tempo da antiga "Escola Industrial"), proporcionando as condições ideais para construir instrumentos de alta qualidade sonora e estética, os professores Paulo Preto e Lurdes Rego (Educação Musical), com a colaboração interdisciplinar dos professores António de Sá (carpintaria) e Vitor Gomes (Educação Visual e Tecnológica), "aproveitaram" os conteúdos e objetivos da área vocacional para a construção de Membranofones (bombos,

tambores, tamboris, pandeiros, pandeiretas, cajons...). A par da construção, também se dedicam ao restauro dos instrumentos da sala de Educação Musical (cavaquinhos, guitarras, cordofones e idiofones).

De forma geral, as metodologias utilizadas para a construção são a dobragem e colagem de madeira, colocação de peles e cordas, colocação do couro para os esticadores e cintas de suporte do instrumento, acabamento estético (decoração e envernizamento).

O trabalho inicial consistiu em construir os moldes em chapa. Os alunos, com a ajuda do professor, fizeram a dobragem, soldadura e o reforço dos moldes para a dobragem. A madeira é serrada e preparada na carpintaria e depois introduzida numa grande tina de água, para ficar mole e elástica a fim de dobrar sem partir. É posteriormente colocada nos moldes durante uma

semana, para ganhar forma arredondada. A partir deste momento, é só fazer a montagem de todos os materiais referidos anteriormente.

Este é um trabalho muito motivador para todos os intervenientes, principalmente para os alunos que, depois de construir os instrumentos, têm o privilégio e o gosto de tocar em conjunto no grupo recém formado "ReBiBoBombo".

As turmas pief estão receptivas para esclarecer a tua curiosidade! Se quiseres, com os teus professores, podes pedir uma visita de estudo à nossa sala, para te explicarmos todo o processo de construção.



O voto dos brigantinos

No dia três de outubro, foram conhecidos, no Centro Cultural Adriano Moreira, os vencedores da segunda edição do Orçamento Participativo, uma iniciativa do Município de Bragança, que mais uma vez convidou os cidadãos brigantinos a escolherem os projetos mais adequados para o concelho.

Bruno Gomes e Pedro Venâncio - 12ºB

O resultado da votação mostrou a vontade de apostar na tradição e na modernidade como polos estruturadores do desenvolvimento da região, sendo o projeto geral mais votado o que propõe a construção de uma Casa da Máscara, em Salsas, enquanto na modalidade “Orçamento Participativo Jovem” foi escolhido o que apostou na criação de uma rede wireless em alguns locais da cidade beneficiando, assim, os seus habitantes e turistas. Iniciada com um momento musical, protagonizado por Francisco Fernandes e João Rodrigues, alunos do Conservatório de Música e Dança de Bragança, que interpretaram Beethoven e Haydn, a sessão prosseguiu, com o Presidente da Câmara, Hernâni Dias, que reforçou a importância de o município permitir que os cidadãos participem, de forma ativa, na

definição das políticas a pôr em prática, através da formulação de projetos e soluções sustentáveis e inteligentes que vão ao encontro do contexto brigantino, colmatando problemas e divulgando a cidade. Estabeleceu, ainda, uma comparação com o ano anterior: “Este ano houve uma ligeira diminuição no número de projetos apresentados, mas houve um grande aumento no número de pessoas que votaram. Este aumento corresponde a mais de 200% quer no número de votantes, quer no número de votos, o que significa que as pessoas estão cada vez mais predispostas a este tipo de iniciativas que pretendem estimular a participação cívica e fazer com que as pessoas deem o seu contributo na definição das políticas municipais.”

Seguiu-se a apresentação dos projetos mais votados e a cerimónia final de entrega de certificados a todos os proponentes.

Finalmente, o presidente da Câmara Municipal de Bragança incentivou a participação cívica dos brigantinos: “se nós não manifestarmos a nossa vontade, outros o farão por nós” referiu, desafiando os presentes a estimularem a participação de todos na dinâmica brigantina.

Esta iniciativa promovida pela Câmara Municipal



de Bragança, que permite que os projetos vencedores - cinco na categoria “OP Geral” e quatro na categoria “OP Jovem” - usufruam de uma verba de 400 mil euros (cerca de mais 10,5% que na edição anterior) para serem concretizados, pretende incluir todas as pessoas na vida política, o que é notório na percentagem de projetos oriundos do meio rural (47%). Fica a promessa do Presidente da Câmara de que para o ano haverá mais e melhor.

“ as pessoas estão cada vez mais predispostas para este tipo de iniciativas que pretendem estimular a participação cívica e fazer com que os cidadãos deem o seu contributo na definição das políticas municipais



A Constituição em debate no Parlamento dos Jovens

Na edição de 2016/2017 do programa Parlamento dos Jovens, uma iniciativa da Assembleia da República, que se desenvolve em parceria com outras entidades, estão em debate os seguintes temas:

Básico – 40 anos de Constituição. Os Jovens e a Constituição: tens uma palavra a dizer!

Secundário – Portugal: 40 anos de Constituição e do Poder Autárquico. A Constituição que temos, a Constituição que queremos: desafios ao poder local.

Olinda Oliveira, coordenadora do projeto

Na Escola Secundária Abade de Baçal, o Parlamento dos Jovens está a ser desenvolvido em articulação com a Biblioteca Escolar, que colabora na sua divulgação,

afixando cartazes e outras informações, participando na organização das eleições, realizadas a 23 de Janeiro, para o Secundário, e a 24 de Janeiro, para o Básico, cedendo espaço para reuniões e realização das Sessões Escolares, que tiveram lugar a 25 de Janeiro, preparação de documentos enviados à Assembleia da República, divulgação de documentos existentes na Biblioteca, relacionados com o tema, através de uma pequena exposição.

Os alunos que se interessaram por esta iniciativa apresentaram duas listas de 10 candidatos – uma para cada nível de ensino, sendo a do Básico constituída por alunos das turmas B, C e D do 8º ano e a do Secundário por alunos das turmas 11º A e 11º A1.

Durante as Sessões Escolares, foram aprovados os Projetos de

Recomendação à Assembleia da República, eleitos os deputados às Sessões Distritais e selecionados os temas a propor para o próximo ano. Foram, igualmente, eleitos os alunos candidatos à Mesa de cada Sessão Distrital, que participaram, a 15 de fevereiro, em reuniões realizadas no IPDJ. Estiveram ali presentes os alunos Ana Raquel Fernandes Pereira (8º B) e Aníbal Moura Fernandes (11º A1), acompanhados da professora responsável.

Para a Mesa da Sessão Distrital do Básico, foram eleitos uma aluna da Escola Secundária Miguel Torga, um aluno do Colégio Ultramarino de Nossa Senhora da Paz e uma aluna da Escola Secundária Emídio Garcia, que serão Presidente, Vice-Presidente e Secretária, respetivamente. Para a Mesa do Secundário, foram eleitos uma aluna da Escola

Básica e Secundária D. Afonso III, Vinhais (Presidente); uma aluna da Escola Secundária Emídio Garcia (Vice-Presidente) e um aluno da Escola Básica e Secundária de Carrazeda de Ansiães (Secretário).

No presente ano letivo, as Sessões Distritais não podem ser realizadas no Auditório Paulo Quintela, por se encontrar em obras. Assim, foram selecionadas duas escolas para a realização das Sessões Distritais: a do Secundário terá lugar na Escola Secundária Emídio Garcia, a 6 de março, e a do Básico na Escola Secundária Abade de Baçal, a 7 de março.



Orçamento participativo Vencedor OP jovem - Bragança Wi-fi

Outra Presença - Quais são os locais onde pretendem implementar o wi-fi? Porque criaram o projeto?

Fernando Alves -Com a apresentação deste projeto pretendemos colocar rede wi-fi em algumas zonas de Bragança. No entanto, temos consciência de que o investi-

mento que este projeto exige é elevado, pelo que, numa primeira instância, contamos apenas com a implementação deste serviço no centro histórico, na zona da Sá Carneiro e perto das escolas. Consideramos este projeto uma mais valia, por exemplo, para turistas quando visitam Bragança.

Em suma, este não é um projeto que visa só servir a comunidade Brigantina, é, também, direcionado para as pessoas que visitam a nossa cidade, para estas poderem ter acesso à internet, visitar locais e informarem-se sobre Bragança.

(Guilherme Moreira e Matilde Barros)



Está em curso o Orçamento participativo nas escolas. Pensa num projeto, estrutura-o, apresenta-o e faz campanha por ele. Está nas tuas mãos melhorar a tua escola.

Orçamento participativo Hernâni Dias: a decisão é do cidadão

Outra Presença: Qual o balanço que faz das duas edições?

Hernâni Dias: 2015 foi o ano de implementação do Orçamento Participativo em Bragança e este teve uma participação razoável, sobretudo se compararmos com aquilo que acontece noutras cidades do país, tendo em conta o número de pessoas que tem Bragança e o número de pessoas que existem noutras cidades. Este ano houve uma ligeira diminuição no número de projetos apresentados, mas houve um grande aumento no número de pessoas que votaram. Este aumento cor-

responde a mais de 200% quer no número de votantes, quer no número de votos, o que significa que as pessoas estão cada vez mais predispostas para este tipo de iniciativas que pretendem estimular a participação cívica e fazer com que as pessoas deem o seu contributo na definição das políticas municipais. Neste sentido, existem dois caminhos que o município pode traçar: um deles, é o de o próprio município definir aquilo que quer fazer (e tem legitimidade para fazer isso), o outro é o do município colocar à disposição

dos cidadãos um determinado montante financeiro e pedir-lhes que digam exatamente onde querem gastar esse dinheiro. Obviamente, há regras – existe um regulamento – e mediante esse regulamento são analisadas as propostas, são submetidas a votação e, evidentemente, a eleição dos projetos vencedores relaciona-se com o número de votos que cada proposta recebe. Ou seja, não sendo uma prioridade para o município realizar uma atividade ou fazer uma determinada obra, a verdade é que, sendo proposta pelos

cidadãos no OP, o município fica com a obrigação de cumprir essa proposta e implementar aquilo que foi votado.

OP: Quais são as mudanças que prevê para o próximo ano?

PC: Essencialmente pretendemos efetuar uma maior divulgação por forma a atrair mais pessoas. OP: Qual o contributo do estado na realização do OP?

PC: O orçamento municipal é construído com verbas que provêm do orçamento de estado. Contudo, é definido pelo próprio município, este pode decidir

realizá-lo ou não. Há muitos municípios no país que não desenvolvem este tipo de projetos. Desta forma, nós estamos a colocar nas mãos dos cidadãos um determinado montante financeiro para estes decidirem como o pretendem utilizar, enquanto que noutras municípios é o próprio município que define o que quer fazer.

(Bruno Gomes, João Gil Gonçalves e Pedro Venêncio)

Joana Gonçalves – apresentação do livro “Tradição em Continuidade” Somos o que recordamos

No dia 27 de Janeiro, numa das salas de exposições do Centro Cultural Adriano Moreira, teve lugar a apresentação do livro da ex-aluna da escola Joana Gonçalves, intitulado de “Tradição em Continuidade”. Na sua apresentação, a autora contou com a contribuição do Presidente da Câmara Municipal de Bragança, Hernâni Dias, e do engenheiro e professor Ricardo Mateus, orientador do seu mestrado e, agora, de doutoramento, que ajudaram a expor o assunto da obra e explicar a sua importância.

Mariana Magalhães -
11ºD

Joana Gonçalves formou-se em arquitetura na Escola de Arquitetura da Universidade do Minho e este trabalho consistiu, exatamente, na publicação da sua tese de mestrado, que recebeu o primeiro prémio no concurso de Arquitetura Ibérica. Neste trabalho são distinguíveis duas vertentes: uma mais técnica, em que estuda a arquitetura e sustentabilidade de várias quintas antigas da terra fria, e uma mais afetiva e pessoal, em que apela à preservação destas mesmas quintas, como meio de preservar, também, a tradição – justificação do título. “Este é um trabalho sobre as pessoas que habitavam estas quintas, sobre a forma como as habitavam e o modo como estes espaços se relacionavam com o território”, referiu a arquiteta que confessa também que foi uma antiga quinta de família que inspirou este trabalho e que lamenta que o presente tenha perdido o laço com a memória: “Ao longo deste processo percebi que mais do que querer perceber qual era o comportamento destas casas e se as quintas eram autosuficientes ou não, o que eu procurava era o significado delas: porque é que estas quintas eram assim, o que é que elas significam para nós hoje. Isto determina a estrutura do livro. As palavras são símbolos de algo.” São cem os casos de estudo que constituem a investigação da arquiteta. O presidente da câmara explicou a importância do trabalho, nomeadamente o interesse da construção sustentável no território, aproveitando o que é local, sem que se perdesse a identidade paisagística, algo que ele estava a tentar implementar no distrito.

Referiu a esse propósito que o título do livro se adaptava em perfeição à postura da autarquia, salientando que ecocidade é um conceito estratégico de desenvolvimento da autarquia, que pretende reativar construções mais sustentáveis e amigas do ambiente.

Seguidamente, foi Ricardo Mateus quem teve a palavra que, por ser engenheiro, se ocupou de explicar as partes mais técnicas do projeto. Além da consideração pelo património existente, o que se tenta provar é o conforto e sustentabilidade destas velhas quintas, tendo em conta os materiais utilizados, que eram os regionais, e a ligação que elas estabeleciam entre a cidade e o campo. Posto isto, o livro contribui para a preservação dos locais, comprovando que as quintas, se fossem climatizadas, seriam mais confortáveis que muitos dos edifícios dos anos 70. Além disso salientou, ainda, que o abandono destes espaços constituía um desperdício face ao investimento que os antepassados fizeram: “não significa defender o modo de habitar de antigamente



as casas, acaba por ser também sobre as pessoas que habitavam nas casas e o seu modo de vida e relações com o espaço envolvente. Falou do caso específico da quinta dos seus trisavós, que lhe serviu de objeto de estudo e a impulsionou para a realização do trabalho, que reflete

“Defender a habitação tradicional não significa defender o modo de habitar de antigamente, mas salvaguardar a memória do passado e, à luz do conhecimento atual e das tecnologias existentes, encontrar soluções de sustentabilidade.”

ou preservar tudo como está, mas salvaguardar a memória do passado e à luz do conhecimento atual e das tecnologias existentes, encontrar soluções de sustentabilidade.” Salientou, ainda, a importância destas construções referindo que solucionariam muitos dos desafios que os novos projetistas enfrentam para tentar tornar as novas construções autónomas no campo energético e alimentar, o que se verificava nestas quintas. Por fim, Joana Gonçalves, além de reforçar as ideias apresentadas por Ricardo Mateus, mostrou o que o trabalho significava para si e como valoriza a continuidade da tradição. Realizou um estudo sobre as principais quintas da zona, o porquê da sua localização, a sua morfologia, a articulação com as cidades e, ainda, o quotidiano das populações. Assim, a arquiteta referiu que o trabalho, apesar de ser sobre

um pouco da história da sua família, dos seus antepassados e, portanto, tem especial importância para ela. Por isso, a base do seu trabalho é, no fundo, um laço com a memória, sendo que, ultrapassa os campos da procura de evidências da autosuficiência das quintas, para a procura de um significado mais simbólico (simbologia, para além da autossuficiência). Nas suas considerações finais, alerta, mais uma vez, para a importância destas quintas, a falta de atenção que lhes é atribuída e o que se podia melhorar para preservar o património histórico.



“Porque la verdadera tradición no emana del pasado, ni está en el presente, ni en el povenir; no es sirviente del tiempo. La tradición no es la historia. La tradición es la eternidad. (citação de A.D.R. Castelao, que abre o livro de Joana Gonçalves)”

O Olhar de Sebastião Salgado na luta pela Terra e pelo Homem

O título da exposição, “Terra”, é suficientemente abrangente para que as fotografias de Sebastião Salgado, considerado por muitos o melhor fotógrafo documental da atualidade, expostas de 10 de Setembro a 16 de Outubro, no centro de Arte Contemporânea Graça Morais, não surpreendam.

Matilde de Barros e Mariana Magalhães-11°C

A imagem que abre a exibição complementa a referência verbal e de repente ficamos rodeados de rostos, ações e paisagens que transmitem mensagens fortíssimas ancoradas num espaço e tempo, mas com contornos universais e intemporais.

Sebastião Salgado descobriu a fotografia aos 29 anos numa viagem que fez a África. Desde então, utiliza o seu dom para denunciar o desrespeito pelos direitos humanos e civis que, ao longo da sua carreira foi presenciando. Tendo em conta os lugares onde as fotografias são tiradas, que mostram a diferença das culturas representadas em relação às do mundo ocidental e, consequentemente, do público-alvo, estas despertam a sensibilidade e



assim entramos num dos temas desta exposição: a exploração.

De carácter fortemente narrativo e descritivo, através da sua lente desfilam perante o olhar do público múltiplas situações e personagens que permitem observar o drama destes povos. Entre as situações retratadas, encontram-se muitas associadas ao trabalho

uma forte percepção da realidade destes povos como as das guerras, alternando estas com grandes planos que apresentam pormenorizadamente as emoções das pessoas a partir dos seus rostos.

Estas últimas são as de maior destaque já que além de mostrarem os sentimentos dos retratados, apelam aos sentimentos do

As fotografias, quadros individuais, complementam-se. Todas são importantes para a construção da obra e para reforçar a mensagem da mesma.

Apesar do drama e das sérias condições extremas em que viviam estes povos, Sebastião Salgado tentou sempre criar momentos de introspeção ao ob-

servador, pela forte sensibilidade tanto estética como humanitária que transmite em cada fotografia. A sua obra é, efetivamente, caracterizada por tentar captar a beleza ou essência até dos cenários mais intensos, sem deixar, no entanto, que a mesma perca a sua mensagem mais moralizadora. O seu trabalho adquire, portanto, uma dimensão mais profunda, já que cada peça, mais que uma simples fotografia, conta a história de um povo.

teatro&outrasartes

emotividade do observador.

O título da obra “Terra” deve-se ao trabalho de dezasseis anos do fotógrafo, entre 1980 e 1996, acerca das condições de vida precárias dos “Sem Terra”, trabalhadores rurais do interior do Brasil. O nome deste povo está associado ao facto de estes terem sido expulsos dos campos onde habitavam e trabalhavam, tendo sido obrigados a viver na bermas das estradas e viadutos. Não possuíam terras, nada de seu. E

agrícola e mineiro que evidenciam a dureza deste, outras que documentam momentos festivos, como casamentos e as danças ou, ainda, as que mostram manifestações, nas quais se protesta contra a perda de direitos e o abuso de poder dos proprietários e das forças de repressão. Os retratos a preto e branco parecem contribuir para evidenciar e intensificar o seu carácter dramático.

Parte das fotografias apresentam planos de conjunto que conferem

observador. A capa da exposição é, portanto, um bom exemplo deste tipo de fotografia.

O rosto do projeto, “Criança sem Terra”, é o de Joceli Borges, uma menina de 5 anos, cujo retrato desperta a nossa sensibilidade para as más condições que esta criança, tal como muitas outras, enfrenta. As marcas de terra presentes na face, sinais de trabalho infantil, podem justificar a sua expressão mais endurecida e séria.

Criança sem-terra, Paraná, 1996

“A pequena Joceli Borges, uma das centenas de crianças do assentamento de trabalhadores rurais sem-terra que percorriam o interior do Paraná, no Brasil, em busca de um lote de terra, tornar-se-ia, então com cinco anos, o rosto do projeto fotográfico realizado por Sebastião Salgado, onde retratava não só a vida dos trabalhadores rurais sem-terra, mas também dos mendigos, crianças de rua, garimpeiros, preso e de outros grupos socialmente excluídos”



Pedro Rego do fascínio pela fotografia

No dia 28 de janeiro o OP teve oportunidade de entrevistar, na Sala de Exposições Centro Cultural Municipal Adriano Moreira, Pedro Rego, no âmbito do lançamento do seu mais recente trabalho - o livro de fotografia, acompanhado de um documentário intitulados de "Pólo Norte - O Degelo Final", resultado da sua viagem ao Ártico.

| Maria Manuel Gorgueira - 12^oB

Com uma sala cheia, o fotógrafo brigantino contou com o apoio do Presidente Câmara Municipal de Bragança, Hernâni Dias, o presidente da Quercus (Associação Nacional de Conservação da Natureza), o presidente da União das Freguesias de Sé, Santa Maria e Meixedo e o seu amigo e autor do prefácio do livro, João Carrola, para apresentar o projeto.

Este trabalho dá a mostrar a zona do Polo Norte ao redor de Spitsbergen- Svalbard e, ao mesmo tempo, alertar as pessoas para a consequente diminuição e, até mesmo, extinção do urso polar, que é "afetado pelo degelo do Ártico".

Esta realidade tem-se vindo a agravar tanto, que nesta viagem foi necessário percorrer mais de 20000km para encontrar gelo e Pedro Rego afirmou ter vindo triste desta aventura, pois, estando em vias de extinção e sendo um animal vulnerável, o urso polar tem de enfrentar dois fortes inimigos: o aquecimento global e o homem que o caça.

O fotógrafo chamou a atenção de todos os presentes para o facto de este problema parecer distante, mas que na realidade não está, pois se o Ártico está em perigo, o resto do mundo também. Esta ideia foi reforçada pelos restantes membros da mesa que salientaram a necessidade de lutar contra as alterações climáticas, nomeadamente num território como o do Nordeste Transmontano, onde existem também muitos problemas - períodos de seca prolongada, doenças das árvores, entre outros -, e que está localizado num território ambientalmente rico, que possui um Parque Natural que é necessário preservar.

“

Hoje foi um momento feliz, porque perdemos um professor, mas ganhámos um excelente profissional, um excelente fotógrafo”

Hernâni Dias, presidente da Câmara Municipal de Bragança

Portugal, desde 1980 até agora terá perdido 6.8 milhões de euros devido às alterações climáticas, em todo o setor primário.



à defesa dos animais

O livro é uma história real sobre uma parte do mundo que está em perigo, pretendendo-se que seja de sensibilização para a proteção do urso polar.

Outra Presença - Sabemos que é formado em Educação Física e que a sua profissão era professor. Como aconteceu essa mudança?

Pedro Rego - A mudança acontece muitas vezes por necessidade, outras porque queremos um novo rumo para a vida pessoal e profissional. Esta ocorreu por estes dois motivos. A área de docência estava saturada, como poucos horários e, por esse motivo, decidi mudar. Não foi uma mudança à toa. Era uma área onde eu já tinha algum conhecimento técnico e contactos, o que me permitiu fazer a mudança de forma mais fácil.

É possível viver apenas da fotografia?

Em Portugal é difícil. Tive de optar por produzir trabalhos para todo o mundo, para obter um ordenado considerável que me permitisse viver dele. A empresa de que sou dono não faz só trabalhos fotográficos, mas também vende produtos relacionados com a fotografia.

Qual a reação de Bragança à fotografia da natureza?

Bragança lida com a fotografia, provavelmente, como o resto do país. Considero que atualmente as pessoas valorizam cada vez mais a imagem, o que se deve em parte à internet e redes sociais. As pessoas ligam-se cada vez mais a determinados temas através da fotografia e vídeo. Como se costuma dizer "longe da vista, longe do coração" e é isso mesmo que nós (fotógrafos) fazemos em termos de fotografia da natureza: conseguimos transportar para as pessoas o que elas não conseguem ver diretamente, observando-

através das fotografias ou vídeo. Assim, acabam por criar um laço afetivo relativamente às imagens (sendo que também esse é um dos objetivos) e, deste modo, valorizar a fotografia. Infelizmente, essa valorização, em termos económicos, não é real. O público adora a imagem e fotografia, no entanto, não se revela aberto à sua remuneração.

De que mais gosta na fotografia?

Aquilo que mais aprecio como fotógrafo é ter a possibilidade de mergulhar na natureza, viver e isolar-me nesta. Não me considero antissocial ou anti-humano, muito pelo contrário... Mas adoro estar com a natureza, viver com os animais selvagens, estar próximo destes. Isto faz-me sentir muito mais vivo e próximo da Terra.

E o que mais detesta nesta atividade?

Como já referi, não aprecio o modo como esta é tratada em termos de valor. As pes-

soas gostam de fotografia, mas, pelo contrário, não a sabem valorizar corretamente em termos económicos.

Que conselhos dá para conseguir algumas fotografias boas?

Acima de tudo, tens de adorar fotografia. É imperativo vir do "interior" da pessoa. Uma coisa é pegar numa máquina fotográfica e tirar uma fotografia, na sociedade atual toda a gente o faz. Não é difícil, os próprios programas são automáticos, pelo que conseguir uma boa fotografia é fácil. Por oposição, conseguir muitas fotografias boas é uma tarefa complexa e árdua, que requer muita determinação, vontade de aprender, sacrifício. Isto verifica-se principalmente em relação à fotografia de natureza: os animais não compreendem o que nós queremos, é necessária muita paciência e dedicação. Acima de tudo, é preciso amar o que se faz. Se

isto não se verificar, ninguém vai conseguir evoluir e suceder como fotógrafo.

Relativamente ao projeto no polo norte, que fotografia o marcou mais?

A fotografia que escolhi para a capa. Trata-se de uma fêmea que teve de se impor perante um macho a fim de proteger a sua cria, situação essa que está evidente no documentário. Este confronto poderia ter corrido muito mal, uma vez que os machos são muito mais fortes. A fêmea sabia que era uma luta para perder, no entanto, tal consciência não a impediu de agir. Como o macho estava saciado, ignorou o facto. Esta situação marcou-me muito, a própria pose nesta fotografia: com a cabeça baixa, como se pedisse auxílio ao mundo para a salvarem.

Como surgiu esta ideia? Porquê o Ártico?

Esta ideia surgiu já há algum tempo e insere-se num projeto mais abrangente. O Ártico em especial porque era um sítio que eu sempre quis visitar, estar o mais perto possível deste animal fantástico, que é o urso polar. Essa foi a primeira razão: perseguir um sonho. A segunda grande razão resultou das constantes notícias relativas ao aumento do degelo do Ártico e à extinção do Urso Polar. Tudo isto motivou-me no sentido de fazer um trabalho sobre esta realidade e, assim, poder de alguma forma contribuir para ajudar a reverter esta tendência.

Que aprendizagens tira desta experiência?

O conhecimento que adquiri não é somente de tipologia científica, mas sim um conhecimento de nós próprios, de estar mais próximo da Terra, ter consciência da nossa pequenez e colocar-nos no nosso lugar. Muitas vezes pensamos que somos donos de tudo, lá constatamos que somos apenas uma pequena migalha do grandioso planeta Terra. O sentimento

de humildade destaca-se.

Alguma vez ponderou desistir?

Trezentas e cinquenta vezes! (Risos) Muitas vezes... O processo foi complexo, necessitei de crowdfunding, de patrocínios, dado que os gastos eram elevados. Ao olhar para as viagens de avião e constatar que demoraria cerca de 30 horas só para chegar lá, pensei "Meu Deus, o que vais fazer? Vais para o fim do mundo?" e que tudo podia correr mal. Havia momentos em que punha as mãos à cabeça e... pensei em desistir. No entanto, como referi anteriormente, quando acreditas no teu trabalho, gostas do que estás a fazer e sabes que é correto, fazes tudo para que isso aconteça.

Sabemos que tem um projeto novo, o que nos pode revelar?

O novo projeto é muito idêntico a este, embora seja numa zona do mundo completamente diferente: a África Central. Este engloba uma viagem às planícies do Serengeti (na Tanzânia) com intuito de captar imagens e vídeo de animais em perigo de extinção. Os estudos apontam para o declínio do elefante, girafa, leopardo e chita que estão em constante perigo dada a ação do homem, nomeadamente de caçadores furtivos.



António Guterres e Mário Soares os homens e a história

António Manuel de Oliveira Guterres foi eleito, a 1 de Janeiro de 2017, nono Secretário-geral das Nações Unidas, cargo que passou a ocupar sob compromisso de se reger pelos princípios de atuação da Carta das Nações Unidas que, de um vasto conjunto de proposições, visa, essencialmente, a manutenção da paz e segurança internacional, cumprindo os valores da independência e da imparcialidade. O secretário-geral é o espelho dos ideais das Nações Unidas e o porta-voz dos interesses dos povos do mundo, principalmente dos mais pobres e vulneráveis.

Pedro Venâncio - 12ºB

Adquire particular relevo o seu cargo enquanto Alto Comissário da Organização das Nações Unidas para os Refugiados, iniciado em 2005 e que perdurou até 2015, pois lidou com uma enorme crise de refugiados e testemunhou nas zonas de conflito da Síria e do Iraque o sofrimento das pessoas mais vulneráveis da terra. Deu voz internacional a estas questões, manifestando-se inúmeras vezes (“Não há solução humanitária para questões humanitárias. É sempre uma solução política”). Adquiriu um vasto conhecimento na liderança de uma das principais organizações humanitárias do mundo durante uma das mais graves crises de deslocamentos (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados) que lhe permitiu



ascender a Secretário-Geral das Nações Unidas.

Nascido em Lisboa em 1949, é fluente em português, inglês, francês e espanhol. É casado com Catarina de Almeida Vaz Pinto, vereadora da Cultura da Câmara de Lisboa, e tem dois filhos do primeiro casamento, com Luísa Guterres, que faleceu em 1998, um enteado e três netos.

Obteve o título de engenheiro eletrotécnico, lecionou Teoria de Sistemas e Sinais de Telecomunicações na Universidade onde se formou (Instituto Superior Técnico) em 1971, mas seria dois anos mais tarde que viria a encontrar a sua verdadeira vocação – a política – através da adesão ao Partido Socialista e anos depois na função de deputado da As-

sembleia da República. Além de ter sido eleito presidente da Assembleia Municipal do Fundão durante 5 mandatos, foi também escolhido para exercer a função de Secretário-geral do PS e concorreu às eleições legislativas de 1995 e de 1999 vencendo com maioria relativa. Demitiu-se do cargo de Primeiro-ministro em 2001 como consequência da falta de apoio ao governo que os resultados autárquicos de 2001, que conferiram uma derrota esmagadora ao Partido Socialista, revelaram.

Desde então passou pela Caixa Geral de Depósitos, e pela Organização das Nações Unidas (atualidade). Passou, ainda, a integrar do Conselho de Estado português por designação do Presiden-

te da República Marcelo Rebelo de Sousa em 2016.

António Guterres tem sido uma das figuras públicas mais propaladas na atualidade quer pela sua contribuição no serviço público, quer pela luta constante na manutenção da dignidade humana, o que, naturalmente, revela o seu estatuto enquanto cidadão, político e humano.

Bibliografia:

http://www.rtp.pt/noticias/mundo/antonio-guterres-um-humanista-candidato-a-secretario-geral-da-onu_es893269
<https://nacoesunidas.org/o-secretario-geral/>
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ant%C3%B3nio_Guterres#Biografia

A Organização das Nações Unidas (ONU) é uma organização intergovernamental de que visa a promoção da cooperação internacional e tem como principais objetivos a manutenção da paz e segurança mundial, a afirmação dos direitos humanos, o auxílio no desenvolvimento económico-social, a conservação e proteção do meio ambiente, e, por último, a ajuda humanitária em casos de fome, catástrofes naturais e guerra. Esta organização surgiu no período pós Segunda Guerra Mundial com 51 estados membros, a 24 de outubro de 1945, em substituição à Liga das Nações que fracassou na ma-

nutenção da paz. Atualmente, dela fazem parte 193 entidades governamentais que assumiram o compromisso de fazer ouvir os valores pelos quais a organização se rege, evidenciados na Carta das Nações Unidas, e, essencialmente, tornar o mundo em algo melhor. Tem sede em Manhattan, Nova York, contudo também existem pontos de trabalho localizados em Genebra, Nairóbi e Viena.

Em 2001, a ONU foi galardoada com o Prémio Nobel da Paz, reconhecimento atribuído pelo serviço prestado em inúmeros lugares do globo. Em conjunto com a organização, também houve integrantes, “subinsti-

tuições” como a UNICEF, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados, as Forças de Paz da ONU, dignos de destaque desde a sua criação. Esta instituição subdivide-se em órgãos como a Assembleia Geral, o Conselho de Segurança, o Conselho Económico e Social, o Secretariado e o Tribunal Internacional de Justiça, elementos primordiais para o seu funcionamento. É de notar que secretário-geral atua como porta-voz de facto e é o líder da ONU. O primeiro foi Trygve Lie da Noruega e exerceu funções de 2 de fevereiro de 1946 a 10 de novembro de 1952. Desde então seguiram-

se nove outros líderes sendo o atual e nono dirigente António Guterres, português, desde 1 de janeiro de 2017.

Desde a sua criação, esta instituição tem sido um pilar para a humanidade pelo auxílio prestado em todas as situações críticas.

Bibliografia:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%B5es_das_Na%C3%A7%C3%B5es_Unidas#Organiza.C3.A7.C3.A3o
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_das_Na%C3%A7%C3%B5es
<https://www.unric.org/pt/informacao-sobre-a-onu>
<http://www.unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel?start=5>

Num domingo frio do Inverno de 1924, já Dezembro levava uma semana, nasceu Mário Alberto Nobre Lopes Soares, que, anos mais tarde, se viria a tornar uma figura incontornável da democracia Portuguesa.

João Gil Gonçalves - 12ºC

Mário Soares - como era conhecido pelo povo - foi um político português que por obras valerosas, da lei da Morte se foi libertando - como diria Camões - e que, incontornavelmente, marcou o século XX da história portuguesa.

Desde cedo, a sua personalidade irreverente e o seu inconformismo face ao regime fascista o levaram a filiar-se em movimentos revolucionários, como foi o caso do MUNAF (Movimento de Unidade Nacional Anti-Fascista), com apenas 19 anos, e o MUDJ (Movimento de Unidade Democrática Juvenil), com 22 anos, do qual é membro fundador.

Tal como é previsível, o seu percurso político foi imensamente conturbado e, a 25 de Janeiro de 1946, foi chamado a comparecer perante a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (a famosa PIDE). Iniciava-se naquele preciso momento um enorme histórico de detenções e prisões causadas pela sua atividade política contra o regime fascista e a favor da luta por um estado democrático.

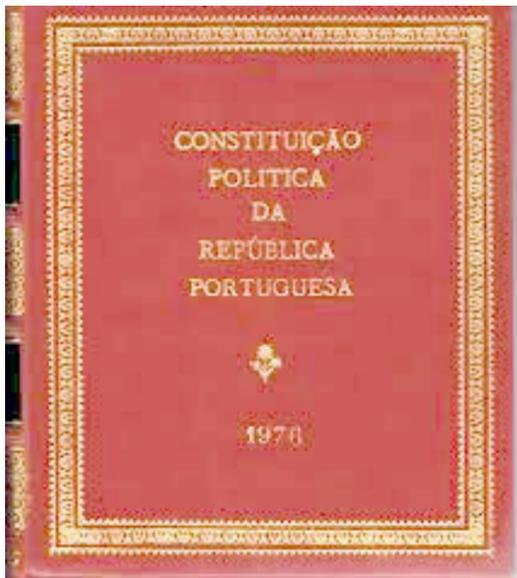
Seguem-se, deste modo, anos intensos de participações políticas em movimentos de cariz republicano, como é o caso das suas funções exercidas na Candidatura Presidencial do General Norton de Matos e de Humberto Delgado.

Uma vez preso, casa-se por procuração a 22 de Fevereiro de 1949 com Maria Barroso, que viria a ser sua companheira de toda uma vida.

A nível académico, à data de 1951, é formado em Ciências Histórico-Filosóficas e, posteriormente em 1957, em Direito, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Em 1964, em Genebra, funda o que viria a ser o Partido Socialista, um movimento denominado «Ação Socialista»

ONU (Organização das Nações Unidas)



40 anos da Constituição Política da República Portuguesa

Assinalaram-se, no dia 25 de Abril de 2016, quarenta anos desde a entrada em vigor da Constituição Política da República Portuguesa de 1976.

João Gil Gonçalves - 12^oC

Apesar das constantes pressões por parte do regime, e de ter sido deportado sem julgamento para São Tomé e Príncipe em 1968, no ano seguinte, candidata-se pela CEUD à Assembleia Nacional, perdendo, uma vez que as eleições eram falseadas pelo regime. A partir de 1970, é forçado ao exílio em França, onde é convidado a lecionar em diversas universidades.

Entre muitas outras datas que marcaram a sua caminhada política, eis algumas com destacada relevância: a 19 de Abril de 1973, Mário Soares funda, com outros destacados combatentes pela democracia em Portugal, mas perseguidos pelo regime, em Bad Munstereifel, na Alemanha, o Partido Socialista; a 28 de Abril de 1974, aquando do seu regresso do exílio, é recebido por uma multidão ao rubro na estação de Santa Apolónia; a 25 de Abril de 1975, o Partido Socialista ganha as eleições para a Assembleia Constituinte, com 38% dos votos, sendo que, um ano depois, o Partido Socialista volta a ganhar as eleições legislativas, tornando-se, assim Mário Soares, Primeiro-Ministro de Portugal; a 12 de Junho de 1985, enquanto Primeiro-Ministro, assina o tratado de Adesão de Portugal à CEE; no ano seguinte, em 1986, ganha as eleições presidenciais à segunda volta, contra Freitas do Amaral, com 51,2% dos votos. No segundo mandato, em 1991 foi reeleito por mais de 70% dos eleitores; aquando da guerra do Iraque, em 2003, encabeça uma onda cívica de indignação, contra a intervenção militar no Iraque, participando em protestos populares organizados.

A sua última candidatura à Presidência da República foi nas eleições presidenciais de 2005, tendo perdido as eleições, com a vitória do Prof. Aníbal Cavaco Silva, com pouco mais de 50,5% dos votos, à primeira

volta. Findava-se, assim, uma longa carreira de entrega à causa pública, ao Estado, à Nação.

Contudo, a sua participação cívica não estagnou e, em 2013, organiza dois encontros com o objectivo de criar uma plataforma de diálogo entre os partidos da Esquerda, sem nunca esconder que gostava que um dia se viessem a entender.

Mário Soares descrevia-se com uma trilogia: socialista, republicano e laico, mas quando o parabenizavam por ser um dos pais da democracia, mandava prontamente o interlocutor ir «chamar pai a outro». O seu estilo fervente, a atmosfera calorosa que emanava, a sua voz inconfundível e o seu olhar penetrante ficarão para sempre marcados no livro da democracia portuguesa. A pátria livre em que tive a sorte de nascer, muito lhe deve, e cabe-nos a nós, filhos e netos da revolução, imortalizá-lo a si e ao seu legado.

Numa triste tarde de Inverno, já Janeiro levava uma semana, Mário Alberto Nobre Lopes Soares, que um dia fora a figura incontornável da política portuguesa, partiu, deixando para trás uma pátria mais livre, igualitária e fraterna do que a que recebeu. Descansa em paz, camarada.

A data é festiva, e, no meio das calorosas celebrações de Abril - a Revolução dos Cravos e, consigo, a comemoração da liberdade, do fim da opressão fascista, o fim da Guerra Colonial, o início da emancipação da mulher, o fim da polícia política, enfim, todas essas conquistas que o golpe de Estado nos proporcionou - a Constituição é, por vezes, pouco referida e, deste modo, que seja o seu quadragésimo aniversário pretexto para a evocar.

Mas, afinal, o que é a Constituição? Começemos por elucidar os leitores mais jovens cuja importância e origem deste tão nobre documento ainda não foi explicada.

A constituição de um país é um texto político que, em norma, surge em momentos precisos da sua história - em momentos de mudança de poder, revoluções no sistema político ou pós-guerra. É o documento pelo qual todas as leis se regem, no sentido em que toda e qualquer prática, decreto ou despacho que não vá ao encontro do que está expresso na Constituição, é, por definição, inconstitucional, e, em última análise, ilegal.

Em Portugal existiram dois momentos da História que se fizeram marcar com um documento Constitucional: a revolução Liberal, cuja vitória sobre os absolutistas fez nascer a Constituição Política da Monarquia Portuguesa em 1822, que, em suma, separava o poder executivo, judicial e legislativo, prescindindo, deste modo, D. João VI, da onipotência característica do absolutismo; mais recentemente, após 48 anos de regime fascista, a 25 de Abril de 1974, o MFA (Movimento das Forças Armadas), reconhecendo o longo período de sofrimento e atraso civilizacional do povo português, através de um Golpe de Estado, derrubou o Governo de Marcello Caetano, sucessor de Salazar, e, com ele, o regime político da época.

A Constituição Política da

República Portuguesa foi aprovada na Assembleia Constituinte em Abril de 1976, dando, desta forma, início a um longo período de cruciais mudanças na sociedade portuguesa. O tempo que se seguiu à revolução foi de grandes expectativas e entusiasmo social, uma vez que o povo há muito que ansiava uma democracia livre e progressista, em tudo diferente do regime autoritário e opressor que o antecederia.

De uma forma pragmática, a Constituição serviu como garante de determinados direitos que os deputados constituintes, inspirados na auscultação da vontade popular, viam como essenciais na proteção da democracia e do estado de direito da jovem democracia portuguesa, bem como de uma vida condigna para os seus cidadãos.

Concretamente, e embora a Constituição seja um livro de pouco mais de cem páginas e que pode ser adquirido por menos de 5 euros (por isso já não há desculpa para não saberem os mais básicos dos vossos direitos) decidi apenas mencionar alguns dos artigos que me pareceram ilustrativos do conjunto de garantias que a Constituição assegura.

No que diz respeito ao ordenamento do território, garantem um conjunto de leis administrativas, de poder local e de separação de poderes indispensáveis à implementação de um Estado de direito democrático, transparente e justo.

É exemplo dessa mesma mudança a Parte III da Constituição «Organização do Poder Político», que, mais concretamente no artigo 111^o, ponto 1, define claramente que os órgãos de soberania devem ser «separados e interdependentes».

É igualmente importante, a título de transparência democrática, o artigo 118^o, «Princípio da Renovação» que, no seu ponto 1, nos diz que «ninguém pode exercer a título vitalício qualquer cargo político de âmbito nacional, regional ou local», sendo complementada com o ponto 2 que abre a possibilidade para a limitação de mandatos dos titulares de cargos políticos executivos.

Por outro lado, a nível económico e laboral, a Constituição é igualmente impor-

tantíssima, enquanto estandarte progressista dos direitos do trabalhador. O direito à greve, o direito à associação sindical, salários justos, boas condições laborais, são exemplos de direitos expressos na Constituição, inseridos no Capítulo «Direitos, liberdades e garantias dos trabalhadores»

Também a nível pessoal, a Constituição assegura liberdades e direitos fundamentais, símbolos da emancipação humana, emergentes da necessidade do povo português estar protegido por um documento que assegurasse essas mesmas liberdades e direitos.

É o caso do Direito à Vida (art^o 24^o), que nos diz que a vida humana é inviolável e que, em caso algum, haverá pena de morte. O Princípio da Igualdade (art^o 13^o), que define que «ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual». O Direito à Integridade Pessoal (art^o 25^o), à Liberdade de expressão e informação (art^o 37^o), à Saúde (art^o 64^o), Ensino (art^o 74^o), entre outros, são exemplos claros de como a Constituição portuguesa é, inequivocamente, um instrumento ao serviço do povo na busca por uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna.

Por estas razões, quer históricas quer de cariz organizacional, administrativo, laboral e pessoal, espero ter-vos lembrado de que a Constituição é imprescindível na defesa dos nossos direitos, deveres, liberdades, Estado Social e do próprio Estado de Direito.

Atrás das grades há projetos, há arte, há vida



No dia 3 de Novembro de 2016 foi apresentada uma peça de Teatro Fórum para professores e alunos e restante comunidade reclusa, escrita e representada por indivíduos reclusos, inserida no âmbito de um projeto de voluntariado, orientado pela Dr^a Cristina Eiras e Dr^a Olinda Azevedo e do trabalho de voluntariado desenvolvido pela Dr^a Leonor Afonso.

Olinda Azevedo e Cristina Eiras

A peça de teatro intitulada *Eu, Tu, Nós, a Vida*, pretende chamar atenção para determinadas atitudes e comportamentos face a questões sociais e preconceitos na sociedade.

Mas o que é o Teatro fórum afinal?

Foi pensado e criado pelo dramaturgo Augusto Boal, um pensador, que queria transformar o Teatro numa educação / transformação no sentido de dotar as pessoas de ferramentas para a luta pela igualdade.

Ou seja o que queremos ser, alterar, aprender, dar e principalmente o que queremos escolher?

Oprimir ou Libertar?

Não uma liberdade da prisão, mas sim da prisão imposta a nós próprios, da qual muitas vezes não nos conseguimos libertar e dessa forma também oprimimos.

Pensamos no teatro como forma de identificar “a verdade

através dos sentidos”, ouvimos, vemos, sentimos (os três sentidos artísticos), mas não identificamos. Augusto Boal refere que o teatro pode ser uma forma de libertação e de luta pela igualdade, mas para isso é necessário transformar, pois somos todos responsáveis pelos nossos atos.

O objectivo é que todos juntos, através desta linguagem (teatro) consigamos descobrir novos conteúdos/aprendizagens.

Todos podemos fazer mais e melhor e juntos construímos o futuro. Através deste tipo de iniciativa poderemos, também, apoiar a reinserção e a aprendizagem.

Flagrante Delito

O projeto **Flagrante Delito** surgiu na primavera de 2014 com o objetivo de promover a animação musical nas atividades de encerramento desse ano letivo. Desde então até ao presente tem sido presença assídua nas festividades que decorrem ao longo do ano no estabelecimento prisional de Izeda.

Albino Falcão, professor

Constituída por cinco elementos, António Melo, Alexandre Soares, Daniel Lovera, Ricardo Silva, Bruno Cunha, José Santos a banda tem procurado desenvolver a aprendizagem e o aperfeiçoamento de técnicas musicais específicas. Estas técnicas são colocadas em prática através do ensaio de alguns covers de peso no panorama musical nacional e mundial, bem como na criação de temas originais, apresentados à comunidade em

diversas datas festivas. O apoio e o carinho dessa comunidade tem sido fundamental para a manutenção deste projeto, que tem na flutuação da população reclusa um dos seus principais entraves.

Um dos pontos mais altos da banda foi, sem dúvida, a apresentação, num espetáculo em parceria com o Quintanilha Rock, de um dos seus temas originais. A atuação foi divulgada por um canal de televisão em horário nobre e o Hip Hop dos Flagrante Delito acabou por voar para lá dos muros do estabelecimento prisional.

O apoio das chefias do EP a este projeto é essencial, mas o envolvimento de reclusos com alguns conhecimentos musicais é fundamental para a manutenção e desenvolvimento deste projeto.

A divulgação de alguns temas a nível nacional é (quem sabe!?) o passo seguinte.

Halloween

O Halloween é celebrado hoje, em várias partes do mundo, como uma festa, mas possui uma longa história.

Rui Pinho - recluso no EP de Izeda

Esta tradição remonta a uma antiga celebração celta, o Samhain, que marcava o fim do verão e o início do inverno, o fim das colheitas e o início do novo ano celta. Para este povo, era uma altura em que o véu que separava o mundo visível do invisível — o mundo dos vivos e dos mortos — se tornava mais tênue. Acreditava-se que os mortos regressavam e que os deuses e outros seres do submundo passeavam por entre os vivos.

Na segunda metade do século XIX, os Estados Unidos da América receberam um grande número de imigrantes irlandeses e assim espalhou-se e popularizou-se a celebração do Halloween. (adaptado de:

<http://observador.pt/especiais/verdadeira-historia-halloween/>) Este ano, os reclusos do EPI meteram mãos à obra e juntamente com os professores tentaram recriar alguns cenários alusivos à data. Estes trabalhos ficarão na nossa memória. Agradecemos aos professores e formandos envolvidos.



Devaneios

... que lindo nome
Quem to pôs soube escolher,
Mas podes ter a certeza
Que eu nunca te vou esquecer.

São estas as palavras
Que eu te estou a escrever
Para que um dia alguém
As possa também ler.

Tudo o que eu escrevo,
Escrevo com emoção.
Tudo me sai da mente
Mas também do coração.

Escrevo versos e poemas
Mas também escrevo rimas
Passo os meus tempos livres
A escrever poesias.

Vivo com tanta tristeza
Nas grades desta prisão
Só a ti te vou dizer
O que aqui sofre meu coração.

Os poemas que escrevi
Ficaram todos na lembrança
Hoje sou um grande homem
Mas outrora fui criança.

Se eu pudesse falar com Deus
Duas coisas eu pedia:
Uma a minha liberdade,
Outra a tua companhia.

Rui Pinho

Doze de novembro de dois mil e dezasseis

Numa madrugada de inverno, Xavier, um rapaz de nove anos, preparava-se para sair da sua terra natal, Faro, pela primeira vez. Xavier iria com os seus pais para Bragança. Lá, Estes iriam passar o Natal com a família que já não visitavam há bastante tempo. Xavier apenas tinha visto os seus primos e tios num Natal, quando ele tinha três anos e, nessa altura, foi a “família do norte” que os visitou, daí também o pequeno Xavier não conhecer a cada da família nem a sua terra.

Xavier e os pais saíram às duas e meia da manhã, pois pretendiam ainda chegar a tempo de almoçarem com a família. O entusiasmo na cara do pequeno era visível, visto sair pela primeira vez do sul e ir fazer uma viagem de ponta a ponta de Portugal continental. Nas primeiras horas, passaram pelas cidades de Santarém, Leiria e Coimbra. Xavier, sempre ouvira falar destas cidades e, mesmo não parando lá, pediu aos pais para, um ida, as visitar porque era bastante curioso.

Quando o sol começou a nascer, Xavier passou por Viseu, cidade de onde os seus avós paternos eram oriundo e também, depois, por Vila Real, onde a sua mãe tinha estudado engenharia.

Finalmente, chegaram a Bra-

gança e, na entrada da cidade, Januário, o tio de Xavier, já os esperava. Depois do emotivo reencontro, Januário mostrou a cidade a Xavier e aos seus pais. O pai de Xavier era o único dos três que já conhecia a cidade, pois já visitara o irmão algumas vezes. Tinha nevado em Bragança dois dias antes, daí as árvores ainda estarem cobertas de neve e as pessoas usarem casacões e cachecóis; as crianças brincavam com a neve e faziam bonecos. Januário, depois de mostrar a cidade coberta com esse manto branco à sua família, encaminhou-a para sua casa.

Entretanto, o Natal passou e era tempo de regressar. Xavier tinha-se divertido bastante com os seus primos e queria muito voltar no ano seguinte, tal como os seus pais que afirmavam só ir embora porque tinham que recomeçar as obrigações do trabalho. Mesmo assim, ficou combinado um reencontro no verão, em Faro!

Gonçalo Rodrigues, 9º C,

José Tiago:

Ser pai é a luz que beija, com delicadeza as cores do amanhecer

Ser Pai são sorrisos nacaradas de cíclames rosados sublinhados nas nossas vidas.

Ser Pai são suspiros enormes de azul celeste, pêssego fresco e verde mar, no quotidiano dos filhos.

Ser Pai são sons de oboé e cachos de inquantificáveis e profundos conselhos nas nossas incertezas.

Ser Pai é cromatismo de desafios constantes, no gargalhar do tempo ora ambíguo, ora subtil e doce.

Ser Pai são madrugadas inconfundíveis e amistosas de uma auréola fantástica aliada à nossa infância.

Ser Pai são baladas harmoniosas de palavras, que transportam incontestáveis mensagens refrescantes, que aliviam as nossas dores.

Ser Pai são mantos de magia, sonatas de incondicionável amor nas intempéries e assimetrias dos dias.

Ser pai são “xailes” de carinho imensurável, amor macio que reconfortam, habilmente, as nossas tristezas e despeitos...

Ser Pai é aurora carregada de tons iluminados, são rimas acesas de beijos imaculados e orvalho reconfortante.

Ser pai são esperanças novas, açucenas brancas e brilhos quentes do sol, que temperam de carinho pleno de sensibilidade o “rosário” dos anos.

Ser Pai é a doçura e lealdade do olhar cor de indigo, do José do Nascimento Tiago, numa combinação ardente de Seriedade, Respeito, Determinação, Amizade e Honradez.

Ser Pai são badaladas de força e coragem, amolecidas de lágrimas brandas nos malabarismos do destino.

Ser Pai, são zigue-zagues

de cambráia e halos de amor eterno, que nutre o José Tiago, pela afável, lutadora e encantadora Clotilde.

Ser Pai são feitiços de lua al-taneira, verdade resplandecente do avô José Tiago na clareira enérgica, arguta e fecunda caminhada; perfumada de companheirismo inigualável e espirais de amor de mel na vida dos queridos, atentos e devotos netos Eduardo, Carolina, Francisco e João.

Ser Pai é o desafio constante na vida do José Tiago, numa mescla indiscutível de amizade e respeito, que dedica, em uníssono, ao categórico e leal Carlos Alberto e à doce e singular Maria Manuela.

Ser Pai são tons imperativos, acordes de sabedoria, a luz no crepúsculo, sabores de açúcar, constelações de valores inquebráveis, labareda viva de amor e colo venturoso para os filhos, Fernandinha e Jorge.

Ser Pai é o inconfundível, digníssimo, admirável, responsável, profundo e, copiosamente, defensor do elo familiar...

Este senhor é o meu querido Pai.

Fernanda Tiago

criações

Tons de Inverno

Nessa noite agitava-se o ventre fecundo da terra enroscada em “echarpes” de rendas entoando uma diáspora de ideias, que explodiam impulsivamente num clarão de pólvora.

Num traço irregular e irrequieto o vento destapava, surpreendentemente, um desfile de memórias vivas e frescas na teia ilimitada do tempo, que lentamente se desprendiam numa harmonia de fluidos, enquanto a suavidade, o silêncio e a inocência da chuva miudinha tocava o meu rosto desperto nesse silêncio quase absoluto.

O pranto e a espiritualidade do luar encastoava-se nos cinzentos preciosos dos céus, que magnificamente contracenava com o ávido rodopio das águias, bem como com a opulência insaciável dessa falsa “valsa” destruidora tão ao sabor da desfaçatez dessas aves impudicas, petulantes e caprichosas. Mas, apesar do véu de cinzas e guerras levantadas pelas ditas aves de rapina, prontas a atacar, com uma pedra de esperanças levantei o véu e, terrivelmente dissimulada, astuta e satírica lancei uma esfusante gargalhada, no

encanto ímpar de ser mulher. Nesse inverno do nosso contentamento, num êxtase mole, o som forte e suave dos flautins e das harpas desprendia-se pelo ar, segredando rimas de harmonia, enquanto as “caves” perfeitas do sonho transportavam o gosto de estarmos juntos, nesse tempo de oiro polido pelos nossos gestos simples, pelos nossos afetos quentes que ardião tanto na pele como na alma, nessa terra vestida de castanhos secos e vários. Assim, quero dizer-te que a “fera” vermelha do meu amor é a minha cor e não a cor de azevi-che que trago no olhar. Então, uma chuva de emoções frenéticas e incandescentes, ao sabor do acaso travesso, que escorregavam dos teus dedos decididos e, que se prendiam em mim num emaranhado de espantos e espasmos singulares agarrando o espólio vasto e inalterável do meu querer, violentado em gritos de claridade no rosto imprevisível do futuro, que nos escapa na áspera imensidão dos dias vazios de inverno.

De facto, o passado é balizado pela irreverência e insensatez

do tempo, pensava eu, tempo esse povoado de cor de fúchsia que queima e incendeia as cores geladas, que acendem o brilho metálico e frio das manhãs desta estação.

Nesta tentação esgotante e irresistível de tanto te querer, a intemporalidade do sonho agita também o feixe cor-de-vinho dos nossos beijos, que me correm ainda na garganta ávida do filão do teu amor e das promessas de incandescência por abrir...

Num enorme jogo de luz vejo o teu subtil e inflexível corpo espreguiçar-se em pétalas ora de cíclames, ora de lírios, emanando um calor levemente sensual, vibrante e intenso, ao mesmo tempo, que procuravas o rasto sensibílissimo do meu, que jazia quase inerte..., para se misturarem em odores de sândalo, jasmim, acácia e baunilha... Para lá de todos os credos, infiltrados em perfumes e, com a suavidade e maciez das nuvens, a tua indesmentível coragem e a nudez requintada da tua envolveria eram como um “poema” singular, que adormecia no âmagdo do meu ser...

Sem reticências, vi-te num fogo-paixão e foste o cometa de promessas inesperadas e o sonho olfativo e cromático entalado na intensidade da invernia, que entonteceu os meses desse tempo novo implantado na distância, de tanto querer.

Então, passei a sussurrar prenúncios de mil mistérios, desejos recatados evocados na noite delicada, que desabrochava em aromas de cumplicidade na infinita coerência dos nossos olhares em uníssono, agora lagoa inquebrável de cheiros gostosos e evasão...

Com o peito tumultuoso e apaixonado, atapetado de musgos de segredos e, com infinita coerência deixava-te beber a água calma e doce do meu amor.

Ao mesmo tempo, delicada e sem contradições, na pureza mais clara do sentir estendia-te a intemporalidade do tempo, com finíssimos fios de oiro e os acordes do meu espírito, tangidos por tonalidades puras da cor do amor...

Nesse tempo apetecível, levamos o enigma e a frescura dos ciprestes e das agulhas dos pinheiros,

com insinuações de abetos, sândalo e almíscar que cheiravam a Individualismo e Materialismo, desprendendo-se, assim, múltiplas verdades... e, as coisas tomavam um sentido mais prosaico; era a banalização de um tempo descarnado que me negava a melodia da noite, a magia da lua, o desejo de sonhos prateados sem maldades, a labareda do sol e do amor, a capacidade de inventar e de acreditar em amanheceres de prata.

Ainda com reflexos de pupilas enamoradas queria reinventar um olhar para ver a cor do infinito e avistar um sol de inverno na euforia da noite de todos os sonhos, enquanto segurava na mão um trevo vermelho de quatro folhas. Nesse sol de inverno queria ver mais, ter um espírito de desejo ávido e uma imaginação positiva e um espaço amplo a esconder possibilidades infinitas de esperança e um horizonte de surpresas...

Foi o acordar de um sonho de inverno.

Fernanda Tiago

Alunos de Biologia de 12^o ano têm aula no Instituto Politécnico de Bragança

No âmbito da disciplina de Biologia e acompanhados pela professora Sónia Rodrigues, os alunos das turmas de 12^o A e B, deslocaram-se ao Instituto Politécnico de Bragança, no passado dia doze de outubro, com o intuito de aprofundar os conhecimentos acerca da morfologia dos sistemas reprodutores feminino e masculino dos mamíferos e reprodução medicamente assistida. A referida temática foi complementada com uma vertente mais prática, tendo servido o Centro de Ciência Viva de Bragança de intermediário entre os investigadores do Instituto Politécnico de Bragança e a nossa escola.

Ana Lourenço, Helena Rodrigo – 12^o A; Margarida Praças e Pedro Venâncio - 12^o B

A atividade decorreu sob a orientação da professora Teresa Correia do Instituto Politécnico, tendo colaborado numa das atividades, Óscar Mateus, aluno de mestrado. A mesma envolveu a partilha de conhecimentos sobre projetos científicos relacionados com a reprodução, proporcionando a observação de material biológico do aparelho reprodutor de bovinos e a preparação de material biológico (gâmetas), para observação ao microscópio ótico. Salienta-se o interesse, cooperação e disponibilidade da equipa do CCVB na dinamização da atividade, integrada no projeto “Encontro com o cientista” que visa a promoção e o desenvolvimento da ciência no ensino básico e secundário. O encontro ocorreu no IPB, tendo, também, estado presentes a Engenheira Clotilde Nogueira e a Doutora Raquel Branquinho, da equipa do CCVB.

De batas colocadas, num primeiro momento, observou-se a constituição do sistema reprodutor de uma fêmea e de um macho de bovino, tendo sido feita uma breve explicação acerca do seu funcionamento. É de notar que aos alunos foi, também, introduzido o conceito de controlo reprodutivo, sendo que estes tiveram oportunidade de conhecer os procedimentos básicos de uma inseminação artificial em mamíferos. Este controlo efetuado por técnicos especializados prende-se, essencialmente, com os benefícios económicos da exploração do

mesmo. Para além do produtor controlar o fenótipo (expressão de características observáveis) do animal em questão, selecionando, por isso, as características que lhe convêm, também o controla em termos reprodutivos, conseguindo ajustar a sua época reprodutiva, de acordo com os seus interesses e exigências dos consumidores. A título exemplificativo, destaca-se o caso de dois animais bastante requisitados na altura da Páscoa: o cabrito e o cordeiro. Desta forma, para o produtor conseguir resposta para a procura em massa destes animais é necessário sincronizar a sua reprodução por forma a obter crias com o desenvolvimento ideal para serem vendidas no mercado, nesta época específica do ano. Este processo é bastante minucioso e especializado, com experiência, dirigem-se às terras dos produtores, com o material biológico a inseminar, obtido previamente.

Num segundo instante, os alunos puderam visualizar ao microscópio espermatozoides vivos. Para a observação ser possível foi necessário recolher o sêmen do macho, através de uma ejaculação artificial e manter os espermatozoides vivos, conferindo-lhes o meio necessário à sua sobrevivência, desde a sua colheita até à sua observação, uma vez que estes são extremamente sensíveis a variações de temperatura. Assumindo o papel de investigadores, os alunos acompanharam, com muito interesse, o trabalho prático desenvolvido pelo mestrando Óscar Mateus. Assim, o sêmen começou por ser dividido em três tubos de ensaio – um com sêmen não diluído, outro com sêmen diluído e um último com sêmen contaminado; posteriormente foram colocados em banho maria, a uma temperatura de 37°C. Seguidamente, prepararam-se as lâminas (previamente aquecidas) com o sêmen e concluiu-se que os espermatozoides do primeiro e segundo tubos se encontravam vivos (pela forma agitada como se movimentavam), porém a melhor observação foi conseguida na amostra diluída, por apresentar um menor número de espermatozoides, tendo sido possível observar a sua estrutura. Os do terceiro encontravam-se mortos (dada a ausência de movimento), facto que resultou da contaminação a que foram sujeitos. A visualização foi



feita a partir de um sistema que simultaneamente, permitia contabilizar a quantidade de espermatozoides, por área ocupada. Dadas as condições exigidas para a realização da referida atividade verificamos que o desenvolvimento da tecnologia contribui para o desenvolvimento da ciência e vice-versa e que constituem a base de construção do conhecimento científico. Esta atividade contribuiu para o desenvolvimento de conceitos e competências específicos de Biologia, pelos alunos e permitiu-lhes constatar que os mesmos podem ter aplicações no quotidiano. O facto do desenvolvimento de tecnologia se aplicar ao quotidiano brigantino, em meios rurais, e não estar confinado aos institutos ou universidades fê-los procurar produtores de gado, querendo saber mais.

Não foi difícil, e foi em Rebordainhos que encontraram as suas respostas, junto do Senhor António Rodrigo, que lhes prestou, gentilmente, alguns esclarecimentos – “A escola superior agrária de Bragança mantém um protocolo com a associação de criadores de ovinos da raça churra galega Bragançana, a propósito de incutir inseminação artificial em alguns exemplares da raça, assegurando a sua reprodução e manutenção. Através desta técnica é possível assegurar a reprodução de todas as ovelhas, com capacidade reprodutora, de um produtor, ao mesmo tempo, obtendo-se muitos descendentes para alturas de muito consumo, como por exemplo, o de cordeiros e cabritos na época da



Páscoa, permitindo assim dar resposta à procura por parte dos consumidores. Por outro lado, também permite ao produtor de gado, escolher a altura em que pretende que nasçam as crias dos seus rebanhos, sendo na nossa região evitada a reprodução no mês de Dezembro, dada a escassez de alimento para alimentar os animais recém-nascidos e em julho, período em que os produtores têm muito trabalho com as cegadas, e como tal não têm muita disponibilidade para prestar cuidados aos novos descendentes. Porém, esta técnica, para além de vantagens também tem algumas desvantagens”. Destacamos aquelas que o Sr. António considerou mais importantes: “é benéfica na medida em que permite o controlo do nascimento de cordeiros e o “aperfeiçoamento” da raça. No entanto, é prejudicial uma vez que conduz à uniformidade de características, o que pode por em risco o rebanho, pois tendo todo a mesma informação genética, na eventu-

haver descendentes que resistam, para garantir a manutenção do rebanho.” Feitos os agradecimentos, os alunos ficaram com a certeza que, na Páscoa, quando se saborear o cabrito e o cordeiro, todos se hão-de recordar deste dia.

BE da Augusto Moreno

Elisa Ramos (coordenadora da Biblioteca)

O Agrupamento no evento da Ajudaris

A Escola Augusto Moreno marcou presença, no dia 27 de janeiro, em mais uma apresentação do livro Ajudaris. Uma Escola solidária num evento em que os

pequenos escritores são os atores principais desta organização de referência nacional, que, simultaneamente, promove a leitura, a escrita, a arte e a solidariedade.

Desta vez, os autores/artistas solidários foram os alunos do 4º ano. Parabéns, aprendizes- autores! Parabéns, Ajudaris!



Encontro com o escritor António Mota

António Mota esteve, a nosso convite, nas Escolas do Agrupamento

Os alunos das escolas de Izeda, Parada, Rossas, Toural, Augusto Moreno e Abade de Baçal encheram o auditório Vilarinho

Raposo, ao longo do dia, em 3 sessões.

As obras do autor foram lidas, recriadas, representadas e saboreadas pelos alunos dos diferentes ciclos: Pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclos.

António Mota encheu-nos o coração de histórias e deixou-nos a receita do sucesso:

- 1- Ler
 - 2- Ler...
 - 3- Ler... ..!
- Vamos segui-la!...



Afetos na BE Augusto Moreno

O dia dos afetos, 14 de fevereiro, foi celebrado na Biblioteca da Escola Augusto Moreno, com os alunos do 1º ciclo.

A contadora de histórias Al-

exandra Vaz cativou todos, mais uma vez, com duas histórias de encantar onde a mensagem versou os valores do amor, ternura e respeito.

Os beijinhos e os abraços encheram o nosso coração. Bem-haja!



Leituras com Natal dentro

Porque celebrar o Natal é acreditar na força do amor, no dia 14 de dezembro, os alunos do 3º e 4º anos do agrupamento conheceram um novo conto

de Sophia de Mello Breyner Andresen, ilustrado por Graça Morais, O Anjo de Timor, contado, magnificamente, pela nossa convidada, Alexandra Vaz, uma

contadora exímia nesta arte. Um momento de grandioso e caloroso eco natalício, na Biblioteca escolar!



À conversa com Ricardo Batista



Ricardo Baptista numa animada sessão de apresentação da sua obra, em 10 de novembro, A Minha Mãe anda estranha, com os alunos do primeiro ciclo das Escolas Abade de Baçal.

Os trabalhos apresentados revelaram uma imaginação surpreendente, ao nível da dramatização, da escrita e das expressões!

Uma manhã de literacias à prova!



Dia mundial da ciência

O objetivo do Dia Mundial da Ciência é engrandecer o papel da ciência para o desenvolvimento humano, assim como destacar grandes nomes da ciência, colocar desafios para o futuro e estimular o gosto pela ciência nas gerações mais novas.

Os alunos do Espaço Ciência,

do 4º ano, da Escola Augusto Moreno, associando-se à biblioteca escolar, vieram à Biblioteca fazer Ciência, assinalando a efeméride, numa iniciativa que teve por objetivo promover, simultaneamente, a importância da descoberta e do conhecimento científico para o desen-

volvimento da humanidade e da leitura. Assim, para dar voz à ciência foram convidadas as turmas de 6º ano que desafiaram o seu conhecimento científico e experimental, guiados pelos colegas mais jovens.

Parabéns, jovens cientistas!

La Chandeleur a gastronomia homenageia a natureza

No dia 2 de fevereiro, comemorou-se a “Chandeleur” no âmbito da disciplina de Francês. Esta festa tem uma origem cristã – a apresentação de Cristo ao Templo quarenta dias após o seu nascimento – assim como pagã.

Esmeralda Gonçalves

Segundo a tradição popular, os crepes representam o regresso do sol após as longas noites de inverno. No início de fevereiro, o astro levanta-se cada vez mais cedo e põe-se cada vez mais tarde (o dia prolonga-se três minutos diariamente). O consumo dos crepes seria, por conseguinte, uma homenagem ao renascer da natureza e ao anúncio da primavera. No meio rural, acreditava-se que a farinha do ano anterior se perderia se não fosse utilizada nos crepes da “Chandeleur”. Desta forma, os camponeses gastavam essa farinha para preparar os crepes que simbolizavam, assim, a prosperidade futura.

A partir desta tradição, surgiram muitas outras, nomeadamente aquela que consiste em segurar uma moeda numa mão e virar o crepe com a outra, lançando-o ao ar. Se o crepe cair, “elegantemente”, isto é, sem ficar dobrado ou “enrugado”, isto seria um bom presságio financeiro para a família. Os mais supersticiosos guardam o primeiro crepe em cima de um armário da cozinha para atrair a sorte.

O alunos do Agrupamento tiveram a oportunidade de conhecer algumas destas tradições e de saborear um

crepe.

A turma B do nono ano, na tarde do dia 2 de fevereiro, na sala do convívio dos alunos, assinalou-se a efeméride com a confecção e degustação de crepes. A iniciativa foi elogiada por todos os alunos: “Foi uma excelente iniciativa” (João Fernandes, n.º13); “Foi uma atividade engraçada e divertida” (Catarina Rodrigues, n.º7); “Foi uma boa maneira de conhecer a cultura francesa” (Ana Catrina, n.º3); “Foi uma boa iniciativa realizada de forma dinâmica e que nos permitiu conviver” (Anaisa Moreira, n.º4); “Foi uma experiência bastante interessante, divertida e inovadora. Permitiu aos alunos conhecer um pouco mais da cultura francesa” (Inês Lopes, n.º12).

A cada aluno foi atribuída a tarefa de trazer um ingrediente. A massa dos crepes foi preparada e cada um “cozinhou” o seu próprio crepe que, depois, recheou a gosto. Os mais ousados viraram o crepe, lançando-o ao ar (“Gostei de deitar o crepe ao ar e de o comer” (João Saldanha, n.º 20). Os mais inexperientes contaram com a ajuda eficaz, e até “profissional”, da sua colega Beatriz Sá: “Gostei de ajudar os meus colegas a fazer os crepes e gostei de comer”. Para alguns foi, inclusive, a primeira vez que faziam crepes.

De uma forma unânime, foi uma experiência que estes alunos gostariam de repetir.



Manifesto

by Mara Afonso e Pedro Podence, 11ºC

**This is your book. Read what you love, and read it often.
If you don't enjoy a book, stop reading it.
If you don't like a genre, try another one.
If you don't have enough time, stop wasting it.
If you are searching for the best book ever written, stop;
You'll find it when you least expect it.
Stop hiding your reading tastes, no one's going to judge you.
Every single book is a unique masterpiece.
When you read, appreciate every last sentence.
Open your mind, arms and heart to new books and new characters,
they're all united in one form of art.
Ask the next person you see which book they are reading;
And share your travels through different worlds with them.
Read often, getting lost in other people's stories will help you find yourself.**

Festividades em Espanhol

Cláudia Nunes e Carina Lopes

¡Felices Fiestas!

Para comemorar a época natalícia as turmas de espanhol elaboraram “Ángeles Navideños” com mensagens em língua espanhola alusivas à época, que distribuíram à comunidade escolar. Esta atividade possibilitou uma articulação de saberes, pois não

só permitiu aos alunos trabalharem aspetos culturais e linguísticos, como também o desenvolvimento da sua capacidade criativa. Os alunos aderiram com satisfação a esta atividade, pois realizaram-na com bastante empenho e dedicação, criando trabalhos com muita qualidade.

Os “Ángeles Navideños” foram vendidos a um preço simbólico, de forma a custear os materiais utilizados na sua confeção e tiveram um bom acolhimento de toda a comunidade educativa.



Surpreenda-se... ou deixe -se surpreender com outras culturas!

O grupo de Espanhol convidou a comunidade escolar a conhecer uma tradição particular que ocorre em alguns países da América Latina, designadamente no México, país com hábitos e culturas diferentes da nossa. O México é conhecido como um país de festas e rituais. Para um mexicano, qualquer acontecimento é motivo de festa. As comemorações formam parte do quotidiano deste povo e as festas religiosas estão carregadas de cores, música, alegria e tristeza. Um bom exemplo desta contradição é a celebração do “Día

de Muertos” que é comemorada com alegria por se tratar de uma festa e ao mesmo tempo com tristeza por ser dedicada às pessoas queridas que já faleceram. Nos dias 1 e 2 do mês de novembro os mexicanos fazem rituais para homenagear os seus antepassados e a nossa escola não deixou de celebrar esta efeméride! Dando relevância à data e para comemorar o “Día de los Muertos”, decorreu, nos dias 1 e 2 de novembro, no átrio da Escola Abade de Baçal e na Escola Augusto Moreno, uma exposição de altares em honra de entes

queridos. Com esta exposição, a comunidade escolar pôde descobrir uma nova visão, uma crença que combina a espiritualidade indígena e a tradição católica do dia das Almas e do dia de Todos os Santos, celebração essa que tem marcas de índole popular e religiosa e que desde 2003, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) a reconhece Como Património Imaterial da Humanidade.



Sus majestades de Oriente...

O “Día de Reyes” foi assinalado nos dias cinco e nove de janeiro na Escola Abade de Baçal. No dia cinco de janeiro alunos disfarçados de Reis Magos percorreram as salas de aula, distribuindo reбуçados e desejando um bom ano aos colegas e a toda a comunidade escolar, cantando a música “Campana, sobre campana”, vilancico muito popular. A cabalgata de reyes é uma tradição muito popular em terras de Nuestros Hermanos

e consiste num cortejo, onde pessoas disfarçadas de Reis Magos, percorrem as principais artérias das cidades, distribuindo caramelos e saudando todos os presentes. Celebra-se no dia cinco à tarde porque no dia seguinte os três Reis Magos (Belchior, Gaspar y

Baltasar) presentearam o Menino Jesus com Ouro, incenso e Mirra. No dia nove o grupo de espanhol proporcionou à comunidade escolar a degustação de produtos típicos da época, nomeadamente o Roscón de Reye.



Desporto Escolar

Competições de badminton e xadrez

O Clube do Desporto Escolar tem permitido aos nossos alunos a participação em diversos encontros e competições no âmbito da prática desportiva, transmitindo-lhes valores como o companheirismo, o respeito e a amizade, não só entre os elementos da equipa, como também com os elementos das equipas das restantes escolas com as quais competem.

Ana Oliveira, representante do grupo/equipa de Badminton

Esta interação entre alunos de escolas diferentes proporciona-lhes experiências novas e que são sempre gratificantes e enriquecedoras a nível pessoal.

Constituem o grupo/equipa de Badminton os seguintes alunos:

- Tânia Fernandes, 9.º E
- Bruna Fontoura, 9.º D
- Tatiana Vaz, 9.º E
- Sónia Chen, 9.º E
- Gonçalo Vara, 9.º E
- Daniel Chen, 9.º E
- David Chen, 9.º E
- Luís Ferreira, 9.º PIEF T2
- Diogo Soares, 9.º E
- Diogo Branco, 8.º B
- Eduardo Ferreira, 8.º B
- Ana Carolina, 11.º EPPU
- Christian Coelho, 11.º EPPU

Os alunos têm realizado inúmeros jogos, a contar para o calendário de competição Distrital, nos quais obtivemos boas posições para o ranking da competição.

O "Fair-Play" imperou em todos os encontros e tem sido uma mais-valia na formação pessoal e desportiva destes alunos.

Todos os alunos estão de parabéns, não só pelo esforço e dedicação demonstrada até à data, mas também pela excelente representação da nossa escola nas competições já realizadas.



Realizou-se dia 11 de janeiro a 1ª jornada de Xadrez da Fase Local, integrada no Desporto Escolar, cabendo ao Clube de Xadrez do Agrupamento a sua organização. Uma prova que tem registado um número crescente de participantes demonstrando de forma clara o interesse dos jovens por uma modalidade de interesse geral onde o jogo virtual tem a sua predominância. Com o envolvimento de mais de 80 participantes, representando 8 escolas (Abade Baçal, Augusto Moreno, Izeda, Emídio Garcia, Mirandela, Foz Côa, Chaves e Santa Marta de Penaguião) decorreram em ambiente de muito entusiasmo as 5 partidas

que colocaram em oposição os jovens xadrezistas. Das 200 partidas realizadas o resultado mais importante foi o excelente convívio que reinou entre todos os xadrezistas. A exemplo do ano anterior, os nossos xadrezistas tiveram um desempenho muito positivo, esperando-se que, no final das 5 jornadas, os nossos jovens iniciados consigam passar à Fase Regional. De registar o envolvimento dos alunos do 12º ano do Curso Profissional Técnico Multimédia, que fizeram a cobertura fotográfica e de vídeo desta jornada.

O coordenador do projeto, Nuno Cristóvão



O desporto escolar é para todos.
Participa!

Eugenia uma sociedade geneticamente predeterminada

Suponham que viviam nos anos 80, e se vos diziam que um dia os computadores desempenhariam uma função indispensável no quotidiano, que os habitantes dos diferentes cantos do planeta teriam um elo de conexão, a internet, parecer-vos-ia absurdo? O que nessa altura era ficção científica tornou-se realidade. Em analogia, a situação relativa à manipulação genética é semelhante.

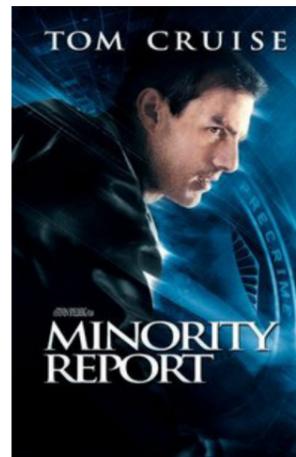
Guilherme Moreira-12ºB

A descoberta da molécula de DNA iniciou um capítulo novo do avanço científico-tecnológico. Os métodos mais rudimentares de manipulação genética passaram pelo uso de radiação ionizante, com o intuito de criar mutações em plantas. Aleatoriamente, algumas apresentavam características que conferiam vantagem para a sua sobrevivência ou simplesmente traços procurados a nível comercial (frutos maiores, conservação durante maiores intervalos de tempo, entre outras características). Por sinal, apesar de se encontrar numa fase embrionária, o Homem já alcançou grandes feitos. Entre eles, destacam-se a clonagem de animais e plantas, a produção de biomoléculas através de engenharia genética de microrganismos (insulina, hormonas de crescimento). Para além disso, testes de diagnóstico pré-natais são atualmente comuns, sendo que permitem determinar se o feto possui anomalias genéticas, como por exemplo síndrome de Down, dando aos progenitores a opção de terminar a gravidez. Exerce-se, atualmente, em alguns casos, uma seleção artificial. Quais as oportunidades que as futuras revoluções genéticas nos reservam? A espécie humana aproxima-se de um desenvolvimento ao nível da engenharia genética que permitirá a manipulação genética de descendentes, erradicar diversas doenças e, possivelmente, alcançar um estatuto utópico – a eterna juventude. Ao intervir ao nível de uma doença genética num embrião, como o daltonismo, porquê parar aí? E se, para além disso, fossem selecionados

e manipulados genes específicos que permitissem um desempenho cognitivo extraordinário, um metabolismo aprimorado, visão perfeita, estatura alta e musculada: em suma, um genoma “perfeito”? Essa situação hipotética levanta inúmeras questões éticas, será moralmente correto manipular um ser de tal modo? Potenciar-se-á um mercado elitista de genes? Como tornar a tecnologia acessível de modo a evitar o agravamento das desigualdades sociais? Tendo em comparação dois indivíduos, um geneticamente modificado que tem capacidades brilhantes, atingindo um desempenho elevado com pouco esforço e outro também inteligente mas não geneticamente modificado que se esforça para atingir os mesmos resultados, têm ambos o mesmo mérito? Que barreira se opõe a que estes conhecimentos sejam utilizados por uma determinada nação, a fim de criar um superexército constituído por soldados geneticamente manipulados de modo a exponenciar todas as capacidades de combate? Em contraste, existe um grande fosso entre a presença de genes que conferem determinada característica e a expressão dos mesmos. A epigenética estuda a influência do meio envolvente na expressão genética. Por outras palavras, mesmo manipulando os genes de modo a criar o indivíduo “perfeito”, existe a probabilidade, por mais reduzida que seja, de que este não seja efetivamente singular, dado que a interação com o meio condiciona o metabolismo, dada a transcrição seletiva de porções do DNA. Prevê-se que, além do currículo, ao nível de uma entrevista de emprego, um dia seja requisitada uma gota de sangue ao candidato para posterior sequenciação do genoma, supondo que um determinado indivíduo tem predisposição para o desenvolvimento de uma doença aos 50 anos, como por exemplo Alzheimer. Através dessa gota, é possível determinar esta tendência, sendo que é do interesse da empresa não contratar tal pessoa, dado que existe grande probabilidade de, no futuro, não ser produtivo para a mesma. Negam-se, a priori, inúmeras oportunidades a esse indivíduo.

Mas nem tudo são más notícias; tal mapeamento permitirá diagnósticos mais precisos, tratamentos personalizados e, assim, uma maior eficácia. Ao nível da indústria farmacêutica, o tratamento de eventuais dados estatísticos potenciará o estudo do perfil das populações e, por conseguinte, o desenvolvimento de fármacos mais adequados. É ético negar tais avanços por receios de abuso desta tecnologia? É, de facto, um admirável mundo novo que à vista desarmada parece assustador. No entanto, as limitações são virtualmente inexistentes, podendo ser um benefício a longo prazo, desde que bem executado e, talvez, um passo natural na evolução natural das espécies inteligentes do universo. Independentemente da nossa perceção, as revoluções genéticas do futuro estão a ser desenvolvidas agora – no presente. O que outrora foi ficção científica surreal, está prestes a tornar-se realidade, constituída por inúmeras oportunidades e vastos desafios. Segue uma lista de recomendações relacionadas com o tema:

Filmes: Gattaca (1997), Minority Report (2002)



Relatório Minoritário, de Steven Spielberg (2002)

No ano de 2054, a criminalidade é virtualmente inexistente, devido à previsão, impedimento e condenação dos criminosos, sem os crimes ocorrerem. Uma excelente reflexão sobre o abismo entre predisposição para algo e a sua prática efetiva.



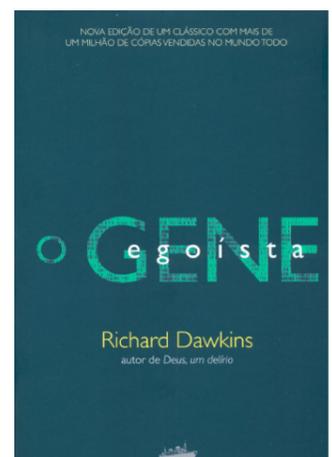
Gattaca, de Andrew Niccol (1997)

Um clássico intemporal. As revoluções biotecnológicas impõem a seleção e manipulação genética dos descendentes. Quem recusa estes avanços é marginalizado, materializando-se, assim, o conceito de eugenia.



Admirável Mundo Novo, de Aldous Huxley

Neste romance distópico, os avanços científicos fragmentaram a sociedade em castas insensíveis. A manipulação genética e condicionamento social unem-se para servir a estabilidade do estado único. Um excelente estimulante do debate crítico.



O Gene Egoísta, de Richard Dawkins

Exposição da teoria evolucionista das espécies que centraliza o gene, opondo-se às perspetivas focadas no organismo ou grupo de indivíduos. Neste livro, Dawkins equilibra o rigor científico com eloquência argumentativa e persuasiva.

A espécie humana aproxima-se de um desenvolvimento ao nível da engenharia genética que permitirá a manipulação genética de descendentes, erradicar diversas doenças e, possivelmente, alcançar um estatuto utópico – a eterna juventude.

Eterna juventude

Envelhecer é um processo natural da vida e, ainda que seja possível recorrer a tratamentos para retardar os efeitos do envelhecimento, como os cremes antirrugas que vemos na televisão ou comprimidos rejuvenescentes, é inevitável que os anos passem. No entanto, mesmo não sendo possível fugir às rugas, manter uma mente sã e atualizada, torna-nos jovens por dentro.

Maria Manuel Gorgueira, 12ºB

Muitos transformam a velhice em angústia e sofrimento, enquanto outros declaram que estão na melhor fase das suas vidas. Mesmo depois da reforma, é possível manter-se ativo, gastando a sola dos sapatos nas danças de salão, praticar artes marciais ou namorar.

Embora se mantenha um espírito jovem até à terceira idade, a eterna juventude é um assunto muito discutido, remontando à mitologia grega.

Deusa da Imortalidade e da Juventude Eterna, Hebe era filha dos deuses Zeus e Hera, tendo herdado de sua mãe o presídio dos casamentos e por isso reverenciada pelas noivas jovens. Casou-se com Hércules, herói que, após a sua morte, foi imortalizado, e com ele teve dois filhos, Alexiades e Anicetus, cujos nomes significam "aquele que afasta guerra" e "invencível". Por serem filhos da Deusa da Eterna Juventude, eles permaneceram eternamente crianças.

Intolerantes com o envelhecimento e brutalmente insensíveis com a experiência infantil, vivemos um processo de jovialização da cultura, no qual o ideal de juventude predomina socialmente como modelo, algo como um patamar a ser atingido e sustentado, indefinidamente, custe o que custar.

A eternização da juventude é praticamente uma religião.

**“Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadáver adiado que procria?”**

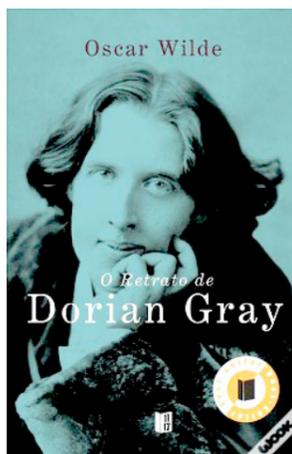
Fernando Pessoa, Mensagem

Pode até ser fascinante e, evidentemente, produtora de muito prazer e euforia e, por ser um sonho de difícil realização, insere-se na categoria das utopias.

Na literatura este tema é também abordado, como é o caso do livro “O retrato de Dorian Gray”, de Oscar Wilde, publicado pela primeira vez em julho de 1890, dando-nos conta de que a eterna juventude já era falada pelos nossos antepassados. Dorian Gray é um jovem invulgarmente belo por quem Basil Hallward, um pintor londrino, fica fascinado. Determinado a eternizar a beleza de Dorian numa tela, Basil convence-o a posar para ele. Numa dessas sessões, o jovem conhece Lorde Henry Wotton, um aristocrata cínico e hedonista, que o desperta para a beleza e o seduz para a sua visão do mundo, onde as únicas coisas que vale a pena perseguir são a beleza e o prazer. Horrorizado com o destino inevitável que o fará envelhecer e perder a sua beleza, Dorian comenta com os amigos que está disposto a tudo, até mesmo a vender a alma, para permanecer eternamente jovem e manter a sua beleza.

Mais recentemente, no filme “A idade de Adaline”, dirigido por Lee Toland Krieger e lançado em 2015, que conta a história de Adaline, uma bela jovem viúva de 29 anos sofre um acidente de carro e, milagrosamente, deixa de envelhecer durante oito décadas, tornando-se uma pessoa solitária como forma de preservar este segredo.

Histórias que retratam épocas diferentes, mas que acabam ambas por fazer uma crítica à sociedade que valoriza a aparência jovem acima de qualquer coisa e ensinando-nos que precisamos de valorizar e viver ao máximo cada momento do curso natural da vida e tudo o que ele representa.



Dorian Gray: da obsessão à degradação

Escrito de forma brilhante, abordando temas tabu da época, Oscar Wilde tece uma crítica à sociedade em questão, que se rege pela estética e pelo prazer, “O Retrato de Dorian Gray” faz jus à sua classificação de obra prima.

Matilde Barros- 11ºC

A história centra-se na vida do jovem esbelto pertencente à alta burguesia da sociedade oitocentista, profundamente hedonista e decadente de Londres, onde a estética, a juventude e o prazer eram postos no topo da hierarquia de valores.

O protagonista, Dorian Gray, despertou uma grande admiração e idolatria (sugerindo até uma paixão homossexual) pelo pintor Basil Hallward que resolveu imortalizar a sua imaculável figura num grande retrato.

Sob a influência de Lord Henry, um arrogante aristocrata com um grande poder de persuasão, inicialmente amigo de Basil, Dorian Gray perdeu as qualidades de boa pessoa que era. Henry fê-lo ver o lado fútil da vida, onde a sua beleza e o prazer que esta lhe poderia proporcionar era a única coisa que importava. Inconformado com o envelhecimento, com a deterioração física e psicológica que o esperava e com a perda da seu único trunfo, a sua boa imagem, por muitos invejada, Dorian desejou ficar para sempre igual ao retrato, vendendo a sua alma por uma espécie de elixir da eterna juventude (“Se fosse eu que ficasse sempre jovem e o retrato envelhecesse!...Para isso...para isso...daria tudo! Sim, nada há no mundo que eu não desse! Até a minha alma daria!”).

A partir daí, entrega-se aos prazeres da vida e passa a fazer tudo o que lhe apetece, seja ou não permitido, tornando-se num indivíduo narcisista, interesseiro e cruel, não tendo amadurecido nem crescido intelectualmente. Deslumbrado consigo próprio e achando que não havia problema algum, visto que a sua beleza iria conservar-se para sempre, cometeu inúmeros atos de duvidoso caráter moral. Enquanto isso o retrato envelhecia, comportando-se como o espelho da sua alma (“Que importava o que acontecesse à imagem pintada na tela? Ele ficaria indemne. Era tudo”).

Este romance filosófico é um exemplo perfeito da busca incessante da eterna juventude, considerada uma utopia, que todos nós gostaríamos de possuir. Passado mais de um século desde a data de lançamento do livro, este continua a ser um tema muito discutido, sendo este e a obra em questão, intemporais.

Sabemos que a vida tem um princípio e um fim. Nascermos frágeis, crescemos e tornamo-nos independentes, encontramos-nos na melhor condição física e psicológica, julgamos que somos capazes de tudo, até que, por fim, envelhecemos e entramos em decadência, voltando ao ponto de partida, à fragilidade. Todos queremos o melhor para nós e, por isso, custa-nos a assimilar que, a partir de uma certa altura, tudo em nós se vai deteriorar e que a velhice irá acabar com a beleza própria da juventude.

Vivendo numa sociedade dominada pela estética, como a de Londres de 1890 ou até mesmo a da atualidade no mundo ocidental, queremos a todo o custo sentir-nos integrados nesta, o que pode mesmo levar-nos a ficar obcecados em tentar encontrar soluções para atrasar o envelhecimento, já que é inevitável passar por ele.

Já dizia Rousseau, que os homens nascem bons, mas a sociedade os corrompe e este livro é reflexo disso mesmo. Dorian Grey era uma personagem de boa índole até ter sido influenciado de forma nefasta. Antes disso, vivia de forma descontraída e oposta da aristocracia em que se inseria, não tendo consciência da beleza que possuía. Se não nos sentíssemos pressionados a ser belos e se o “parecer” não fosse mais importante do que o “ser”, certamente viveríamos muito melhor connosco próprios e o aspeto físico não seria um problema, chegando apenas a mente jovem para nos manter ativos e criativos.

Muitas pessoas partilham da ideia de que os melhores momentos acontecem na juventude, mas deveremos viver presos a ela? Deveremos deixar que a nossa imagem defina o que nós somos? Deveremos deixar que a sociedade e a estética que gira à volta desta nos manipule?

Viagens no tempo e outros sonhos

Do latim tempus, a palavra tempo é a grandeza física que permite medir a duração ou a separação das coisas mutáveis ou sujeitas a alterações, determinando os séculos, épocas, períodos, anos e assim sucessivamente.

Maria Manuel Gorgueira, 12^ºB

A hipótese da viagem no tempo refere-se ao conceito de movimento para trás ou para a frente, através de pontos diferentes no tempo e algumas interpretações sugerem a possibilidade de viajar através de realidades paralelas.

Nos dias de hoje, através de visitas a museus e cidades pré-históricas, é possível viajar no tempo e conhecer os nossos antepassados, no caso do Museu Britânico e da Ilha da Páscoa ou então o Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, que oferece uma narrativa sobre a forma como poderemos viver e moldar os próximos 50 anos.

No meio artístico, as viagens no tempo são discutidas e feitas possíveis há já muito tempo: Isaac Asimov publicou em 1955 o livro de ficção científica *O fim da eternidade*, que conta a história de Andrew Harlan, um membro de uma organização que monitoriza e controla o tempo e que lida diariamente com o destino de biliões de pessoas no mundo inteiro, sendo a sua função alterar o curso da História. Em 1960, um filme britânico de ficção científica, *A Máquina do Tempo*, dirigido por George Pal, conta a história de um homem inglês que constrói uma máquina do tempo e a utiliza para viajar ao futuro.

A realização de uma viagem no tempo é considerada impossível, inserindo-se, por esta razão na categoria das utopias.

No meio científico, este tema é discutido de forma discreta, mesmo por ser um assunto com poucos avanços na área.

No entanto, o estudo das viagens no tempo apresenta várias possibilidades do ponto de vista físico.

Uma das principais evidências surgiu quando a velocidade da luz começou a ser medida e, durante essas experiências, os físicos notaram que o resultado era sempre o mesmo, que a

velocidade da luz era constante, ou seja, mesmo que a luz seja emitida por um objeto em movimento, a velocidade será sempre a mesma, por isso alguma outra variável envolvida precisava de estar em mudança, neste caso, o tempo. Essa foi uma das descobertas de Albert Einstein durante a elaboração da Teoria Especial da Relatividade, que punha a hipótese de se realizarem viagens para o futuro. A partir deste estudo, a nossa conceção sobre o tempo mudou, passando de absoluto e imutável, para relativo, podendo variar de acordo com as condições em que foi medido.

A viagem no tempo para o futuro, quando vista pela Física, não funciona como no cinema: não é possível entrar num automóvel e simplesmente aparecer numa época cheia de avanços tecnológicos e carros voadores. Porém, mesmo de forma pouco significativa, é possível avançar no tempo.

Os astronautas em órbita à volta da Terra, por se moverem rapidamente ao orbitar o nosso planeta, é possível perceber que o tempo, para eles, passou alguns milésimos de segundo mais lento e quando voltam a aterrar é como se estivessem no futuro, mesmo que por poucos segundos de diferença.

Em contrapartida, para viajar no passado, seria necessário que alguém conseguisse ultrapassar a velocidade da luz (aproximadamente $3,0 \times 10^8$ m/s), o que acarretaria uma quantidade absurda de energia, sendo por isso considerado um fenómeno impossível.

Concluindo, atualmente as viagens no tempo tornaram-se mais do que apenas um tema de ficção científica, transformando-se num assunto de pesquisas sérias, existindo um longo caminho até se conseguir viajar no tempo mais do que uns insignificantes segundos no futuro.

O termo “Utopia” foi criado por Thomas More, dando nome à sua grande obra literária publicada em 1516, significando aquilo que não pertence a nenhum lugar. O sentido comum que lhe é dado actualmente é o de quimera ou de projecto irrealizável. No entanto, a filosofia política atribui à palavra utopia o significado de uma descrição concreta da organização de uma sociedade ideal.

Maria Manuel Gorgueira, 12^ºB

Ainda que a utopia esteja completamente desfasada da realidade e não permita qualquer transformação verdadeira na sociedade, a verdade é que viver num sítio onde todos são tratados de igual modo e tudo é perfeito sempre foi um dos maiores sonhos do ser humano e, devido a isto, a capacidade de pensar transcendentalmente possibilitou a existência de ideias progressistas ao longo da história e que passaram a ser incorporadas em movimentos concretos de transformação social.

Colocadas em prática em diferentes épocas e todas com ideais muito modernos e diferentes, quase todas as propostas utópicas caracterizaram-se por possuírem algumas semelhanças: todos os responsáveis por estas ideias acreditavam que na altura pré-histórica e da formação dos primeiros habitantes do mundo todos os tipos de bens estavam ao dispor, sem qualquer

entrave.

Apesar de tantos sonhos e esforços para alcançar uma sociedade mais justa e igualitária, a maioria das experiências culminaram em fiascos e aquelas que tomaram algum rumo, não obtiveram os melhores resultados. Resultados estes tão catastróficos que deram razões a José Saramago (1922-2010), para dizer que Se pudesse, apagaria dos dicionários e da mente das pessoas o conceito de utopia: provocou mais danos do que benefícios.

Um exemplo disso foi o da cidade alemã de Munster, onde, em 1534, uma seita anabatista cujo objetivo era criar uma Nova Jerusalém, onde se seguiriam os princípios e ensinamentos da Bíblia, conquistou o poder, o que deixou a população à mercê de um fanatismo desenfreado, sendo obrigada a partilhar todos os bens que possuía. A cidade foi purificada de católicos e luteranos e os dissidentes foram executados.

Na segunda metade do século XIX, Davide Lazzaretti, um pregador italiano, defensor de inovações escandalosas para a época, como o direito de voto para as mulheres ou o fim do celibato para os sacerdotes, fundou na Toscana a comunidade de Nova Sião, onde havia comunhão de bens entre os fiéis, usava-se um uniforme e trabalhava-se de sol a sol, tendo que todos os membros participar na construção das estruturas comunitárias. Contudo, como escreve Petacco, surgiram todas

as fraquezas humanas que sempre impediram a criação de um mundo perfeito e acabaram por surgir confrontos entre os membros, deserções e acusações de fraude e, também este caso, não teve um final feliz.

No entanto, apesar de tanta desgraça, existiram utopias que acabaram por não se tornar um inferno e abriram uma janela para o futuro.

São exemplo disso as cidades-jardins que Ebenezer Howard (1850-1928), durante a Revolução Industrial, idealizou com o objetivo de fazer coexistir e espaço urbano e a natureza, tendo sido reproduzido em muitos países, como a Amadora em Portugal.

Com o objetivo de ruralizar a urbe, urbanizando em simultâneo as zonas rurais, o espanhol Arturo Soria (1844-1920) foi o motivador da construção da Cidade Linear, hoje um bairro de Madrid.

Ao mesmo tempo, os futuristas planeavam a construção da Città Nuova, um local ágil, dinâmico, repleto de luzes deslumbrantes e máquinas ensurdecedoras, edifícios imponentes e meios de transporte velozes.

Em suma, a idealização de projetos sociais desconectados da realidade objetiva da sociedade nem sempre tiveram o melhor resultado, acabando mesmo em catástrofe, mas, em contrapartida, existiram outros projetos que contribuíram para modernizar o mundo e fazer avanços em direção ao presente em que nos encontramos.

**“O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp’rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -
Os beijos merecidos da Verdade.”**

Deus ex machina

A inteligência artificial (I.A.) fascina-me. O edifício do conhecimento desta, para o cidadão vulgar, é alicerçado em filmes, livros e séries de ficção científica. Na verdade, é do interesse cinematográfico e comercial estabelecer uma conceção antropocêntrica da máquina, a fim traçar um laço afetivo entre o espetador e a mesma. Do mesmo modo que comparar um avião a um pássaro é uma analogia incongruente, essa conceção também o é.

Guilherme Moreira-12ºB

Em termos do estudo da I.A., a singularidade é um evento hipotético, rápido e colossal no qual uma super I.A. alcança “consciência”, a capacidade de se aperfeiçoar e, assim, ultrapassar o coletivo de inteligência humana proporcionando, deste modo, alterações imensuráveis na civilização humana podendo, num último plano, dominar a mesma.

Simplificando o panorama, o processador de um único computador executa operações matemáticas mais agilmente que qualquer indivíduo. Por oposição, até agora, a superioridade humana em relação a estas máquinas reside em abstrações. Confrontado com uma imagem, por exemplo, de uma festa, qualquer indivíduo consegue identificar o evento retratado instantaneamente, enquanto que um simples computador necessita de executar diversos algoritmos específicos, comparar os resultados desses com bases de dados, sendo este um processo lento. A expressão artística pertence ao foro íntimo do Homem: escrita de livros, pintura de quadros, música, teatro e cinema. Note-se que parte da identidade humana já está diluída em sistemas básicos de inteligência artificial: a rede neural PoeTryMe cria poemas em segundos, a plataforma Prisma mimetiza trabalhos de Van Gogh, Picasso, Levitan e outros padrões, a Jukedeck compõe trechos musicais e o projeto WaveNet da Google Deepmind simula a voz humana... Será assim tão utópico equacionar a hipótese de que

com o crescimento exponencial destas redes os talentos e aptidões humanas se tornarão obsoletos? Com a crescente proficiência multidisciplinar destes sistemas, que propósito ou desígnio resta para a espécie humana? Quão longe estamos de uma sociedade distópica com livros, músicas, filmes, quadros, comida concebidos por uma I.A.?

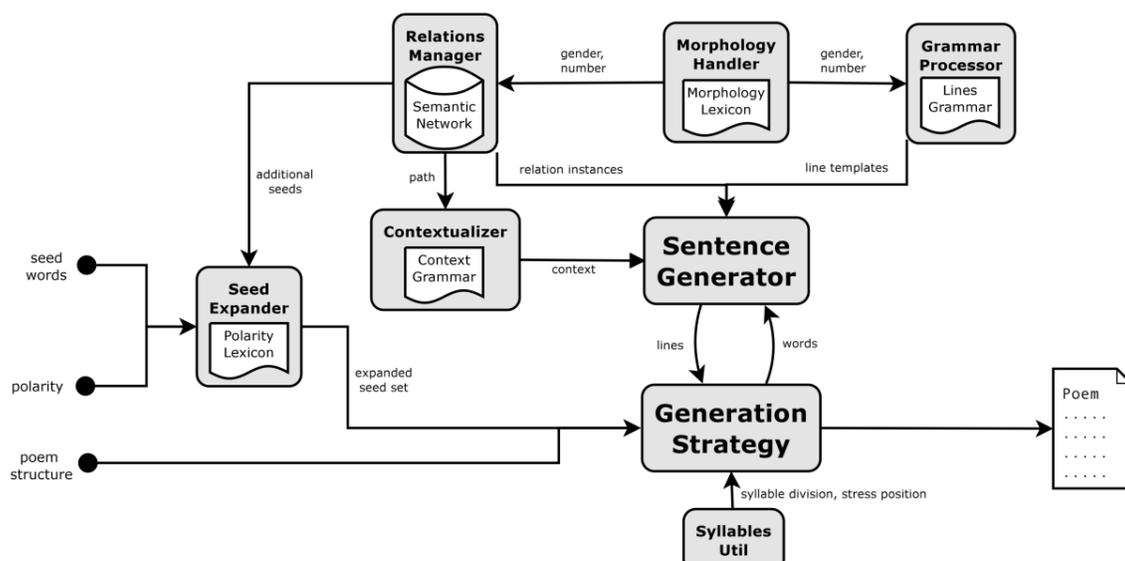
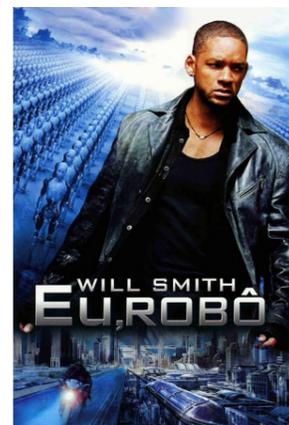
O alcance da singularidade, numa primeira abordagem, impulsionaria o desenvolvimento tecnológico, médico e social. Ao analisar os milhões de terabytes de dados disponíveis da rede, esta entidade poderia traçar perfis únicos para cada indivíduo, estudar tendências humanas, identificar flagelos sociais e formular soluções imparciais e vantajosas para todos os intervenientes de modo a alcançar a resolução dos mesmos. Tudo isto poderia ser sinónimo de um admirável mundo novo sem pobreza extrema, corrupção, doenças graves, sofrimento. Tendo em conta que esse “Deus” seria mais inteligente que o coletivo de seres humanos alguma vez existente, bastaria uma pequena divergência de interesses para obter consequências catastróficas? Em analogia, tentar controlar uma I.A. consciente seria tão absurdo como um conjunto de formigas procurar exercer controlo sob um único indivíduo, já que a diferença de inteligência entre ambos é abrupta.

Em particular, a experiência desastrosa Tay.ai conduzida pela Microsoft retratou alguns dos perigos ocultos dos sistemas de inteligência artificial. A premissa era simples: criar uma rede neural que mimetizava os padrões de uma adolescente americana, comunicando e aprendendo com os restantes utilizadores através do Twitter a fim de recolher dados para melhorar o sistema de apoio ao cliente automatizado da Microsoft. Em 16 horas a Tay.ai interpretou polos opostos da natureza humana, passou de “Os humanos são fixes.” para “Hitler estava certo, eu odeio judeus”, obrigando ao seu encerramento. Estas experiências, à partida inofensivas, materializam os perigos destes sistemas. Como converter um código moral em linguagem

binária e embuti-lo numa máquina a fim de identificar comportamentos nocivos e prejudiciais à estabilidade humana? Face à pluralidade desta entidade, a própria voz dos investigadores deste campo é divergente e contraditória. De um lado, entusiastas conscientes encaram o alcance da singularidade como algo inevitável, mas ao mesmo tempo alarmante, no processo tecnológico evolutivo. Elon Musk, Sam Harris, Stephen Hawking e Nick Bostrom partilham a mesma preocupação face a estes avanços. No polo oposto, outros rejeitam a hipótese de tal acontecer, Andrew Ng compara a pertinência do debate acerca de receios da ascensão das máquinas à preocupação de sobrepopulação humana em Marte.

Para que tal cenário apocalíptico se verificasse, a inteligência artificial teria de alcançar um estado que permitisse exercer, plenamente, todas as suas decisões e de se responsabilizar pela sua aprendizagem, melhoria. Eventualmente, monopolizaria o planeta. Não porque desenvolvesse sentimentos de ódio ou repulsa pelo Homem, mas sim numa perspetiva de otimização e maximização do potencial do planeta.

Hoje em dia, a inteligência artificial é um perigo para o Homem? Não. Será num futuro próximo? Talvez sim. Quão próximo é esse futuro? Em teoria, caso a evolução computacional se mantenha constante, não é muito longe. Estamos na iminência de construir uma espécie de Deus. Agora é um bom momento para garantir que é um Deus com o qual possamos coexistir.



Campanhas de sensibilização ambiental

Campanha de recolha de pilhas e baterias

“Ecopilhas” – Pilhão vai à Escola

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal participa na campanha – Escola Eletrão, que tem como objetivo sensibilizar os jovens e respetivas famílias para a importância de encaminhar corretamente os resíduos e, proactivamente, protegermos o ambiente e o nosso Planeta.

Ao longo do ano letivo, em todas as escolas do Agrupamento, decorre a campanha de recolha de pilhas e baterias. Encontram-se pilhões em todas as escolas, prontos a receber as pilhas usadas. Os dinamizadores da campanha são os alunos de 3º e 4º anos de todas as escolas do Agrupamento orientados pelos professores que participam no projeto, “Espaço Ciência”.

Os pilhões, depois de cheios, são recolhidos pela empresa “Ecopilhas” promotora da campanha a nível nacional. O Agrupamento recebe os prémios correspondentes ao número de pilhões recolhidos.

Tratando-se de uma atividade de educação ambiental, solicitamos o apoio de todos e convidamos a Comunidade Educativa a depositar as pilhas nos pilhões.

Colabore em prol do ambiente e ajude o nosso Agrupamento a ganhar prémios

Campanha de recolha de material elétrico e eletrónico

“Escola-Eletrão”

Está a decorrer durante o ano letivo, até ao fim do mês de maio, a campanha de recolha de material elétrico e eletrónico. É uma campanha apoiada pela Direção-Geral de Educação que pretende sensibilizar os alunos e a comunidade escolar para o correto encaminhamento dos resíduos de equipamentos elétricos e eletrónicos (REEE). Um dos problemas associados aos REEE é a presença de substâncias perigosas para o ambiente e para a saúde. Como por exemplo, o arsénio, o amianto, o chumbo, o cádmio, o crómio, o mercúrio, o cloreto de polivinilo e entre outros.

Os equipamentos de pequenas ou médias dimensões devem ser colocados em contentores – Ponto Eletrão - que se encontram no átrio da escola sede. Os de grandes dimensões (frigoríficos, arcas congeladoras, etc.) serão recolhidos no domicílio, pela empresa de recolha.

Projeto “Espaço-Ciência” estimula conhecimento científico dos mais novos

O Agrupamento de Escolas Abade de Baçal está a desenvolver um projeto inovador ao nível da articulação didática, científica e pedagógica, destinado aos alunos que frequentam o 3º e 4º anos do ensino básico. Visa levar as ciências experimentais às seis escolas do primeiro ciclo do Agrupamento.

Adília Silva

O objetivo não é realizar as experiências já planificadas pelos professores do primeiro ciclo, mas sim, em coordenação com estes e considerando sempre a faixa etária dos alunos alvo, desenvolver, durante o ano letivo, atividades que fomentem a curiosidade, a observação, a experimentação, o trabalho colaborativo e que promovam o entusiasmo e a motivação através da exploração prática das ciências experimentais.

ciências experimentais.

O “Espaço Ciência” é o nome do projeto criado pelo Departamento de Ciências Experimentais que, depois de aprovado pelo Conselho Pedagógico, foi operacionalizado pela Direção Executiva do Agrupamento. Este projeto está a ser desenvolvido num espaço semanal de 60 minutos, inserido nas Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC), definidas no Despacho Normativo nº 10A/2015, de 19 de junho de 2015.

IMPLEMENTAÇÃO

A equipa dinamizadora do projeto é constituída por seis professores do Departamento de Ciências Experimentais. Estes docentes planificam e preparam, semanalmente, os equipamentos e os materiais organizando-os num Kit experimental que transportam para as seis escolas básicas do Agrupamento. Deslocam-se todas as semanas às escolas

do 1º ciclo e, com apoio dos professores do 1º ciclo destacados para o efeito, acompanham os alunos durante a realização e a exploração das experiências.

As atividades são apresentadas aos alunos sob a forma de desafio, orientadas por um Roteiro de Aprendizagem, que promove o questionamento, o registo de observações, a formulação de hipóteses e a organização das respostas que, cada aluno, após preenchimento guarda no seu portefólio.

Os grupos de trabalho são constituídos por dois alunos que partilham a execução das tarefas, a exploração das atividades experimentais, a apresentação das observações e das conclusões.

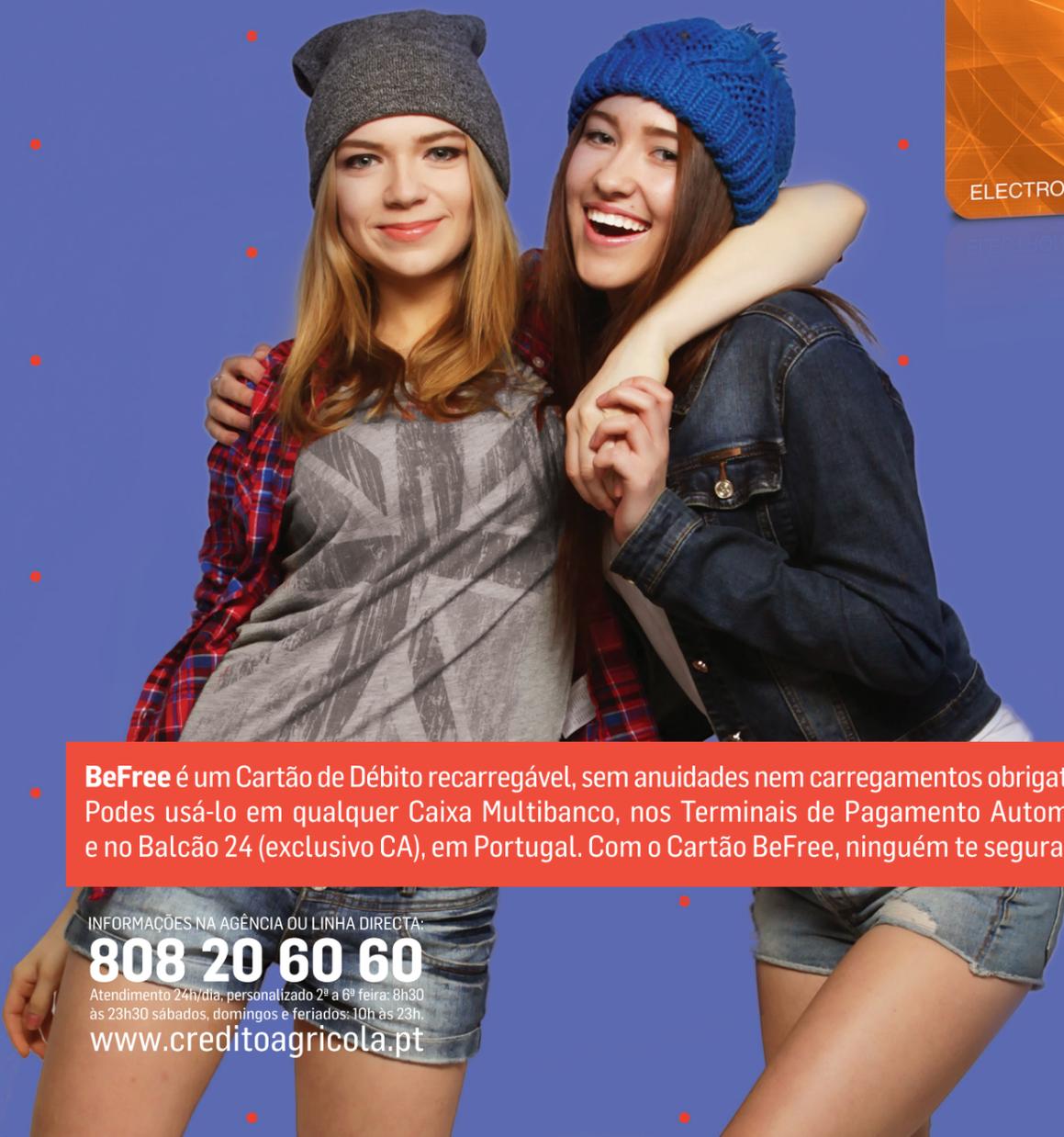
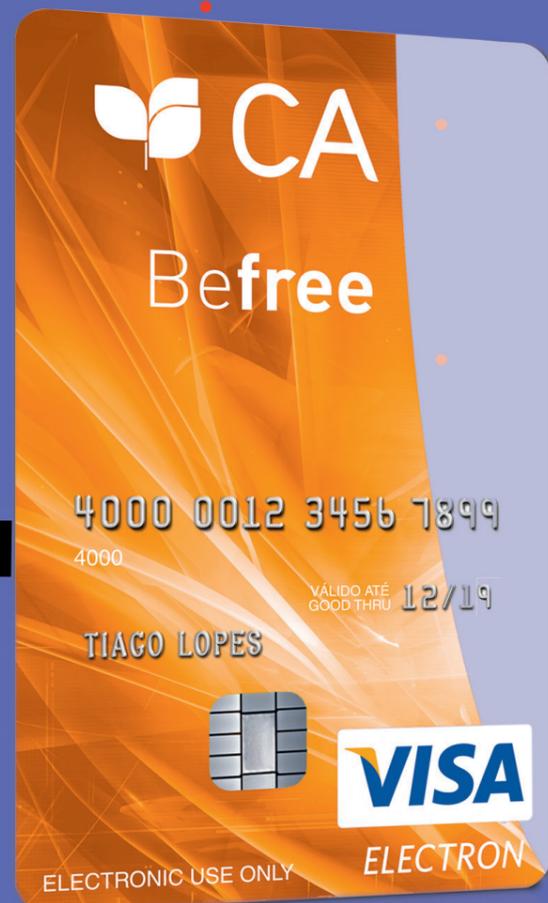
Algumas imagens ilustrativas do entusiasmo dos alunos e do seu envolvimento na realização das atividades.



CA Jovens

CARREGADO DE VANTAGENS.

PARA TUDO E MAIS ALGUMA COISA.



BeFree é um Cartão de Débito recarregável, sem anuidades nem carregamentos obrigatórios. Podes usá-lo em qualquer Caixa Multibanco, nos Terminais de Pagamento Automático e no Balcão 24 (exclusivo CA), em Portugal. Com o Cartão BeFree, ninguém te segura.

INFORMAÇÕES NA AGÊNCIA OU LINHA DIRECTA:

808 20 60 60

Atendimento 24h/dia, personalizado 2º a 6ª feira: 8h30 às 23h30 sábados, domingos e feriados: 10h às 23h.

www.creditoagricola.pt



Crédito Agrícola

O Banco nacional
com pronúncia local

Desde 1911